

CARLUCCI MEDEIROS DE SOUZA LIMA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**DA POSSE AO “MENSALÃO”: ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO DISCURSO
POLÍTICO DE LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA NA PRESIDÊNCIA DA
REPÚBLICA**

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2009

CARLUCCI MEDEIROS DE SOUZA LIMA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**DA POSSE AO “MENSALÃO”: ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO DISCURSO
POLÍTICO DE LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA NA PRESIDÊNCIA DA
REPÚBLICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Linguística do Texto e do Discurso

Linha de pesquisa: Análise do Discurso

Orientador: Prof. Dr. Antônio Augusto Moreira de Faria

Mestrando: Carlucci Medeiros de Souza Lima

Belo Horizonte

Faculdade de Letras da UFMG

2009

Dedicatória

Dedico este trabalho a minha esposa, Gilda, por sempre me incentivar a percorrer o caminho de meus ideais. À Gabriela, minha filha, pela compreensão e pela paciência.

Agradecimentos

Ao Prof. Dr. Antônio Augusto Moreira de Faria, pela seriedade com que dirigiu este trabalho;

Ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais;

Ao amigo Aurélio Takao Vieira Kubo, importante leitor deste trabalho;

A Deus, pelo dom da vida, que Ele nos dá com gratuidade.

Dissertação defendida em 15 de março de 2009, diante da banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Antônio Augusto Moreira de Faria – UFMG-PosLin (orientador)

Prof. Dr. Paulo Henrique Aguiar Mendes – PUC/MG

Prof. Dr^a. Gláucia Muniz Proença Lara – UFMG-PosLin

Prof. Dr. José Ângelo Machado-UFMG-FAFICH (suplente)

Sumário

Dedicatória	2
Agradecimentos	3
Sumário	5
Lista de pronunciamentos de Lula	6
Resumo	7
Abstract	9
Introdução	12
CAPÍTULO 1 – Bases teóricas e metodológicas	14
1.1. Discurso	14
1.2 Intradiscurso	15
1.3 Interdiscurso	18
1.4 Estratégias de persuasão ideológica	21
1.4.1 Seleção lexical	21
1.4.2 Mobilização de personagens discursivas	22
1.4.3 Implícitos e explícitos	24
1.4.4 Silenciamento	26
1.5 Procedimentos metodológicos	27
CAPÍTULO 2 – Aspectos do Pronunciamento de Posse	28
CAPÍTULO 3 – Aspectos do Pronunciamento na 11ª Reunião Ministerial	35
CAPÍTULO 4 – Aspectos da entrevista ao milésimo programa Roda Viva	47
CAPÍTULO 5 – O jogo de imagens	80
CAPÍTULO 6 – Conclusões	96
Referências bibliográficas	101

Lista de pronunciamentos de Lula

Abaixo, listamos os pronunciamentos dos quais foram retirados os trechos analisados nesta dissertação. A numeração empregada guarda correspondência com o segundo algarismo presente no subtítulo que introduz os trechos dos pronunciamentos analisados.

1. Pronunciamento de posse na Presidência da República. Brasília, 01 de janeiro de 2003. www.radiobras.gov.br/integras;
2. Pronunciamento à nação durante a 11ª reunião ministerial, em 12 de agosto de 2005. Disponível em http://www.radiobras.gov.br/materia_i_2004.php?materia=235638&editoria; acesso em 03 de dezembro de 2006.
3. Entrevista ao milésimo programa *Roda Viva*, da TV Cultura (São Paulo). DVD *Roda viva. O Brasil passa por aqui: Luiz Inácio Lula da Silva*, 07/11/2005. Cultura/marcas.

Resumo

Esta dissertação volta sua atenção para as relações entre discurso e ideologia, abordadas a partir de teoria linguística do discurso que se concentra na articulação entre intradiscurso e interdiscurso, conforme mostramos no capítulo 1: *Bases teóricas e metodológicas*. Nossa análise se atém ao discurso político de Luiz Inácio Lula da Silva na Presidência da República da posse, em 2003, a uma crise política cujo ápice se deu em julho de 2005 — a denominada crise do “Mensalão”.

Os textos selecionados para nossa pesquisa são o pronunciamento de posse, de janeiro de 2003, a 11^a reunião ministerial, de agosto de 2005, e a entrevista ao milésimo programa *Roda Viva*, da TV Cultura, de novembro de 2005. Em decorrência do tema da pesquisa, nesse universo discursivo é recortado, no âmbito do interdiscurso, o campo discursivo político. E, intradiscursivamente, relacionam-se o percurso semântico das relações políticas (**PSRP**), o percurso semântico da economia (**PSE**), o percurso semântico das condições de vida (**PSCV**) e o percurso semântico das relações religiosas (**PSRR**).

No capítulo 2, intitulado *Aspectos do pronunciamento de posse*, nosso objetivo é analisar aspectos intradiscursivos e interdiscursivos do pronunciamento de posse. Nesse capítulo identificamos os principais temas recorrentes no pronunciamento de posse, em janeiro de 2003, e os principais percursos semânticos intradiscursivos nos quais os temas podem ser situados. E no nível do interdiscurso, enfatizamos as oposições entre o discurso do Presidente Lula e outros discursos.

No capítulo 3, *Aspectos do pronunciamento na 11^a reunião ministerial*, abordamos a crise política deflagrada no primeiro mandato de Luiz Inácio Lula da Silva, conhecida como crise do “Mensalão”. No intradiscurso, continuamos com a identificação de percursos semânticos (**PSCV**, **PSE**, **PSRP**) e de seus respectivos temas. Por sua vez, no interdiscur-

so, relacionamos os percursos semânticos às oposições constitutivas de discursos contra os quais o de Lula se posiciona.

No capítulo 4, cujo título é *Aspectos da entrevista ao milésimo programa Roda Viva*, identificamos, no intradiscurso, o **PSCV**, o **PSE** e o **PSRP** por meio de temas e figuras articulados no texto da entrevista. A relação entre esses percursos semânticos é fundamental para sustentar argumentos que Lula usa ao defender seu ponto de vista sobre aquela crise política. Nesse capítulo, enfatizamos a defesa do Presidente diante da acusação oposicionista que o responsabiliza por conivência com o “Mensalão”. Por isso evidenciam-se no capítulo em pauta as estratégias de persuasão, mais do que outras relações intra e interdiscursivas.

No capítulo 5, *O jogo de imagens*, o assunto é a imagem que o Presidente constrói de si e do país sob seu governo. Aqui, valemo-nos de Pêcheux para explicitar a imagem que o “destinador” (Presidente Lula) constrói de si, de seus destinatários (jornalistas, telespectadores, aliados e adversários políticos, povo brasileiro etc) e do referente (a crise do “Mensalão”).

A pesquisa nos permitiu estabelecer a imagem que Luiz Inácio Lula da Silva apresenta de si, como governante, e do Brasil: a de um presidente honesto e fiel aos princípios democráticos e éticos, e conhecedor dos anseios de milhões e milhões de brasileiros, no entanto traído por correligionários que, em um sistema político falho, teriam envolvido seu governo em uma crise política; e a imagem de um Brasil que, apesar do Mensalão, teria melhorado nos campos político, econômico e social.

Abstract

This paper directs its attention to the relations between discourse and ideology, approached based on the linguistic theory of the discourse which is focused on the articulation between intradiscourse and interdiscourse, as we show on chapter 1: *Theoretical Methodological Basis*. We analyze the political discourse of Luiz Inácio Lula da Silva from when he took the position as the President of the Republic in 2003 to a political crisis that had its worst moment in July 2005 – this crisis was named “Mensalão”.

The texts selected to our research are the speech of the president when he took over the position in January 2003, the 11th Ministerial Meeting in August 2005, and the interview in the 1000th *Roda Viva* program of TV Cultura in November 2005. Due to the theme of this research, the discursive political field is extracted from this discursive universe, on the interdiscursive plan. In an intradiscursive format we relate the semantic pathway of the political relations (PSRP), the semantic economical pathway (PSE), the semantic pathway of life conditions (PSCV) and the semantic pathway of the religious relations (PSRR)

In chapter 2, entitled *Aspects of the inauguration speech* our aim is to analyze interdiscursive and intradiscursive aspects of that speech. In this chapter we identify the main themes and the main intradiscursive paths semantic in which these themes can be situated. In the level of the interdiscourse, we emphasize the oppositions between the President Lula's discourse and other discourses.

In chapter 3, *Aspects of the 11th Ministerial meeting*, we approach the political crisis triggered in the first mandate of Luiz Inácio Lula da Silva, known as the crisis of “Mensalão”. On the field of the intradiscourse, we continue the identification of semantic paths (PSCV, PSE, PSRP) and its themes. Besides, in the interdiscourse, we correlate the semantic pathways to the constitutive oppositions between the President Lula’s discourses and other discourses (and those of others).

In chapter 4, which title is *Aspects of the interview in the 1000th Roda Viva* program, we identify the PSCV, PSE and PSRP in the intradiscourse through themes and figures articulated in the text of the interview. The relation between these semantic paths is fundamental to sustain the arguments used by Lula when he defends his point of view about the political crisis. In this chapter we analyze the defense of the President when the opposition accuses him of being permissive to “Mensalão”. Because of that, the persuasion strategies become evident in this chapter.

In chapter 5, *The role of images*, we deal with the image that President builds about himself and the country under his government. Here, we mention Pêcheux to make explicit the image that the “sender” (President Lula) builds about himself, and his “receivers” (journalists, spectators, political colleagues and opponents, the Brazilian population, etc) and the “Mensalão” crisis itself.

This research allowed us to establish the image that Luiz Inácio Lula da Silva conveys about himself as a president, and about Brazil: an honest president, loyal to democratic and ethical principles, aware of the wills of millions of Brazilians. In spite of being betrayed by his colleagues who, inserted in a failed political system, involved his government

in a political crisis. As to Brazil, he presets the image of a country that in spite of “Mensalão”, has improved its political, economical and social fields.

Introdução

Este trabalho objetiva pesquisar aspectos da imagem que o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva constrói de si e do país sob seu governo. Especificamente procuraremos mostrar como se relacionam, no discurso¹ do Presidente, os níveis inter e intradiscursivo. Para compor o *corpus* da pesquisa serão considerados pronunciamentos feitos pelo Presidente durante o seu primeiro mandato (2003-2007), tanto na posse quanto na crise política deflagrada pela denúncia de que o governo federal pagaria propina a parlamentares em troca de apoio — denominada crise do “Mensalão”.

Não só o discurso político, mas toda produção discursiva encontra-se em constante inter-relação. Nesse sentido, a sociedade pode ser considerada uma grande rede interdiscursiva, o que se mostra, por exemplo, quando uma teoria científica surge em negação a uma outra anterior. Conforme Dominique Maingueneau, consideramos o interdiscurso, e não somente o discurso, como o espaço pertinente de análise, uma vez que “o interdiscurso tem precedência sobre o discurso” (2005, p. 21). Nesta dissertação, para alcançarmos o interdiscurso — o nível das relações de confronto — partiremos do nível intradiscursivo — o nível do texto, da materialidade linguística — manifestado nos pronunciamentos do Presidente Lula.

Assim, no plano teórico, o objetivo geral desta pesquisa consiste em investigar as relações entre os níveis inter e intradiscursivo que compõem o discurso. No plano da análise, o objetivo geral é descrever o discurso do Presidente Lula e identificar os principais sistemas de oposição em que esse discurso se insere.

¹ A palavra *discurso* referir-se-á a um “conjunto de temas e de figuras que materializa uma dada visão de mundo” (FIORIN, 1988, p.32), isto é, a “um sistema de regras que define a especificidade de uma enunciação” (MAINGUENEAU, 2005, p.19) — cf. seção 1 desta dissertação, “Bases teóricas e metodológicas”. A palavra *pronunciamento* designará a fala proferida ao público, o texto previamente preparado e lido em público pelo Presidente Lula. Assim, os *pronunciamentos* do Presidente integram parte do *discurso* que ele enuncia.

Nossos objetivos específicos são:

1. Identificar, no intradiscurso, os principais percursos semânticos, para identificar a ideologia que o discurso do Presidente Lula defende;
2. Identificar, no interdiscurso, as oposições constitutivas, para chegar a discursos aos quais o do Presidente Lula se opõe;
3. Estabelecer as relações entre os percursos semânticos intradiscursivos e as oposições constitutivas interdiscursivas;
4. Identificar as estratégias de persuasão mais relevantes para o discurso considerado: seleção lexical, mobilização de personagens, silenciamento e relação entre explícitos e implícitos;
5. A partir dos objetivos anteriores, estabelecer a imagem que o Presidente Lula constrói de si e do país sob seu governo.

CAPÍTULO 1

Bases teóricas e metodológicas

1.1. Discurso

Para J. L. Fiorin, o **discurso**

é uma unidade do plano de conteúdo, [que] precisa unir-se a um plano de expressão para manifestar-se. Chamamos manifestação à união de um plano de conteúdo com um plano de expressão. Quando se manifesta um conteúdo por um plano de expressão, surge um texto (1989, p. 31).

O plano de conteúdo, para Fiorin, compreende “um conjunto de temas e de figuras que materializa uma dada visão de mundo” (1988, p. 32).

Para D. Maingueneau, o discurso refere-se a “um sistema de regras que define a especificidade de uma enunciação” (2005, p. 19) e a “um conjunto de restrições de boa formação semântica (a formação discursiva)” (id., p. 20).

A. A. M. Faria (2001b, p. 242) aponta a compatibilidade e a complementaridade entre os conceitos de discurso e de formação discursiva propostos, respectivamente, por Fiorin e Maingueneau. Esses conceitos serão aqui tomados indistintamente.

O discurso não existe sem ideologia. Fiorin, depois de analisar exemplos de idéias que fazem parte das crenças da população e de teorias científicas, define ideologia:

A esse conjunto de idéias, a essas representações que servem para justificar e explicar a ordem social, as condições de vida do homem e as relações que ele mantém com os outros homens é o que comumente se chama ideologia. (2002, p. 28)

Fiorin ainda chama a atenção para a relação entre discurso e ideologia:

Uma formação ideológica deve ser entendida como a visão de mundo de uma determinada classe social, isto é, um conjunto de representações, de idéias que revelam a compreensão que uma dada classe tem do mundo. Como não existem idéias fora dos quadros da linguagem, entendida no seu sentido amplo de instrumento de comunicação verbal ou não-verbal, essa visão de mundo não existe desvinculada da linguagem. Por isso, a cada formação ideológica corresponde uma formação discursiva, que é um conjunto de temas e de figuras que materializa uma dada visão de mundo. (2002, p. 32)

A título de exemplificação, na década de 70 D. K. Fieldhouse, em artigo sobre a economia da África, evitava as palavras *exploração* e *imperialismo* afirmando que elas não seriam para “*estudiosos sérios*, porque seu significado há muito vem ficando confuso por causa de *conceitos ideológicos*” (apud I. MÉSZÁROS, 2004, p. 58). H. Magdoff² (apud MÉSZÁROS, 2004, p. 58) posiciona-se deste modo diante do artigo de Fieldhouse:

Os *estudiosos sérios* em geral não têm problemas com palavras dotadas de forte carga emocional — como, por exemplo, assassinato, estupro ou sífilis —, mesmo quando os costumes existentes desaprovam tal uso na sociedade educada. É bem significativo que, com o passar dos anos, esses estudiosos fiquem eriçados apenas contra um certo tipo de palavra. Assim, não apenas “imperialismo” e “exploração imperialista”, mas também um termo tão importante do vocabulário socioeconômico como “capitalismo”, são tratados pelos acadêmicos com extrema cautela. (MAGDOFF, 1978, p.148)

Na verdade, podemos dizer que há, na preocupação de evitar palavras como *exploração* e *imperialismo*, uma tentativa de consenso que se torna conveniente à classe dominante e a sua ideologia, nas sociedades capitalistas contemporâneas.

1.2 Intradiscurso

O conceito de **intradiscurso** relaciona-se ao que se compreende por texto como manifestação de um plano de conteúdo.

Faria emprega a categoria de **percurso semântico** como a principal categoria de análise do intradiscurso. A noção de percurso semântico “engloba os conceitos greimasianos de percurso temático e percurso figurativo, por se tratarem ambos de revestimentos — mais abstratos ou mais concretos, respectivamente — de estruturas narrativas” (FARIA, 2001b, p. 254, sublinhados no original).

Adotaremos o conceito de percurso semântico considerando sempre a noção de “recorrência”, ou seja, o percurso semântico corresponde a uma “recorrência”, ao longo do

² MAGDOFF, Harry. *Imperialism: from the Colonial Age to Present*. Nova York: Monthly Review Press, 1978, p. 148.

discurso, de elementos subjacentes (FARIA,1999, p. 142). Nesta pesquisa, os elementos distintivos subjacentes aos percursos semânticos serão denominados **traços discursivos**.

Ainda quanto aos percursos semânticos, a noção de traço discursivo subjacente é importante porque um discurso A, no nível intradiscursivo, constrói-se sobre percursos semânticos e em oposição, no nível interdiscursivo, a um discurso B, por sua vez também construído sobre percursos semânticos. Conseqüentemente, o traço discursivo distintivo subjacente a um percurso semântico do discurso A opõe-se ao traço discursivo distintivo subjacente a um percurso semântico do discurso B. O elemento subjacente é a marca (ou atributo) distintiva mais abstrata a que podemos chegar relativamente a um discurso dado (FARIA, 2001a, p. 33; 2001b, p. 256).

Na perspectiva teórica adotada por Faria, “a formação discursiva tem em seu intradiscorso um ou mais percurso(s) semântico(s) — temático(s) ou figurativo(s)” (2001b, p. 254). Isso pode ser exemplificado a partir dos fragmentos discursivos seguintes (Fragmento 1.1; Fragmento 2.1; Fragmento 3.1).

Fragmento 1.1³

Em nenhum momento vacilarei em cumprir cada palavra que José Alencar e eu assumimos durante a campanha. Durante a campanha não fizemos nenhuma promessa absurda. O que nós dizíamos — e eu vou repetir agora — é que **nós iremos recuperar a dignidade do povo brasileiro, recuperar a sua auto-estima e gastar cada centavo que tivermos que gastar, na perspectiva de melhorar as condições de vida de mulheres, homens e crianças que necessitam do Estado brasileiro.** (linhas 13-17, p. 28)

No Fragmento 1.1 encontramos o percurso semântico das condições de vida (**PSCV**), negrito. Expressões como *recuperar a dignidade*, *recuperar a auto-estima* e *melhorar as condições de vida* deixam implícito, pressuposto,⁴ que a *dignidade e as con-*

³ Na numeração que identifica cada fragmento intradiscursivo apresentado nesta dissertação, o primeiro algarismo indica a progressão cardinal dos fragmentos, enquanto o segundo algarismo indica o pronunciamento do qual o trecho foi retirado. Desse modo, este primeiro fragmento (Ver lista de pronunciamentos de Lula na página 6) foi extraído do pronunciamento de posse, em Brasília, 01 de janeiro de 2003.

⁴ Catherine Kerbrat-Orecchioni considera *pressupostas* “todas as informações que, não postas abertamente, (...) são, entretanto, automaticamente acarretadas pela formulação do enunciado no qual elas se encontram

dições de vida estão degradadas e a auto-estima está diminuída. O que nos autoriza a considerar a postulação do traço discursivo /dignidade/ para o PSCV.

Fragmento 2.1

Nós temos uma história construída junto com vocês. A nossa vitória não foi o resultado apenas de uma campanha que começou em junho deste ano e terminou em 27 de outubro; antes de mim, companheiros e companheiras lutaram. Antes do PT, companheiros e companheiras morreram neste país, lutando por conquistar a democracia e liberdade. (linhas 18-21, p. 29)

A seleção lexical *campanha, companheiros, companheiras, PT, democracia e liberdade* explicita o tema da luta política democrática. Como se sabe, a seleção lexical de *companheiro* é um identificador de militantes políticos, entre eles os membros do Partido dos Trabalhadores, como “camarada” identificava aquele que participava do Partido Comunista. No Fragmento 2.1, há de se notar *antes de mim, companheiros e companheiras lutaram. Antes do PT, companheiros e companheiras morreram neste país, lutando por conquistar a democracia e a liberdade* como uma parcela do percurso semântico das relações políticas (**PSRP**), com relação ao qual postulamos o traço discursivo subjacente /poder/.

Outro percurso semântico que se faz presente no pronunciamento de posse é o das relações religiosas (**PSRR**):

Fragmento 3.1

E tenho fé em Deus que a gente vai garantir que todo brasileiro e brasileira possa, todo santo dia, tomar café, almoçar e jantar, porque isso não está escrito no meu programa. Isso está escrito na Constituição brasileira, está escrito na Bíblia e está escrito na Declaração Universal dos Direitos Humanos. E isso nós iremos fazer juntos. (linhas 60-63, p. 30)

As figuras *fé em Deus, santo dia e escrito na Bíblia* concretizam o tema da religião e integram o **PSRR**. Nesse fragmento do pronunciamento de posse, também ocorre, super-

intrinsecamente inscritas, qualquer que seja a especificidade do quadro enunciativo” (1986, p. 25, nossa tradução.).

posto ao **PSRR**, o percurso semântico das condições de vida (**PSCV**), com o traço discursivo /dignidade/. O traço discursivo que identificamos como subjacente ao **PSRR** é /fé/.

No Fragmento 3.1, assim como no Fragmento 2.1, o enunciador busca firmar um contrato discursivo com a personagem povo brasileiro. Enquanto implicitamente, por meio de subentendido, a forma *a gente* parece referir-se ao Presidente e à sua equipe de governo, a última frase (*e isso nós iremos fazer juntos*), porque inclui também implicitamente (subentendido) o povo brasileiro, busca apoio dessa personagem, o povo.

1.3 Interdiscurso

Para compreender um discurso, é preciso entender que ele se constitui em interação com outros discursos, ele só existe enquanto interdiscurso — interação de discursos. E essa interação se dá principalmente por antagonismo, o que chamamos de oposição interdiscursiva. Como exemplo, podemos lembrar o estudo periodizante da literatura, em que um estilo de época só passa a existir em oposição ao(s) que o antecede(m). É o caso do Realismo, que surge na segunda metade do século XIX opondo-se ao Romantismo, que predominou durante a primeira metade do mesmo século.

Ao trabalhar a noção de **interdiscurso**, Maingueneau utiliza três termos complementares: **universo**, **campo** e **espaço discursivo**.

a) universo discursivo: “conjunto de formações discursivas de todos os tipos, que interagem numa conjuntura dada. (...) constitui necessariamente um conjunto finito, mesmo que não possa ser apreendido em sua globalidade. (...) define uma extensão máxima, o horizonte a partir do qual serão construídos domínios susceptíveis de ser estudados, os campos discursivos.” (MAINGUENEAU, 2005, p. 35);

b) campo discursivo: “um conjunto de formações discursivas que se encontram em concorrência, delimitam-se reciprocamente em uma região determinada do universo discursivo. ‘Concorrência’ deve ser entendida de maneira mais ampla; inclui tanto o confronto aberto quanto a aliança, a neutralidade aparente etc... entre discursos que possuem a mesma função social e divergem sobre o modo pelo qual ela deve ser preenchida.” (*Idem*, p. 35-6);

c) espaço discursivo: “delimita um subconjunto do campo discursivo, ligando pelo menos duas formações discursivas que, supõe-se, mantêm relações privilegiadas, cruciais para a compreensão dos discursos considerados. Este é, pois, definido a partir de uma decisão do analista, em função de seus objetivos

de pesquisa. Não é por simples comodidade que determinados subconjuntos são recortados (porque seria difícil apreender um campo discursivo em sua totalidade), mas também e sobretudo *porque uma formação discursiva dada não se opõe de forma semelhante a todas as outras que partilham seu campo*: certas oposições são fundamentais, outras não desempenham diretamente um papel essencial na constituição e preservação da formação discursiva considerada.” (MAINGUENEAU, 1997, p. 117, grifos no livro)

Dado o tema da pesquisa, no universo discursivo será recortado o campo discursivo político. No interior desse campo, o espaço discursivo considerado será aquele em que se encontra o discurso político enunciado pelo Presidente Lula, em concorrência com outros discursos. Nesse espaço discursivo, perceberemos tanto “confronto aberto” quanto “aliança” com discursos que se formam no seio da sociedade. Como exemplifica o trecho⁵ adiante, em que a aliança fica evidente nas referências à esquerda da América Latina e do restante do mundo.

Embora tenha sido eleito Presidente do Brasil, tenho a nítida noção de que a nossa vitória representa esperança, não apenas aqui dentro, mas para a esquerda em todo o mundo e sobretudo para a esquerda na América Latina. (...)

Eu já estive na Argentina, já estive no Chile, já estive no Equador, e sei da expectativa que a América do Sul tem no Governo brasileiro. Eu sei a esperança que os socialistas do mundo inteiro têm no sucesso do nosso Governo.

Uma vez estabelecida a aliança com a esquerda, o governo do Presidente Lula seria, então, parte da consolidação da esquerda no mundo e, especificamente, na América Latina. É o que exemplifica o trecho⁶ abaixo.

Mais ainda: vocês estão lembrados que quando nós fomos a Cuzco, no ano passado, e criamos o G-20, não faltaram pessoas para fazer crítica, dizendo que aquilo era um fracasso, que a gente tinha rompido com os Estados Unidos, que a gente tinha rompido com a União Européia. Bobagem! O Brasil não tem interesse em romper com os Estados Unidos e com a União Européia, porque são nossos parceiros privilegiados, são nossos “primos ricos” e a gente não quer romper.

⁵ Extraído do pronunciamento no III Fórum Social Mundial. Porto Alegre, 24 de janeiro de 2003.

⁶ Extraído do pronunciamento de Lula na cerimônia de assinatura do Termo de Implantação do Pólo Mínero-siderúrgico de Corumbá (Campo Grande/MS, 22 fev. 2005).

Esse trecho exemplifica também um confronto no espaço discursivo em que se localiza o discurso do Presidente Lula. Em “não faltaram pessoas para fazer crítica” fica implícito, subentendido⁷, um autor de críticas a Lula: seu adversário político e ex-Presidente da República Fernando Henrique Cardoso.

Maingueneau afirma que a identidade de um discurso constrói-se sobre outros discursos e que

toda unidade de sentido, qualquer que seja o seu tipo, pode estar inscrita em uma relação essencial com uma outra, aquela do ou dos discursos em relação aos quais o discurso de que ela deriva define sua identidade. (MAINGUENEAU, 1997, p. 120)

Dáí a necessidade de estabelecer a categoria de **oposição constitutiva** como principal categoria de análise do interdiscurso, porque o discurso, nessa dimensão, “constrói-se por contradição, por oposição a outros discursos” (FARIA, 2001a, p. 31).

Em outras palavras, entre as relações semânticas dentro de cada espaço (inter) discursivo, estão as relações de contradição, de oposição:

Os textos têm a propriedade intrínseca de se constituir a partir de outros textos. (...) Um texto remete a duas concepções diferentes: aquela que ele defende e aquela em oposição à qual ele se constrói. Nele, ressoam duas vozes, dois pontos de vista. (FIORIN & SAVIOLI, 1996, p. 29)

O discurso que propomos analisar nesta dissertação pertence ao campo discursivo político, em que recortamos um espaço discursivo no qual se encontra o discurso do Presidente da República. No mesmo espaço discursivo, encontram-se os discursos dos adversários políticos. O embate entre o discurso do Presidente da República e outros discursos políticos exemplifica a noção de oposição constitutiva. No espaço discursivo, as oposições entre o discurso enunciado pelo Presidente da República e os discursos adversários são oposições constitutivas.

⁷ “Os *subentendidos*, diferentemente dos pressupostos, são conteúdos implícitos pragmáticos, isto é, inferências tiradas do contexto pelo co-enunciador, com a ajuda de um raciocínio mais ou menos espontâneo, que se apóia nos princípios (as leis do discurso) que regem a atividade discursiva. (...) O *subentendido* possui então três características: 1- sua existência é associada a um contexto particular; 2- ele é decifrado graças a um cálculo do co-enunciador; 3- o enunciador pode sempre recusá-lo, refugiar-se atrás de seu sentido literal.” (MAINGUENEAU, 1998, p. 131, itálicos e sublinhados no original). Cf. “1.4.3 Implícitos e explícitos”, p. 24.

1.4 Estratégias de persuasão ideológica

Outro aspecto teórico relevante para esta dissertação são as estratégias discursivas de persuasão ideológica: a seleção lexical, a mobilização de personagens discursivas, a relação entre implícitos e explícitos, e o silenciamento.

1.4.1 Seleção lexical

A **seleção lexical** diz respeito à escolha do vocabulário, dos termos que são caros a um discurso. A respeito da escolha das palavras, Chaim Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca afirmam em seu *Tratado da Argumentação* que “tal escolha é raramente desprovida de carga argumentativa”. (1996, p. 143)

A seleção lexical indica o ponto de vista adotado pelo enunciador, é um dos dados linguísticos que nos permitem caracterizar a visão de mundo defendida em um discurso. Ingedore Koch acrescenta que

a escolha de um determinado termo pode servir de índice de distinção, de familiaridade, de simplicidade, ou pode estar a serviço da argumentação, situando melhor o objeto do discurso dentro de determinada categoria. (KOCH, 1984, p. 156)

Como exemplificação, selecionamos um fragmento do pronunciamento de posse. Pela seleção lexical empregada, o pronunciamento ressalta a idéia de afinidade entre o povo e o Presidente Lula. Observem-se os trechos destacados em negrito.

Fragmento 4.1

Eu apenas tive a graça de Deus de, num momento histórico, ser **porta-voz dos anseios de milhões e milhões de brasileiros e brasileiras**. (linhas 22-23, p. 29)

Eu estou convencido de que hoje não existe, no Brasil, nenhum brasileiro ou brasileira **mais conhecedor da realidade e das dificuldades que vamos enfrentar**. (linhas 24-25, p. 29)

Eu não sou o resultado de uma eleição. **Eu sou o resultado de uma história**. (linha 28, p. 29)

A seleção lexical valoriza positivamente a personagem Luiz Inácio Lula da Silva, como mostram as expressões em negrito. Elas reforçam a idéia da necessidade e legítimi-

dade de sua eleição. O enunciador-personagem Lula constrói para si a imagem de portavoz legítimo e conhecedor dos anseios de “milhões e milhões de brasileiros e brasileiras”. Enquanto a legitimidade é decorrente da coerência de sua caminhada política, como podemos ver nos destaques em “Eu não sou **o resultado de uma eleição**. Eu sou **o resultado de uma história**”, o conhecimento do Brasil é afirmado em “não existe (...) nenhum brasileiro ou brasileira **mais conhecedor da realidade e das dificuldades que vamos enfrentar**”.

1.4.2 Mobilização de personagens discursivas

No intradiscurso, a **personagem discursiva** é mobilizada para manifestar um ponto de vista. Faria e Linhares, a propósito de um discurso empresarial, afirmam que

A maior ou menor precisão na correspondência entre as vozes presentes no discurso empresarial (as personagens criadas nesse discurso) e as personagens efetivamente existentes no mundo (...) está relacionada, entre outros fatores, com os efeitos ideológicos de sentido que o discurso procura criar. (1993, p. 35)

Em um efeito de sentido, como vemos no pronunciamento de posse, as personagens podem ser mobilizadas para afirmar supostas aptidões e competências do ente político que habita o texto-pronunciamento como enunciador e personagem.

Fragmento 5.1

Eu quero dizer a todos **vocês** que vieram de **Roraima**, do **Acre**, do **Amapá**, do **Amazonas**, que vieram de **Rondônia**, do **Mato Grosso**, do **Mato Grosso do Sul**, que vieram do **Maranhão**, do **Piauí**, do **Ceará**, que vieram do **Rio Grande do Norte**, da **Paraíba**, de **Alagoas**, de **Pernambuco**, de **Sergipe**, companheiros de **Brasília**, mas também companheiros da **Bahia**, de **Minas Gerais**, do **Espírito Santo**, **Rio de Janeiro**, **São Paulo**, **Paraná** e **Santa Catarina**; quero dizer inclusive ao povo do **Rio Grande do Sul**, aos meus irmãos de **Caetés**, minha grande cidade natal, que se chamava **Garanhuns**, aos companheiros de **Goiás**: podem ter a certeza mais absoluta que um ser humano pode ter, quando eu não puder fazer uma coisa, eu não terei nenhuma dúvida de ser honesto com o povo e dizer que não sei fazer, que não posso fazer e que não há condições. Mas eu quero que vocês carreguem também a certeza de que eu, em nenhum momento da minha vida, faltarei com a verdade com **vocês** que confiaram na minha pessoa para dirigir este país por quatro anos. (linhas 47-58, p. 29)

Nesse fragmento, a personagem Presidente dirige-se às personagens identificadas pelo pronome **vocês**, as quais são relacionadas com os trechos em negrito. A pluralidade espacial gera como efeito de sentido o apoio amplo que o Presidente haveria recebido no território nacional.

No fragmento a seguir, negritamos as personagens por meio das quais o Presidente enuncia uma alegação sobre sua inocência no episódio da crise política deflagrada por denúncias contra o seu governo, que estaria envolvido num esquema fraudulento denominado “Mensalão”.

Fragmento 6.2

[Eu] Ajudei a criar esse **partido** e, **vocês** sabem, perdi três eleições presidenciais e ganhei a quarta, mantendo-me sempre fiel a esses ideais, tão fiel quanto sou hoje. Quero dizer a **vocês**, com toda a franqueza, **eu** me sinto traído. Traído por práticas inaceitáveis das quais nunca tive conhecimento. Estou indignado pelas revelações que aparecem a cada dia, e que chocam o país. O **PT** foi criado justamente para fortalecer a ética na política e lutar ao lado do povo pobre e das camadas médias do nosso país. **Eu** não mudei e, tenho certeza, a mesma indignação que sinto é compartilhada pela grande maioria de todos **aqueles** que nos acompanharam nessa trajetória. (linhas 39-45, p. 37)

Nesse fragmento, o Presidente, diante de um “vocês”, isenta-se das “práticas inaceitáveis”. Ao mobilizar a personagem coletiva recuperada pelo pronome “aqueles”, o Presidente procura solidarizar-se com a personagem coletiva “grande maioria de todos **aqueles** que nos acompanharam nessa trajetória” e construir para si a imagem de quem estaria tão indignado quanto a personagem coletiva.

A seus interlocutores Lula diz que foi traído, uma vez que ele não teria conhecimento anterior sobre as “práticas inaceitáveis”, e que o PT teria sido criado para combater exatamente o que alguns membros do partido teriam praticado.

A seguir, Lula afirma que, uma vez sabedor das práticas inaceitáveis de algumas personagens de seu governo e/ou de seu partido, passou a tomar providências relacionadas com as personagens discursivas destacadas em negrito no fragmento a seguir:

Fragmento 7.2

Por ser o primeiro mandatário da nação, [eu] tenho o dever de zelar pelo estado de direito. O Brasil tem instituições democráticas sólidas. **O Congresso** está cumprindo com a sua parte, **o Judiciário** está cumprindo com a parte dele. **Meu governo**, com as ações da **Polícia Federal**, estão [sic] investigando a fundo todas as denúncias. Determinei, desde o início, que ninguém fosse poupado, pertença ao meu Partido ou não, seja aliado ou da oposição. Grande parte do que foi descoberto até agora veio das investigações da **Polícia Federal**. (linhas 48-53, p. 37)

A mobilização da personagem coletiva Polícia Federal procura apresentar comprometimento e eficácia da ação do Presidente em apurar a crise do “Mensalão”, uma vez que a Polícia Federal estaria “investigando a fundo” as denúncias e teria descoberto “grande parte” dos fatos apurados. A mobilização de outras personagens ocorre num ponto de vista maniqueísta. De um lado, estão os traidores do PT, autores das “práticas inaceitáveis” (Fragmento 6.2, p. 23). De outro lado, estão o Presidente, o Congresso e o Judiciário que estão cumprindo com a sua parte (Fragmento 7.2) e a grande maioria ainda fiel aos ideais do PT (Fragmento 6.2).

1.4.3 Implícitos e explícitos

Em nosso trabalho adotaremos a terminologia proposta por Oswald Ducrot (1987) no que se refere à distinção entre **implícitos pressupostos** e **implícitos subentendidos**. Para o teórico, a pressuposição é um componente do sentido, enquanto o subentendido diz respeito à interpretação do sentido. Para Ducrot,

a pressuposição é (...) um elemento do sentido (...) Dizer que pressuponho X, é dizer que pretendo obrigar o destinatário, por minha fala, a admitir X, sem por isso dar-lhe o direito de prosseguir o diálogo a propósito de X. (DUCROT, 1987, p. 41-2)

O pesquisador francês caracteriza assim o subentendido:

(...) a pressuposição é parte integrante do sentido dos enunciados. O subentendido, por sua vez, diz respeito à maneira pela qual esse sentido deve ser decifrado pelo destinatário. (*Idem*, p. 41) (...) é construído como resposta à pergunta “Por que ele falou desse modo?” Em outras palavras, o locutor apresenta sua fala como um enigma que o destinatário deve resolver. (*Idem*, p. 41)

Com relação ao funcionamento dos implícitos, Ducrot afirma que “a pressuposição aparece como uma tática argumentativa dos interlocutores; ela é relativa à maneira pela qual eles se provocam, e pretendem impor-se, uns aos outros, um certo modo de continuar o discurso” (1987, p. 40-41). O subentendido, também segundo Ducrot, é o processo pelo qual, “para dizer alguma coisa, faz-se o outro dizer o que se disse” (1987, p. 43).

No Fragmento 6.2 (p. 23), o período “Quero dizer a vocês, com toda a franqueza, eu me sinto traído.” deixa pressuposto que há traidores e deixa subentendido algum valor de verdade nas acusações ao governo Lula, ou não se falaria em traição. No mesmo Fragmento 6.2, o período “Estou indignado pelas revelações que aparecem a cada dia, e que chocam o país.” tem como pressuposto que há ações indignas e chocantes não reveladas de uma só vez e deixa subentendido que as revelações são feitas pela ação da imprensa, do Ministério Público, da Polícia Federal, do Congresso, entre outros. Já no

Fragmento 8.1

Eu tenho **plena consciência das responsabilidades** que estou, junto com os meus companheiros, assumindo neste momento histórico da nossa vida republicana. (linhas 9-10, p. 28)

fica implícita subentendida uma resposta àqueles que diziam que Lula não teria capacidade para dirigir o país. E encontramos um implícito pressuposto no

Fragmento 9.1

O que nós dizíamos – e eu vou repetir agora – é que nós iremos recuperar a dignidade do povo brasileiro, recuperar a sua auto-estima... (linhas 14-16, p. 28)

Nesse fragmento está implícito pressuposto que o povo brasileiro já teve dignidade e auto-estima, conforme vimos na seção 1.2.

1.4.4 Silenciamento

O **silenciamento** constitui estratégia discursiva de persuasão ideológica porque procura distanciar o enunciatário dos sentidos considerados, no julgamento do enunciador, indesejáveis.

Segundo Eni ORLANDI, a persuasão se baseia não apenas no que é dito, mas também no que é omitido, silenciado no discurso, “silenciamento (política do silêncio) que é a prática dos processos de significação pelos quais ao dizer algo apagamos outros sentidos possíveis mas indesejáveis numa situação discursiva dada” (1989, p. 40). No fragmento abaixo,

Fragmento 10.1

Cuidar da educação, cuidar da saúde, fazer a reforma agrária, cuidar da previdência social e acabar com a fome neste país são compromissos menos programáticos e mais compromissos morais e éticos, que eu quero assumir, aqui, nesta tribuna, na frente do povo, **que é o único responsável pela minha vitória e pelo fato de eu estar aqui, hoje, tomando posse.** (linhas 31-35, p. 29)

ao atribuir a responsabilidade por sua eleição unicamente à personagem povo, o Presidente silencia o trabalho de, entre outras, agremiações partidárias aliadas ao PT que o ajudaram a se eleger.

1.5 Procedimentos metodológicos

O *corpus* da pesquisa será constituído a partir de pronunciamentos de Luiz Inácio Lula da Silva realizados no primeiro mandato (2003-2007), tanto na posse quanto na crise do “Mensalão”, iniciada com a denúncia feita pelo ex-deputado Roberto Jefferson de que o governo federal estaria envolvido em propinas pagas a parlamentares do Congresso Nacional.

Dois pronunciamentos, o da posse e o da 11ª reunião ministerial, serão considerados como se encontram armazenados no sítio⁸ da Radiobras na internet. Serão desconsiderados os improvisos eventualmente feitos pelo Presidente Lula, pois eles não são posteriormente incluídos nos pronunciamentos arquivados pela Radiobras. Assim, a instância de enunciação considerada será aquela disponível em meio eletrônico.

Também nos valeremos de entrevista que o Presidente concedeu ao milésimo programa *Roda Viva* da TV Cultura, de São Paulo.

Para analisar o *corpus*, procuraremos primeiramente, no nível do intradiscorso, identificar os principais percursos semânticos nos pronunciamentos do Presidente.

Depois, como segundo passo, faremos a análise do interdiscorso, tendo como principal categoria de análise a de oposição constitutiva.

Como terceiro passo, serão estabelecidas as relações entre os percursos semânticos do intradiscorso e as oposições constitutivas do interdiscorso.

Em seguida, procuraremos identificar as estratégias discursivas de persuasão ideológica mais relevantes para o discurso considerado: seleção lexical, mobilização de personagens discursivas, silenciamento, relações entre explícitos e implícitos.

Finalmente, a partir dos passos anteriores, pretendemos estabelecer a imagem que o Presidente Lula constrói de si e do país sob seu governo.

⁸ www.radiobras.gov.br/integras

CAPÍTULO 2

Aspectos do pronunciamento de posse

Este capítulo objetiva analisar aspectos intradiscursivos e interdiscursivos do pronunciamento de posse do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, realizado em 1º de janeiro de 2003.

Seguindo nossa metodologia, iniciamos a análise pela identificação dos principais temas recorrentes no pronunciamento e dos percursos semânticos nos quais os temas podem ser situados. Assim, identificamos o percurso semântico das condições de vida (**PSCV**), destacado em negrito; o percurso semântico das relações políticas (**PSRP**), destacado em itálico; e o percurso semântico das relações religiosas (**PSRR**), sublinhado no texto. Subjacentes a esses percursos semânticos, postulamos como traços discursivos distintivos /dignidade/, /poder/ e /fé/ respectivamente.

PRONUNCIAMENTO DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA APÓS A CERIMÔNIA DE POSSE

Meus companheiros e minhas companheiras,

Excelentíssimos Senhores Chefes de Estado presentes nesta solenidade,

Trabalhadores e trabalhadoras do meu Brasil,

Meu querido companheiro José Alencar, meu Vice-Presidente da República,

5 Minha companheira querida,

Dona Marisa, esposa do José Alencar,

Minha querida esposa Marisa que [*sic*], juntos, *já partilhamos muitas derrotas e, por isso, hoje, estamos realizando um sonho que não é meu, mas um sonho do povo deste País, que queria mudança.*

10 *Eu tenho plena consciência das responsabilidades que estou, junto com os meus companheiros, assumindo neste momento histórico da nossa vida republicana.*

Mas, ao mesmo tempo, tenho a certeza e a convicção de que nenhum momento difícil, nessa trajetória de quatro anos, irá impedir que eu faça as reformas que o povo brasileiro precisa que sejam feitas.

15 *Em nenhum momento vacilarei em cumprir cada palavra que José Alencar e eu assumimos durante a campanha. Durante a campanha não fizemos nenhuma promessa absurda. O que nós dizíamos – e eu vou repetir agora – é que nós iremos recuperar a dignidade do povo brasileiro, recuperar a sua auto-*

estima e gastar cada centavo que tivermos que gastar, na perspectiva de melhorar as condições de vida de mulheres, homens e crianças que necessitam do Estado brasileiro.

20 *Nós temos uma história construída junto com vocês. A nossa vitória não foi o resultado apenas de uma campanha que começou em junho deste ano e terminou dia 27 de outubro, (sic) antes de mim, companheiros e companheiras lutaram. Antes do PT, companheiros e companheiras morreram neste país, lutando por conquistar a democracia e a liberdade.*

Eu apenas tive a graça de Deus de, num momento histórico, ser o porta-voz dos anseios de milhões e milhões de brasileiros e brasileiras.

25 *Eu estou convencido de que hoje não existe, no Brasil, nenhum brasileiro ou brasileira mais conhecedor da realidade e das dificuldades que vamos enfrentar. Mas, ao mesmo tempo, estou convencido e quero afirmar a vocês: não existe, na face da Terra, nenhum homem mais otimista do que eu estou, hoje, e posso afirmar que vamos ajudar este país.*

Eu não sou o resultado de uma eleição. Eu sou o resultado de uma história. Eu estou concretizando o sonho de gerações e gerações que, antes de mim, tentaram e não conseguiram.

30 *O meu papel, neste instante, com muita humildade, mas também com muita serenidade, é de dizer a vocês que eu vou fazer o que acredito que o Brasil precisa que seja feito nesses quatro anos. **Cuidar da educação, cuidar da saúde, fazer a reforma agrária, cuidar da previdência social e acabar com a fome neste país são compromissos menos programáticos e mais compromissos morais e éticos, que eu quero assumir, aqui, nesta tribuna, na frente do povo, que é o único responsável pela minha vitória e pelo fato de eu estar aqui, hoje, tomando posse.***

35 *Como eu tenho uma agenda a ser cumprida, eu queria dizer a todos vocês: *amanhã vai ser o meu primeiro dia de governo e eu prometo a cada homem, a cada mulher, a cada criança e a cada jovem brasileiro que [n]o meu governo, o Presidente, o Vice e os Ministros trabalharão, se necessário, 24 horas por dia para que a gente cumpra aquilo que prometeu a vocês que iria cumprir.**

40 *Eu quero terminar agradecendo a esta companheira. Eu quero fazer uma homenagem porque hoje nós estamos aqui, Marisa muito bonita, toda elegante, ao lado do marido dela, com essa faixa com que nós sonhamos tanto tempo. *Entretanto, para chegar aqui, nós perdemos quatro eleições: uma para Governador e três para Presidente da República. E vocês sabem que a cultura política do Brasil é só homenagem aos vencedores. Quando a gente perde, ninguém dá um telefonema para a gente, para dizer: companheiro, a luta continua. Às vezes, ela e eu decidíamos que a luta ia continuar, porque não havia outra coisa a fazer a não ser continuar a luta para chegar aonde nós chegamos.**

45 *Eu quero dizer a todos vocês que vieram de Roraima, do Acre, do Amapá, do Amazonas, que vieram de Rondônia, do Mato Grosso, do Mato Grosso do Sul, que vieram do Maranhão, do Piauí, do Ceará, que vieram do Rio Grande do Norte, da Paraíba, de Alagoas, de Pernambuco, de Sergipe, companheiros de Brasília, mas também companheiros da Bahia, de Minas Gerais, do Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina; quero dizer inclusive ao povo do Rio Grande do Sul, aos meus irmãos de Caetés, minha grande cidade natal, que se chamava Garanhuns, aos companheiros de Goiás: podem ter a certeza mais absoluta que um ser humano pode ter, *quando eu não puder fazer uma coisa, eu não terei nenhuma dúvida de ser honesto com o povo e dizer que não sei fazer, que não posso fazer e que não há condições. Mas eu quero que vocês carreguem também a certeza de que eu, em nenhum**

55

momento da minha vida, faltarei com a verdade com vocês que confiaram na minha pessoa para dirigir este país por quatro anos. Tratarei vocês com o mesmo respeito com que trato os meus filhos e os meus netos, que são as pessoas de quem a gente mais gosta.

60 *E quero propor isso a vocês: amanhã, estaremos começando a primeira campanha contra a fome neste país. É o primeiro dia de combate à fome. E tenho fé em Deus que a gente vai garantir que todo brasileiro e brasileira possa, todo santo dia, tomar café, almoçar e jantar, porque isso não está escrito no meu programa. Isso está escrito na Constituição brasileira, está escrito na Bíblia e está escrito na Declaração Universal dos Direitos Humanos. E isso nós vamos fazer juntos.*

65 Por isso, meus companheiros e companheiras, um abraço especial aos companheiros e companheiras portadores de deficiência física que estão sentados na frente deste parlatório. Meus agradecimentos à imprensa, que tanto perturbou a minha tranquilidade nessa campanha e nesses dois meses, mas *sem a qual a gente não iria consolidar a democracia no país.* Meu abraço aos Deputados, aos Senadores. Meu abraço aos convidados estrangeiros. Digo a vocês que, com muita humildade, *eu não vacilarei em pedir a cada um de vocês: me ajude a governar, porque a responsabilidade não é apenas minha, é nossa, do*
70 *povo brasileiro, que me colocou aqui.*

Muito obrigado, meus companheiros, e até amanhã.

No nível intradiscursivo (Fragmento 11.1 e Fragmento 12.1) identificamos o percurso semântico das relações religiosas (**PSRR**, sublinhado), que tem /fé/ como traço distintivo subjacente.

Fragmento 11.1

Eu apenas tive a graça de Deus de, num momento histórico, ser o porta-voz dos anseios de milhões e milhões de brasileiros e brasileiras. (linhas 22-23)

Fragmento 12.1

E tenho fé em Deus que a gente vai garantir que todo brasileiro e brasileira possa, todo santo dia, tomar café, almoçar e jantar, porque isso não está escrito no meu programa. Isso está escrito na Constituição brasileira, está escrito na Bíblia e está escrito na Declaração Universal dos Direitos Humanos. E isso nós vamos fazer juntos. (linhas 60-63)

O Presidente Lula aciona a religiosidade como um argumento em favor da legitimidade de sua eleição, como podemos ver no Fragmento 11.1, uma vez que “a graça de Deus” lhe é dirigida no sentido de torná-lo “o porta-voz” de milhões de brasileiros.

No Fragmento 12.1, a necessidade de garantir a alimentação a todos os brasileiros não é somente uma obrigação política, mas também religiosa. A religiosidade participa da construção da imagem do Presidente, conforme desenvolveremos no Capítulo 5 (“O jogo de imagens”, p. 80). E nesse percurso semântico, Lula defende uma visão de mundo segundo a qual as relações religiosas estão ligadas aos compromissos políticos. Portanto, o seu altruísmo transcenderia o político, pois ele não garantiria a alimentação apenas por um dever programático, mas também por observar preceitos religiosos.

O traço discursivo /fé/, subjacente ao **PSRR**, foi postulado em razão da recorrência das escolhas lexicais como “(...) tive a graça de Deus”, “tenho fé em Deus” e “escrito na Bíblia”. Interdiscursivamente, esse traço discursivo seria oposto ao traço /indiferença/, subjacente a um percurso semântico de um discurso que não relacione a religiosidade aos compromissos políticos.

Nos fragmentos 11.1 e 12.1, sobrepostos ao **PSRR** ocorrem os percursos semânticos das condições de vida e das relações políticas, que serão discutidos a partir de agora.

Abaixo (Fragmento 13.1 e Fragmento 14.1), exemplificaremos o percurso semântico das condições de vida (**PSCV**), assinalado em negrito.

Fragmento 13.1

nós [Lula e José Alencar] iremos recuperar a dignidade do povo brasileiro, recuperar a sua autoestima e gastar cada centavo que tivermos que gastar, na perspectiva de melhorar as condições de vida de mulheres, homens e crianças que necessitam do Estado brasileiro. (linhas 15-17)

Fragmento 14.1

O meu papel, neste instante, com muita humildade, mas também com muita serenidade, é de dizer a vocês que *eu vou fazer o que acredito que o Brasil precisa que seja feito nesses quatro anos. Cuidar da educação, cuidar da saúde, fazer a reforma agrária, cuidar da previdência social e acabar com a fome neste país são compromissos menos programáticos e mais compromissos morais e éticos, que eu quero assumir, aqui, nesta tribuna, na frente do povo, que é o único responsável pela minha vitória e pelo fato de eu estar aqui, hoje, tomando posse.* (linhas 30-35)

No pronunciamento de posse, os temas relacionados com as condições de vida são recorrentes e desenvolvem-se em percurso em torno do traço discursivo subjacente /dignidade/. Há dois principais grupos de personagens mobilizados no **PSCV**: de um lado, o Presidente Lula e José Alencar; de outro, o “povo brasileiro”, também referido como “mulheres, homens e crianças que necessitam do Estado brasileiro”. No Fragmento 13.1, a seleção lexical de “recuperar a dignidade (...) a auto-estima” e “melhorar as condições de vida” deixa implícito, pressuposto, que a dignidade e a auto-estima foram perdidas, e deixa implícito, subentendido, que não são boas as condições de vida de uma parcela do povo brasileiro.

Nesse fragmento, a referência a personagens “mulheres, homens e crianças que necessitam do Estado brasileiro” defende explicitamente que o Estado é responsável pela melhoria das condições de vida de tais personagens. Diante desse explícito, fica implícito, subentendido, que essas idéias são interdiscursivamente opostas a outras concepções políticas, segundo as quais o Estado não deveria ter entre suas principais responsabilidades educação, saúde, previdência social, reforma agrária e combate à fome.

A exemplificação do intradiscorso prossegue com o Fragmento 15.1, em que ocorre o **PSRP** (percurso semântico das relações políticas):

Fragmento 15.1

(...) já partilhamos muitas derrotas e, por isso, hoje, estamos realizando um sonho que não é meu, mas um sonho do povo deste País, que queria mudança. (linhas 7-8)

Nesse fragmento, o tema da vitória situa-se no **PSRP**, cujo traço distintivo subjacente é /poder/. Em “estamos realizando um sonho” fica implícito subentendido que o momento é de partilha de vitória, pois o Presidente diz ter “partilhado muitas derrotas” no passado.

Em “sonho do povo deste país”, a personagem “povo” é metonímica, porque corresponde somente a uma parte dos eleitores, os que votaram em Lula e que junto com ele compartilham a vitória.

Um outro implícito subentendido presente no Fragmento 15.1 relaciona-se ao explícito “povo (...) que queria mudança”, *i.e.*, Lula seria um marco metonímico (uma parte) da mudança política (o todo).

Outro aspecto semântico implícito subentendido encontra-se na passagem “*Durante a campanha não fizemos nenhuma promessa absurda.*” (linha 14). A criação de 10 milhões de empregos no Brasil até o término de seu mandato foi uma das promessas de campanha. Assim sendo, fica implícito, subentendido, que essa promessa não teria sido absurda.

Dando continuidade à análise do **PSRP**, citamos outro trecho do pronunciamento:

Fragmento 16.1

Nós temos uma história construída junto com vocês. A nossa vitória não foi o resultado apenas de uma campanha que começou em junho deste ano e terminou dia 27 de outubro, (sic) antes de mim, companheiros e companheiras lutaram. Antes do PT, companheiros e companheiras morreram neste país, lutando por conquistar a democracia e a liberdade. (linhas 18-21)

As palavras “*campanha*”, “*companheiros*”, “*companheiras*”, “*PT*”, “*país*”, “*democracia*” e “*liberdade*” apontam para o **PSRP**. Mas o tema a que elas remetem — história de lutas pela democracia — só é depreendido a partir do seu encadeamento no texto somado ao conhecimento histórico que o enunciatório deve ter acerca da política brasileira. Nesse sentido, a partir dessa seleção lexical, encontramos também um implícito subentendido, líderes trabalhistas e movimentos revolucionários, na passagem “*Antes do PT, companheiros e companheiras morreram neste país, lutando por conquistar a democracia e a liberdade.*” Personagens como Luís Carlos Prestes, Leonel Brizola e Miguel Arraes, entre outros, antecederam o PT na luta política trabalhista no Brasil.

Fragmento 17.1

O meu papel, neste instante, com muita humildade, mas também com muita serenidade, é de dizer a vocês que *eu vou fazer o que acredito que o Brasil precisa que seja feito nesses quatro anos. Cuidar da educação, cuidar da saúde, fazer a reforma agrária, cuidar da previdência social e acabar com a fome neste país são compromissos menos programáticos e mais compromissos morais e éticos, que eu quero assumir, aqui, nesta tribuna, na frente do povo, que é o único responsável pela minha vitória e pelo fato de eu estar aqui, hoje, tomando posse.* (linhas 30-35)

No Fragmento 17.1, em “*eu quero assumir, aqui, nessa tribuna, na frente do povo, que é o único responsável pela minha vitória e pelo fato de eu estar aqui, hoje, tomando posse*” há personagens silenciadas, como os partidos aliados do PT, que ajudaram Lula a chegar ao poder. Não foi Lula, isolado, que conquistou os milhões de votos: havemos de incluir os que se aliaram a ele, como o PMDB e o PL, no primeiro turno das eleições, e os que se aliaram no segundo turno.

O silenciamento e os implícitos só são compreendidos por um enunciatário leitor que conheça em detalhes o processo eleitoral de 2002. Consideramos central a relação enunciador/enunciatário. Conforme Maingueneau, o enunciador pode ser visto como “*uma instância que sustenta o ato de narrar se o leitor o coloca em movimento*” (1996, p.32, itálicos no original), enquanto o leitor “*é o co-enunciador que enuncia a partir das indicações cuja rede total constitui o texto*” (*Ibidem*, itálicos no original). O enunciatário, portanto, é convocado a “ler” elementos que se encontram implícitos ou silenciados no texto.

CAPÍTULO 3

Aspectos do pronunciamento na 11ª reunião ministerial

Neste capítulo, objetivamos analisar aspectos intradiscursivos e interdiscursivos do pronunciamento que o Presidente Lula fez à nação brasileira, em 12/8/2005, quando falou pela primeira vez da crise política que assolava seu governo identificada como “Mensalão”, dinheiro que estaria sendo pago a parlamentares, como propina, a fim de o governo ser apoiado no Congresso Nacional. Acusações do então deputado Roberto Jefferson contra membros do governo acerca do pagamento da propina geraram Comissões Parlamentares de Inquérito, que, por sua vez, trouxeram à tona não só movimentação financeira ilegal praticada pelo PT, partido político do Presidente Lula, mas também abriram a guarda do governo para que adversários recrudescessem os ataques contra ele. O Presidente Lula, acuado, cobrado por políticos tanto da base aliada quanto adversários, foi forçado a falar da crise ao povo brasileiro.

A seguir, transcrevemos o pronunciamento, no qual identificamos o percurso semântico das condições de vida (**PSCV**, negrito), o percurso semântico da economia (**PSE**, sublinhado) e o percurso semântico das relações políticas (**PSRP**, em itálico). Esses percursos semânticos possuem como traços discursivos subjacentes /dignidade/, /desenvolvimento/ e /poder/ respectivamente. A identificação desses percursos semânticos nesse pronunciamento deve-se à presença de temas como justiça social, presente no **PSCV**; crescimento, presente no **PSE**; redemocratização, honestidade e ética, presentes no **PSRP**.

PRONUNCIAMENTO DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA À NAÇÃO DURANTE A 11ª REUNIÃO MINISTERIAL

Meus amigos,
Minhas amigas.

Boa tarde.

Meu querido companheiro José Alencar, vice-presidente da República e ministro da Defesa,

5 Minhas companheiras ministras e ministros, que participam desta reunião.

Fiz questão de que minhas palavras neste encontro de trabalho fossem abertas à população brasileira. Temos assuntos importantes a discutir que dizem respeito a toda a sociedade. Mas, antes de mais nada, quero saudar em especial *os novos ministros que vêm reforçar a nossa capacidade de ação nesta segunda metade do meu mandato. Vocês estão entrando num governo que, apesar de todas dificuldades, fez o Brasil retomar o caminho do progresso e da justiça social.*

Voltamos a crescer, mas desta vez de maneira sustentável, com inflação baixa e, o que é mais importante, gerando milhões de empregos no campo e nas cidades. Tenho certeza de que o povo sente a diferença, o país está mudando para melhor.

A inflação é a menor dos últimos cinco anos, a produção industrial registra aumentos sucessivos. Na balança comercial as exportações ultrapassam a casa dos 110 bilhões de dólares nos últimos doze meses. É o melhor resultado da nossa história.

Mas o que mais me orgulha, pela minha história e **pelo compromisso que tenho com a gente humilde da nossa terra, é a forte retomada da oferta de trabalho. Em 30 meses já criamos 3 milhões, 135 mil novos empregos com carteira assinada. Isso significa 104 mil novas vagas formais por mês, 12 vezes mais que a média dos anos 90, sem falar nos postos de trabalho no mercado informal e na agricultura familiar.**

Criamos um ambiente favorável para a volta dos investimentos. Projetos no valor de mais de 20 bilhões de dólares já estão programados para entrar em operação na nossa economia.

Novas frentes de expansão em energia elétrica, transportes, novas fábricas e construções fizeram a produção de bens de capital crescer 10% nos últimos dois meses. **Na área social, 7 milhões e 500 mil famílias de brasileiros mais humildes têm garantido o acesso a uma renda mínima através do programa Bolsa Família. Até o final do ano, 8 milhões e 700 mil lares serão beneficiados pelo programa.**

Uma revolução está em marcha no mercado de consumo popular no nosso país. Expandimos o crédito com desconto em folha e muitos trabalhadores puderam pagar suas dívidas e comprar uma geladeira, um fogão ou outro bem desejado por suas famílias.

Por isso, as vendas nesse setor cresceram 21% no segundo trimestre, comparado ao mesmo período de 2004. Este país não pode parar. Tenho certeza de que este é o desejo da sociedade brasileira.

35 *Companheiros ministros e ministras, estou consciente da gravidade da crise política. Ela compromete todo o sistema partidário brasileiro. Em 1980, no início da redemocratização decidi criar um par-*

tido novo que viesse para mudar as práticas políticas, moralizá-las e tornar cada vez mais limpa a disputa eleitoral no nosso país.

40 Ajudei a criar esse partido e, vocês sabem, perdi três eleições presidenciais e ganhei a quarta, mantendo-me sempre fiel a esses ideais, tão fiel quanto sou hoje. Quero dizer a vocês, com toda a franqueza, eu me sinto traído. Traído por práticas inaceitáveis das quais nunca tive conhecimento. Estou indignado pelas revelações que aparecem a cada dia, e que chocam o país. O PT foi criado justamente para fortalecer a ética na política e lutar ao lado do povo pobre e das camadas médias do nosso país. Eu não mudei e, tenho certeza, a mesma indignação que sinto é compartilhada pela grande maioria de
45 todos aqueles que nos acompanharam nessa trajetória.

Mas não é só. Esta é a indignação que qualquer cidadão honesto deve estar sentindo hoje diante da grave crise política. Se estivesse ao meu alcance, já teria identificado e punido exemplarmente os responsáveis por esta situação. Por ser o primeiro mandatário da nação, tenho o dever de zelar pelo estado de direito. O Brasil tem instituições democráticas sólidas. O Congresso está cumprindo com a sua
50 parte, o Judiciário está cumprindo com a parte dele. Meu governo, com as ações da Polícia Federal, estão [sic] investigando a fundo todas as denúncias. Determinei, desde o início, que ninguém fosse poupado, pertença ao meu Partido ou não, seja aliado ou da oposição. Grande parte do que foi descoberto até agora veio das investigações da Polícia Federal.

E vamos continuar assim até o fim, até que todos os culpados sejam responsabilizados e entregues à
55 Justiça. Mesmo sem prejudicá-los, afastei imediatamente os que foram mencionados em possível desvio de conduta, para facilitar todas as investigações. Mas isso só não basta. O Brasil precisa corrigir as distorções do seu sistema partidário eleitoral, fazendo urgentemente a tão sonhada reforma política. É necessário punir corruptos, mas também tomar medidas drásticas para evitar que essa situação continue a se repetir no futuro.

60 Quero dizer aos Ministros que é obrigação do governo, da oposição, dos empresários, dos trabalhadores e de toda a sociedade brasileira não permitir que esta crise política possa trazer problema para a economia brasileira, para o crescimento deste país, para a geração de empregos e para a continuidade dos programas sociais. Temos que arregaçar as mangas e redobrar esforços. Peço que aumentem, ainda mais, a sua dedicação. Se atualmente vocês, Ministros e Ministras, trabalham até 11 horas
65 da noite, trabalhem um pouco mais, até meia noite, uma hora da manhã, porque nós sabemos que muito já fizemos, mas muito mais temos que fazer porque o Brasil precisa de nós.

Querida, neste final, dizer ao povo brasileiro que eu não tenho nenhuma vergonha de dizer ao povo brasileiro que nós temos que pedir desculpas. O PT tem que pedir desculpas. O governo, onde errou, tem que pedir desculpas, porque o povo brasileiro, que tem esperança, que acredita no Brasil e que sonha com um Brasil com economia forte, com crescimento econômico e distribuição de renda, não pode,
70 em momento algum, estar satisfeito com a situação que o nosso país está vivendo.

Quero dizer a vocês: não percam a esperança. Eu sei que vocês estão indignados e eu, certamente, estou tão ou mais indignado do que qualquer brasileiro. E nós iremos conseguir fazer com que o Brasil consiga continuar andando para frente, marchando para o desenvolvimento, para o crescimento da riqueza e para a distribuição de renda. E eu tenho certeza que posso contar com o povo brasileiro.
75

Muito obrigado.

Assim como no caso do pronunciamento anterior, nossa análise inicia-se no nível intradiscursivo, que privilegia os percursos semânticos, e encaminha-se para o nível interdiscursivo, quando os percursos semânticos são relacionados às oposições constitutivas. Como parte desse método de análise, identificamos algumas estratégias de persuasão ideológica.

Antes do pedido de desculpas à nação brasileira por erros ocorridos durante o seu governo — “mensalão”, “valerioduto” — o Presidente vai destacando realizações, como uma forma de amenizar a crise que o levou a fazer o pronunciamento.

Fragmento 18.2

Vocês estão entrando num governo que (...) fez o Brasil retomar o caminho do progresso e da justiça social (linhas 9-10)

Voltamos a crescer, mas desta vez de maneira sustentável, com inflação baixa (linha 11)

A inflação é a menor dos últimos cinco anos, a produção industrial registra aumentos sucessivos. Na balança comercial as exportações ultrapassam a casa dos 110 bilhões de dólares nos últimos doze meses. É o melhor resultado da nossa história. (linhas 14-16)

Criamos um ambiente favorável para a volta dos investimentos. Projetos no valor de mais de 20 bilhões de dólares já estão programados para entrar em operação na nossa economia. (linhas 22-23)

Novas frentes de expansão em energia elétrica, transportes, novas fábricas e construções fizeram a produção de bens de capital crescer 10% nos últimos dois meses. (linhas 24-25)

Uma revolução está em marcha no mercado de consumo popular no nosso país. Expandimos o crédito com desconto em folha e muitos trabalhadores puderam pagar suas dívidas e comprar uma geladeira, um fogão ou outro bem desejado por suas famílias. (linhas 29-31)

Por isso, as vendas nesse setor cresceram 21% no segundo trimestre, comparado ao mesmo período de 2004. Este país não pode parar. Tenho certeza de que este é o desejo da sociedade brasileira. (linhas 32-34)

Quero dizer aos Ministros que é obrigação do governo, da oposição, dos empresários, dos trabalhadores e de toda a sociedade brasileira não permitir que esta crise política possa trazer problema para a economia brasileira, para o crescimento deste país, para a geração de empregos. (linhas 60-63)

o povo brasileiro (...) sonha com um Brasil com economia forte, com crescimento econômico e distribuição de renda. (linhas 69-71)

E nós iremos conseguir fazer com que o Brasil consiga continuar andando (...) para o crescimento da riqueza e para a distribuição de renda. (linhas 73-75)

No Fragmento 18.2 há ocorrência do **PSE**, que tem o traço discursivo /desenvolvimento/. Esse percurso semântico tem como principais temas progresso e crescimento econômico sustentável.

O traço discursivo /desenvolvimento/ opõe-se interdiscursivamente ao traço /estagnação/, subjacente a um percurso semântico de um discurso que não defenda o crescimento. Essa oposição interdiscursiva é parcialmente manifestada no intradiscorso. De início, nas linhas 9 e 10, a expressão “retomar o caminho do progresso” implica, pressupõe, que o caminho do progresso havia sido perdido ou abandonado em um dado momento da história do país e subentende que essa perda pode ter ocorrido na gestão anterior. Na linha 11, ocorre procedimento semelhante relativamente ao posto “mas de maneira sustentável”, que deixa pressuposto crescimento econômico anterior que não foi mantido.

Outros aspectos marcantes do **PSE** são “aumentos sucessivos” (linha 14) da produção industrial; exportações que ultrapassam “110 bilhões de dólares” (linha 15); expansão do “crédito com desconto em folha” (linha 30); e “as vendas (...) cresceram 21%” (linha 32). Com essas referências, Lula constrói para si a imagem de um presidente bem-sucedido em sua gestão econômica.

Além do Presidente Lula, são mobilizadas várias personagens discursivas no **PSE**: ministros, governo, oposição, empresários e trabalhadores, como mostra o Fragmento 19.2.

Fragmento 19.2

(...) quero saudar em especial *os novos ministros (...). Vocês estão entrando num governo que, apesar de todas as dificuldades, fez o Brasil retomar o caminho do progresso e da justiça social.* (linhas 8-10)

(...)**Em 30 meses já criamos 3 milhões, 135 mil novos empregos com carteira assinada. Isso significa 104 mil novas vagas formais por mês, 12 vezes mais que a média dos anos 90** (linhas 18-20) (...)

Uma revolução está em marcha no mercado de consumo popular no nosso país. Expandimos o crédito com desconto em folha e muitos trabalhadores puderam pagar suas dívidas e comprar uma geladeira, um fogão ou outro bem desejado por suas famílias. Por isso, as vendas nesse setor cresceram 21% no segundo trimestre, comparado ao mesmo período de 2004. (linhas 29-33)

No **PSE**, alguns desses grupos de personagens estão implícitos em trechos tais como: “as exportações” (linha 15), que pressupõe exportadores e subentende que os exportadores são empresários; “investimentos” (linha 22), que pressupõe investidores e subentende que os investidores são empresários ; “novas fábricas e construções” (linha 24), que pressupõe trabalhadores e empresários. Em 19.2, a personagem discursiva oposição está subentendida em “**12 vezes mais que a média dos anos 90**”, período em parte do qual ocorreu o governo do PSDB, partido opositor ao PT. E em “**as vendas nesse setor cresceram 21% no segundo trimestre**”, a personagem discursiva empresários aparece subentendida.

Na interseção do **PSE** com o **PSCV**, a personagem implícita (subentendida) trabalhador assume papel de destaque, uma vez que ela é beneficiária da “revolução (...) no mercado de consumo popular” (linha 29), da “geração de empregos” (linha 62) e da “distribuição de renda” (linhas 70 e 75).

No Fragmento 20.2, continuamos a identificação do **PSCV**, que tem como traço discursivo /dignidade/ e que estabelece oposição, no nível interdiscursivo, aos discursos indiferentes ou contrários a condições dignas de vida para todas as pessoas.

Fragmento 20.2

Voltamos a crescer, mas desta vez de maneira sustentável, com inflação baixa e, o que é mais importante, gerando milhões de empregos no campo e nas cidades. (linhas 11-12)

Mas o que mais me orgulha, pela minha história e **pelo compromisso que tenho com a gente humilde da nossa terra, é a forte retomada da oferta de trabalho. Em 30 meses já criamos 3 milhões, 135 mil novos empregos com carteira assinada. Isso significa 104 mil novas vagas formais por mês, 12 vezes mais que a média dos anos 90, sem falar nos postos de trabalho no mercado informal e na agricultura familiar.** (linhas 18-21)

Na área social, 7 milhões e 500 mil famílias de brasileiros mais humildes têm garantido o acesso a uma renda mínima através do programa Bolsa Família. Até o final do ano, 8 milhões e 700 mil lares serão beneficiados pelo programa. (linhas 25-28)

Nesse fragmento, em “gerando milhões de empregos no campo e nas cidades” (linha 12), “criamos 3 milhões, 135 mil novos empregos com carteira assinada” (linhas 18-19) temos o tema do emprego, que incluímos no **PSCV**, visto que o emprego é condição de vida imprescindível para que o cidadão alcance outras condições de vida como moradia e alimentação, entre outras.

Nesse fragmento, é acionada a personagem trabalhador, como uma parcela da população brasileira que se encontrava desempregada, em “3 milhões, 135 mil novos empregos com carteira assinada” e em “sem falar nos postos de trabalho no mercado informal e na agricultura familiar” (linhas 20-21). Além dessa personagem, o Presidente seleciona outras, implícitas subentendidas: os ex-presidentes da República Fernando Henrique Cardoso e Fernando Collor de Melo, que governaram o Brasil na década de 90. Esse implícito é notado em “Isso significa 104 mil novas vagas formais por mês, 12 vezes mais que a média dos anos 90” (linha 20), em que “anos 90” nos remete aos líderes políticos acima citados. Nesse sentido, Lula constrói para si a imagem de um chefe de Estado eficaz socioeconomicamente, apesar de seu governo enfrentar uma crise que envolve corrupção.

Passando agora à observação de temas como redemocratização, história de lutas, indignação e ética, discutiremos o **PSRP**, que tem /poder/ como traço discursivo subjacente e que estabelece oposição, no nível do interdiscurso, aos discursos indiferentes ou contrários à luta pelo poder político.

Fragmento 21.2

Em 1980, no início da redemocratização decidi criar um partido novo que viesse para mudar as práticas políticas, moralizá-las e tornar cada vez mais limpa a disputa eleitoral no nosso país. (linhas 36-38)

O Presidente Lula começa um breve relato histórico do PT, com temas como moralização e redemocratização políticas, o que nos autoriza a postular o **PSRP**. O discurso de Lula está tentando mostrar a seus interlocutores não só algo da história de luta pela criação

do PT, mas também a finalidade desse partido político no cenário nacional. Nesse fragmento, em “início da redemocratização”, está implícito subentendido o regime ditatorial que se instaurou no país de 1964 a 1984. Em “*mudar as práticas políticas, moralizá-las e tornar cada vez mais limpa a disputa eleitoral*”, está implícito pressuposto que as relações políticas não eram morais e que as eleições não eram totalmente limpas.

Em “*decidi criar um partido novo*” estão silenciadas outras personagens discursivas que, desde 1978, em torno do movimento Pró-PT, articularam a fundação do partido em 1980. Podemos interpretar que a estratégia do silenciamento reforça a imagem de Lula como criador do PT que participaria da redemocratização do Brasil e promoveria a moralização do sistema político. Em outros termos, o Presidente Lula, com a imagem desgastada pela crise, busca resgatar a imagem positiva de Lula sindicalista, trazendo para si a responsabilidade pela criação do partido, daí o silenciamento de várias personagens fundadoras do Partido dos Trabalhadores. André Singer aponta alguns outros personagens que se uniram em torno do surgimento do PT:

Estimuladas pela perspectiva da reforma partidária [de 1979] e pelas greves [de metalúrgicos do ABCD], iniciativas diversas, que terminarão por fundir-se no PT, despontam no decorrer de 1978. Políticos e intelectuais afluem ao sindicato de São Bernardo. Grupos e lideranças trotskistas, como a Convergência Socialista e o presidente do Sindicato dos Coureiros de São Paulo, Paulo Skromov, levantam a palavra de ordem “Por um Partido dos Trabalhadores” ou “Por um Partido Operário”. (SINGER, 2001, p.17-18)

Em 10 de fevereiro de 1980, no ato de fundação do PT, assinaram o livro de atas, como fundadores, Manoel da Conceição, líder das Ligas Camponesas; o historiador Sérgio Buarque de Holanda; a atriz Lélia Abramo; o professor Moacir Gadotti, em nome de Paulo Freire, e o oficial militar da reserva Apolônio de Carvalho, que havia participado do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Dentre os católicos progressistas, são nomes importantes o dominicano Frei Betto, Plínio de Arruda Sampaio e a ex-freira Irma Passoni. Além desses, são integrantes do grupo pioneiro Eduardo Suplicy, Francisco Weffort, José Álvaro Moisés, Paul Singer, Olívio Dutra, entre outros. Além das personagens individuais, aderi-

ram ao PT personagens coletivas como a Ação Libertadora Nacional (ALN), a Ação Popular (AP), o Movimento de Emancipação do Proletariado (MEP), o Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR) e o Partido Revolucionário Comunista (PRC)(SINGER, 2001,P.26). Esses grupos,de esquerda, clandestinos durante o regime político ditatorial e, com exceção da AP, dissidentes do PCB, já se encontravam numericamente pouco expressivos. Contudo, eram “constituídos por quadros experientes e ativos” (SINGER, 2001, p. 26).

No Fragmento 21.2, Lula faz uso do trecho “um partido que viesse para mudar as práticas políticas, moralizá-las e tornar cada vez mais limpa a disputa eleitoral no nosso país” como uma expressão catafórica, antecipando sua defesa em relação à crise que assolava o seu governo, o que veremos em alguns dos próximos fragmentos citados.

Fragmento 22.2

Quero dizer a vocês, com toda a franqueza, eu me sinto traído. Traído por práticas inaceitáveis das quais nunca tive conhecimento. (...) Eu não mudei e, tenho certeza, a mesma indignação que sinto é compartilhada pela grande maioria de todos aqueles que nos acompanharam nessa trajetória.

Mas não é só. Esta é a indignação que qualquer cidadão honesto deve estar sentindo hoje diante da grave crise política. Se estivesse ao meu alcance, já teria identificado e punido exemplarmente os responsáveis por esta situação. Por ser o primeiro mandatário da nação, tenho o dever de zelar pelo estado de direito. O Brasil tem instituições democráticas sólidas. O Congresso está cumprindo com a sua parte, o Judiciário está cumprindo com a parte dele. Meu governo, com as ações da Polícia Federal, estão [sic] investigando a fundo todas as denúncias. Determinei, desde o início, que ninguém fosse poupado, pertença ao meu Partido ou não, seja aliado ou da oposição. (linhas 40-52)

Lula se defende de acusações que estão implícitas em seu pronunciamento. É o caso de a oposição a seu governo afirmar que o Presidente sabia das práticas escusas de membros do PT. No trecho “*Traído por práticas inaceitáveis das quais nunca tive conhecimento*” (linha 41) fica implícita subentendida a acusação oposicionista de que o Presidente tinha conhecimento de atos corruptos praticados por integrantes do governo.

O Presidente responde à oposição que o acusa de conivência com os corruptos de seu governo. A resposta de Lula organiza-se em torno de dois eixos temáticos: 1º) ele enumera as benfeitorias que sua gestão tem gerado para a população brasileira; 2º) alega desconhecer as práticas corruptas de membros do seu governo, daí o sentimento de traição, e anuncia a investigação dos fatos, assim como o desejo de punir exemplarmente os responsáveis.

Quanto ao primeiro eixo, Lula convoca o apoio de grande parcela do povo brasileiro, aquela mais pobre – a maioria (implícita subentendida) – que estaria sendo beneficiada pelos investimentos sociais do governo. Assim sendo, rebate as críticas ao mesmo tempo em que, buscando o apoio popular, procura enfraquecer a oposição. Lula ainda relembra a necessidade de preservar o país das conseqüências da crise:

Fragmento 23.2

é obrigação do governo, da oposição, dos empresários, dos trabalhadores e de toda a sociedade brasileira não permitir que esta crise política possa trazer problema para a economia brasileira, para o crescimento deste país, para a geração de empregos e para a continuidade dos programas sociais. (linhas 60-63)

Passando a outros aspectos do **PSRP**, observamos que a primeira ocorrência desse percurso semântico já aponta para a crise política. Dirigindo-se aos ministros, assim diz o Presidente: “Vocês estão entrando num governo que, apesar de todas dificuldades, fez o Brasil retomar o caminho do progresso” (linhas 9-10). Nessa passagem destacamos o primeiro eixo no qual o discurso de Lula se apóia no pronunciamento durante a 11ª Reunião Ministerial: ele começa afirmando que o governo petista fez o Brasil retomar o caminho do progresso. Conforme já afirmamos, o discurso se baseia em dois eixos: de um lado enumera benefícios e, de outro lado, alega indignação e desconhecimento de práticas corruptas, além de anunciar a investigação dos fatos.

No **PSRP**, desenvolvendo o segundo eixo de sua resposta, ao dizer “*Estou indignado pelas revelações que aparecem a cada dia*” (linha 42) e “*Esta é a indignação que qualquer cidadão honesto deve estar sentindo hoje diante da grave crise política*” (linhas 46-47), Lula reconhece a crise, afirma-se indignado e se inclui – por implícito subentendido – no conjunto dos personagens cidadãos honestos.

Somados aos temas de indignação e de traição, seguem-se aspectos temáticos. O Presidente expõe o desejo de identificar e punir os personagens responsáveis por condutas desonestas em “*Se estivesse ao meu alcance, já teria identificado e punido exemplarmente os responsáveis por esta situação.*” (linhas 47-48) e afirma o propósito de investigar todas as responsabilidades em “*E vamos continuar assim até o fim, até que todos os culpados sejam responsabilizados e entregues à Justiça.*” (linhas 54-55). Em “*Mesmo sem prejudá-los, afastei imediatamente os que foram mencionados em possível desvio de conduta, para facilitar todas as investigações.*” (linhas 55-56), podemos notar a atitude discursiva do enunciador-personagem Presidente que se associa ao tema da ética.

Ainda quanto ao segundo eixo temático, o discurso do Presidente Lula rememora problemas no sistema político: ⁹ “*Em 1980, no início da redemocratização decidi criar um partido novo que viesse para mudar as práticas políticas*” (linhas 36-37); reafirma os propósitos da criação do PT: “*O PT foi criado justamente para fortalecer a ética na política e lutar ao lado do povo pobre e das camadas médias do nosso país.*” (linhas 42-43); e reafirma a necessidade de reformas políticas: “*O Brasil precisa corrigir as distorções do seu sistema partidário eleitoral, fazendo urgentemente a tão sonhada reforma política.*” (linhas 56-57).

Nessas passagens, o enunciador-personagem Presidente procura atribuir – pelo menos em parte – a responsabilidade da crise política ao sistema político partidário com um

⁹ Cf. Fragmento 21.2, p. 41.

amplo conjunto de personagens implícitas, e não apenas aos personagens integrantes do governo.

CAPÍTULO 4

Aspectos da entrevista ao milésimo programa Roda Viva

Neste capítulo, procedemos à análise da entrevista que o Presidente Lula deu ao programa *Roda Viva*, da TV Cultura, em novembro de 2005, quando da milésima apresentação daquele programa.

A partir dos temas e figuras articulados no texto da entrevista, transcrito, identificamos os seguintes percursos semânticos intradiscursivos: **PSCV**, **PSE** e **PSRP**. Subjacente ao **PSCV**, identificamos o traço discursivo /dignidade/. Subjacente ao **PSE**, identificamos o traço discursivo /desenvolvimento/. Quanto ao **PSRP**, subjacente ao qual identificamos o traço discursivo /poder/, pode ser notado a partir de uma certa direção argumentativa em que o Presidente Lula procura gerir a crise no sentido de contornar a ameaça sob a qual se encontrava e permanecer no poder.

Adiante, apresentamos a transcrição da entrevista conduzida pelo jornalista apresentador Paulo Markun e da qual participaram também os jornalistas convidados Augusto Nunes, Heródoto Barbeiro, Roseli Tardelli, Matinas Suzuki e Rodolfo Konder. O **PSCV** encontra-se destacado em negrito; o **PSE**, sublinhado; o **PSRP**, destacado em itálico. As intervenções (indicadas pela letra “i.”) foram numeradas de 1 a 235.

- 1 **Paulo Markun** - Boa noite, Presidente.
- 2 **Presidente** - Boa noite.
- 3 **Paulo Markun** - Obrigado pela presença do senhor aqui.
- 4 **Presidente** - *Markun, eu é que devo agradecer, porque é uma honra participar do “Roda Viva” quando está comemorando o seu milésimo programa. E no ano em que se comemora 30 anos da morte do Vlado, que era diretor da TV Cultura quando fizeram a primeira entrevista comigo. Não sei se deu para perceber mas as minhas pernas estavam tremendo, porque, quando acenderam a luz e colocaram o microfone na minha frente, quase que eu desmaio ali. Mas de qualquer forma é uma alegria poder estar participando com vocês do “Roda Viva” nesse momento histórico do “Roda Viva”.*

- 5 **Paulo Markun** - *Presidente, eu vou começar direto ao ponto: desde que começou essa crise política o senhor deu algumas declarações em cadeia nacional, em abertura de eventos do próprio Governo, mas eu creio que falta perguntar para começar a seguinte questão: o senhor tem se declarado, de um modo geral, como uma pessoa que não teve o conhecimento dos fatos relatados pelo ex-deputado Roberto Jefferson e das principais denúncias que se apresentaram nesse período. De outro lado, o senhor também tem dito em algumas ocasiões que muito disso é o que o senhor classificou agora recentemente em Mar Del Plata como denunciismo vazio. A pergunta é: o senhor não tem nenhuma responsabilidade? É possível a sociedade brasileira entender isso? O Presidente da República não tem nenhuma responsabilidade sobre esses fatos que escandalizam a Nação?*
- 6 **Presidente** - *Primeiro, o Presidente da República tem toda a responsabilidade, ou seja, pelo bem ou pelo mal não tem como o Presidente da República dizer que não tem responsabilidade. Sabendo ou não sabendo, o Presidente da República tem que ter responsabilidade e tem que mandar apurar. Este é o papel do Presidente da República. Uma coisa que eu acho extremamente grave é que ninguém traz na testa escrito - sabe? - “Eu vou praticar um ilícito.”; “Eu vou fazer corrupção.” Porque quando o deputado Roberto Jefferson faz a denúncia, ele foi cassado exatamente porque ele não provou a denúncia que ele fez. No que diz respeito, por exemplo, aos “mensalões”. O que ele provou é que o PT teve uma prática de financiamento de campanha totalmente contra a história do próprio partido, e isto está sendo apurado na CPI.*
- 7 **Paulo Markun** - Augusto.
- 8 **Augusto Nunes** - *Presidente, uma dúvida que o Brasil tem pelo menos há seis meses é a seguinte: foi verdadeiro o relato do deputado Roberto Jefferson sobre o encontro que ele teve com o senhor em janeiro deste ano? Teria sido testemunhado pelos ministros — então ministros — José Dirceu, Aldo Rebelo e o ministro Walfrido dos Mares Guia. Ele diz especificamente: ele contou ao senhor o que se passava acerca das irregularidades do Congresso, o senhor teria ficado muito emocionado, teria até chorado e o senhor o abraçou agradecendo as informações que ele havia lhe passado. Isto aconteceu?*
- 9 **Presidente** - Veja, aconteceu.
- 10 **Augusto Nunes** - *Foi a primeira vez que o senhor ouviu falar em “Mensalão”?*
- 11 **Presidente** - *Veja: Aconteceu, aconteceu sem a presença do Zé Dirceu. Aconteceu na presença do Walfrido dos Mares Guia, aconteceu na presença do líder do PTB e do líder do Governo — o atual líder — Arlindo Chinaglia. Ora, na medida em que há essa insinuação ou essa afirmação de um deputado, o que que eu fiz? Nós tínhamos o Aldo Rebelo como líder do Governo no Congresso. Nós tínhamos o Arlindo Chinaglia como líder do PT e eu pedi aos dois que explicassem se era verdade. Eles categoricamente disseram que isso era uma peça de ficção. Que não existia “Mensalão” dentro do Congresso Nacional e pelo que consta até agora — Até agora! — não foi provado que há “Mensalão”. Tem 513 deputados e até agora o que foi cassado foi cassado porque contou uma inverdade sobre o Congresso Nacional.*
- 12 **Augusto Nunes** - *Agora, o senhor chegou a chorar durante esse encontro?*
- 13 **Presidente** - *Não. Não cheguei a chorar. Isso é motivo até de conversa minha com o Walfrido. Porque o Walfrido me disse: Ô Presidente, o senhor chora muito contido, porque eu não consegui perceber o senhor chorando. Agora, eu não chorei, mas fiquei indignado, porque essa história de “Mensalão” no Congresso Nacional foi muito forte no Brasil na época da reeleição, vocês estão lembrados em 1986, em*

1996, e que não foi para a frente também, que não foi provado! Houve denúncia sobre dois deputados, acho que do PFL¹⁰, que expulsou os dois. Um deles inclusive que foi fundador do PT em 1980, era parceiro do Chico Mendes, era advogado ou assessor da CONTAG, mas não foi provado também. Então, não dá para que um Presidente da República fique fazendo política com o disse-que-disse, ou seja, o que é importante pra mim e que me deixa muito de cabeça erguida é o seguinte: nós estamos com três CPIs funcionando; não há nenhuma ingerência do governo para criar qualquer problema para CPI. Acho que o povo brasileiro deve aproveitar que eu estou na Presidência da República e se alguém tiver que fazer denúncia tem que fazer as denúncias, porque elas serão apuradas. E eu acho que há um sonho que eu tenho e certamente também vocês têm que haverá um dia em que nós conseguiremos passar o Brasil a limpo. Quem sabe uma “Operações Limpas” [sic] como foi feita na Itália e certamente ainda não acabou com a corrupção, mas resolveu muito dos problemas que tinha a Itália naquele momento.

14 **Paulo Markun** - Heródoto.

15 **Heródoto Barbeiro** - Presidente, o senhor disse há pouco que o Presidente da República é responsável, em tese pelo menos: quando sabe de alguma coisa, manda apurar. Nessa segunda-feira o PFL, a pedido do deputado Ronaldo Caiado, está pedindo a abertura de um impeachment contra o senhor, talvez até acusando-o de responsabilidade. Eu gostaria de saber como é que o senhor vai se defender se realmente se concretizar o pedido de abertura por parte do PFL de impeachment contra o senhor.

16 **Presidente** - Ora, primeiro eu não sei se o PFL tem autoridade política para pedir impeachment de um Presidente da República ou tem argumento para pedir impeachment do Presidente da República. Todos vocês são testemunhas de que a declaração do presidente do PFL foi uma declaração que deixou pelo menos a sociedade brasileira democrática atônita, porque ele disse que deveria acabar com “essa raça do PT” por pelo menos trinta anos. Segundo, nós também temos visto comentários pela imprensa, temos lido artigos de jornais: pessoas de partidos de oposição dizendo que é preciso de qualquer jeito evitar que o Presidente Lula seja candidato à reeleição. Veja a ironia do destino: não tínhamos reeleição no Brasil. Tínhamos um mandato de cinco anos sem reeleição. Em 94, porque eu estava na frente nas pesquisas de opinião pública, o que que eles fizeram? Diminuíram o mandato. O que aconteceu? O Fernando Henrique Cardoso ganhou as eleições. O que aconteceu depois? Em 96 teve a tese da reeleição. Agora que sou o Presidente, e ainda não decidi se vou ser candidato, portanto ninguém tem que ter medo se vou ser candidato ou não, porque não decidi, eu sempre vejo, através da imprensa, através da televisão e do rádio, gente insinuando que seria bom que eu não fosse candidato outra vez. Eu não sei por que essa preocupação que eles têm com o instituto da reeleição, que foram eles que criaram. Eu, aliás, era contra, votei na Constituinte para que não tivéssemos reeleição no Brasil. Defendo a tese [de] que deveríamos ter um mandato de 5 anos sem reeleição no Brasil, seria melhor para o país, eu acho que a alternância de poder faz bem para o país. E agora se eles entrarem com o pedido de impeachment será analisado pelo Presidente da Câmara. Eu acho hilariante o PFL pedir o impeachment do Presidente. Eu acho realmente hilariante. Não posso levar a sério um pedido de impeachment; com base no quê? Qual é a prova? Qual é o delito? Possivelmente coisas boas que estejamos fazendo.

17 **Roseli Tardelli** - Presidente, o senhor fez um pronunciamento à Nação e disse que foi traído. Eu gostaria de saber por quem o senhor foi traído. O senhor tem evitado um contato mais próximo com a im-

¹⁰ Atualmente Democratas (DEM).

prensa, gostaria de saber se o senhor tem algo a esconder. O senhor chamou a gente de deselegante e tudo mais, queria que o senhor fizesse uma breve análise, como é que o senhor acha que a imprensa está se comportando em relação a esta crise.

- 18 **Presidente** - *Primeiro, vamos só dizer o seguinte, eu não disse que a imprensa era deselegante. Eu, esses dias no Itamaraty, recebendo o Presidente da Jamaica, tinha um jovem, que eu não sei dizer a que jornal pertencia, ele gritava em altos brados “Presidente, Presidente!” Eu estava recebendo o Presidente da Jamaica! E eu falei: “Ah, ah! E a educação?” Sabe? Foi isso. Aliás uma coisa tão corriqueira que eu não sabia que ia dar comentários nos outros jornais. Depois, Roseli, uma coisa muito sincera, eu disse num depoimento meu que eu me sentia traído. E por que eu me sentia traído? Porque eu sei o que eu passei para criar esse partido. Eu sei o tanto que eu andei esse país. Eu saía de São Paulo para o Acre para fazer comício para duas pessoas. Eu saía de São Paulo para Brasília para conversar com dirigentes sindicais, chegava lá, 3, 4 horas da tarde, reunia 3, 4 companheiros. Eu fiz a campanha de 82 vendendo camiseta, eu anunciava no meu palanque para comprar camiseta para poder financiar minha campanha. Eu tinha dia que não viajava porque não tinha gasolina, e nós sobrevivemos. Por que eu fui traído? Porque alguns companheiros, alguns companheiros— e eu não quero fazer pré-julgamento nem citar nomes, porque eu espero que a CPI concretize o seu trabalho, depois o Ministério Público apure e depois a justiça julgue— tiveram um comportamento que não se coadunava com a história do PT. Sabe? O dinheiro fácil nunca fez bem a ninguém na história da humanidade. Você tem meios legais para fazer finanças de campanha, você tem critérios, você tem normas, você presta conta. Então eu não posso admitir que companheiros, em nome da facilidade, ou em nome da presunção, começassem a terceirizar campanha financeira de um partido. Por isso eu acho que fui traído por todos que fizeram esta prática condenada pelo PT e condenada pela sociedade brasileira.*
- 19 **Roseli Tardelli** - *Por que o senhor tem evitado a imprensa, Presidente?*
- 20 **Presidente** - *Eu não tenho evitado a imprensa. De vez em quando se criam algumas verdades que não são tão verdades. Veja, eu não sei se na História do Brasil teve um Presidente da República que faça o tanto de pronunciamento diário que eu faço. Tem dia que eu canso de mim mesmo. Tem dias [em] que eu faço oito pronunciamentos.*
- 21 **Augusto Nunes** - *Mas aí não é um monólogo?*
- 22 **Presidente** - *Veja, é um discurso do Presidente da República, que bem ou mal deve ser uma notícia para alguns jornais interessados, ou para o rádio ou para a televisão. Os ministros dão entrevistas a todo momento. Eu não acho prudente um Presidente da República dar entrevista toda semana ou todo mês. Quem sabe, quem sabe, se isso que você está falando for um pecado original de um presidente que não dá entrevista, eu posso dar entrevista. Até porque, sabe de uma coisa? eu gosto. Eu gosto de dar entrevista, eu gosto de desafios, eu gosto de determinadas provocações em debates. Sabe? Então não tem nenhum problema, apenas é uma forma de trabalhar, que eu acho que é a mais correta. Mas eu vou analisar, se não for, quem sabe, eu vou cansar vocês de dar entrevista.*
- 23 **Paulo Markun** - *Matinas.*
- 24 **Matinas Suzuki** - *Presidente, entre os possíveis traidores, o senhor incluiria o ex-ministro José Dirceu?*
- 25 **Presidente** - *Olha, eu disse agora há pouco que não ia citar nomes porque espero o resultado final da apuração. Qual é a norma? A CPI vai apurar, vai apresentar o seu relatório, o Ministério Público vai*

investigar e vai encaminhar à justiça e vai ser julgado. Eu vou repetir: todos aqueles que cometeram práticas equivocadas condenadas pelo PT e condenadas pela sociedade brasileira, eu acho que traíram um princípio que o PT tinha colocado em prática nesse país. E por isso vão pagar. Eu digo sempre o seguinte: quando você comete o erro não tem amigo, não tem inimigo, ou seja, as pessoas têm que ser julgadas em igualdade de condições e têm que ser punidas. E eu acho que o PT está com uma nova direção, acho que o PT vai ter um novo procedimento, vai ter um novo comportamento e eu acho que o PT vai recuperar aquela imagem que o PT conseguiu construir ao longo de 20 anos junto à sociedade brasileira. Daí porque eu de vez em quando fico analisando o nervosismo, a irritação das nossas oposições. Eu fui oposição a muitos Governos. Vocês viram aí minha cara nos debates, eu nunca fui tão irritado, eu nunca fui tão nervoso como eu estou vendo a minha oposição, porque são gente que deveria ter um pouco mais de cuidado ao falar, ter um pouco mais de cautela, investigar melhor, para que depois pudessem fazer acusações a qualquer pessoa. Eu aprendi na minha vida, e acho que vocês, mais do que ninguém, sabem disso. Eu aprendi na minha vida, e depois de fazer muitas acusações, que você só pode acusar alguém se você tiver provas ou indícios muito fortes de provas. Eu, uma vez, vi um deputado ser condenado e depois provado que ele não tinha nada, que foi o Alcení Guerra, e eu vi o que foi feito com a Escola de Base lá em São Paulo, se execrou a escola, a família do dono da escola e depois prova-se que é inocente, e não se recupera mais. Então eu acho que o que nós precisamos apostar claramente é que nós temos instituições sólidas. Vocês estão lembrados de que este país imaginava que não se podia fazer um impeachment de um presidente porque a casa ia cair e todo mundo estava meio preocupado com o Regime Militar. Fizemos o impeachment do Collor, e o Brasil continuou tranqüilamente. Todo mundo achava, e muitos Presidentes evitaram CPIs, que o Brasil não suporta ser governado por CPIs. Nós estamos com três. Se quiserem criar quatro que criem, se quiserem criar cinco que criem, eu só quero que criem todas as CPIs que quiserem criar, mas não percam nunca — sabe? — de vista de que o Congresso Nacional tem que votar as coisas que podem mudar a História desse país. E nós vamos contribuir com as apurações porque um dos sonhos que eu tenho na vida é que meus netos possam viver num país em que você não tenha a corrupção.

26 **Paulo Markun** - Konder.

27 **Rodolfo Konder** - *O senhor falou em História, Presidente. Nós sempre acreditamos que a História tinha um sentido. Achávamos, no meu caso, que caminhava na direção do Socialismo. Depois, houve uma série de mudanças, e hoje essa é uma questão a ser discutida. O senhor ainda acredita no sentido da História? E se o senhor acredita, em que direção o senhor acha que a humanidade está caminhando?*

28 **Presidente** - *Primeiro eu acredito no sentido da História. E acho que a História é o grande ensinamento para que os que virão depois acertem mais do que os que se foram. Quando, por exemplo, nós tivemos a queda do muro de Berlim, a História nos ensinou o quê? Não existe nenhum regime mais fantástico, por mais problema que ele tenha, do que a Democracia. Não existe. A Democracia não é uma meia coisa, ela é uma coisa por inteiro, porque fazer política num país que tem imprensa livre, fazer política que tem sindicato livre, fazer política que tem — sabe? — um Congresso Nacional livre, que tem organizações partidárias livres, que tem os estudantes fazendo o que entenderem fazer, pode ser difícil, mas é muito mais saudável para o futuro da humanidade do que você tentar se auto-intitular dono da verdade e fazer a política que interessa somente a um partido, a uma religião, a uma corrente sindical, ou a uma*

peessoa. Por isso eu acho que a História nos ensina muito. Temos muitos erros no passado, e agora temos a chance de corrigir. Eu lembro que uma frase que eu disse, que não foi muito bem aceita por alguns companheiros, na época do Partidão, quando eu disse que graças a Deus caiu o muro de Berlim, porque agora a esquerda vai ter o direito — sabe? — de pensar novamente. Vai ter o direito de criar coisas novas, vai ter o direito de pensar no futuro, não está tudo escrito, nós poderemos reescrever a História. E eu acho que é o que está acontecendo hoje.

- 29 **Paulo Markun** - Bem, Presidente, nós colocamos na Internet, na página da TV Cultura, um espaço para que as pessoas fizessem perguntas ao senhor. E recebemos 1500 e-mails até ontem à noite. Sendo que a maior parte deles, 25% deles tratavam da questão relativa à corrupção. *Então eu selecionei aqui uma pergunta de Adriano Moutinho, da Bahia, que tem 34 anos, que diz o seguinte: “Vossa Excelência disse no último sábado que a denúncia sobre o Banco do Brasil — participação dele no chamado “Valerioduto” — era absurda. Como é que o senhor explica isso e ao mesmo tempo como considera as denúncias que foram feitas anteriormente por Roberto Jefferson?”*
- 30 **Presidente** - *Primeiro a questão do Banco do Brasil. Eu disse numa entrevista que dei em Mar Del Plata que havia uma declaração do relator, o entendimento do relator sobre uma verba de publicidade do Banco do Brasil. E que tinha uma nota do Banco do Brasil contraditando aquela nota. Ora, a partir daí, não cabe ao Presidente da República dizer que o relator estava com a verdade absoluta ou que o Banco do Brasil estava com a verdade absoluta. A partir daí nós temos duas versões e quem tem que fazer investigação, quem é? Exatamente a CPI.*
- 31 **Paulo Markun** - *O senhor não disse também que era denunciismo vazio?*
- 32 **Presidente** - *Eu posso entrar aí, depois que eu falar da segunda parte da pergunta dele.*
- 33 **Paulo Markun** - *Pois não.*
- 34 **Presidente** - *Eu acho que o Roberto Jefferson foi cassado exatamente porque não provou o “Mensalão”. E não acredito que tenha existido esta barbaridade na política nacional. Pode ter outro tipo de corrupção, outro tipo de envolvimento, mas já está provado que o “Mensalão” vai, eu acho que a CPI vai constatar que não tem. Vão cassar deputados por outras razões. Eu estou convencido disso. Não vão cassar por causa de “Mensalão”. E portanto eu acho que o Roberto Jefferson prestou — e somente depois da CPI a gente vai ter certeza disso — um desserviço à Nação brasileira. Porque a partir daí, nós tivemos uma política de se jogar suspeição em cima de todo mundo.*
- 35 **Heródoto Barbeiro** - *Presidente, ele não era aliado do Governo?*
- 36 **Presidente** - *Era, era.*
- 37 **Heródoto Barbeiro** - *Ele não fazia parte da base aliada do Governo?*
- 38 **Presidente** - *Puxa vida! O Fernandinho Beira-Mar também era filho da mãe dele! E entretanto não era o filho que ela queria ter!*
- 39 **Augusto Nunes** - *O senhor prometeu a ele um cheque em branco!*
- 40 **Presidente** - *Não é verdade! Esta história de cheque em branco...*
- 41 **Augusto Nunes** - *O senhor declarou. O senhor declarou isso num jantar.*
- 42 **Presidente** - *Não declarei, não declarei. Não declarei, Augusto! E você sabe que eu não sou de declarar. Acontece que com o Presidente da República, não sou eu o primeiro a me queixar, todos se queixam, é que as pessoas vêm conversar com o Presidente, e depois cada um lá fora interpreta aquilo que*

acha que é melhor para ele interpretar. Eu não fiz uma reunião com o Roberto Jefferson, eu fiz uma reunião com a mesa da Câmara dos Deputados. Todos os deputados! Todos os deputados! E em nenhum momento foi discutido cheque em branco. Eu sou casado com a Dona Marisa há 31 anos e o único cheque em branco que, aliás, o único cheque que eu utilizo, meu lá, é da Dona Marisa [sic]. Não teria nenhum sentido...

43 **Augusto Nunes** - *O senhor falou no sentido simbólico, foi num jantar na casa dele.*

44 **Presidente** - *Não foi num jantar, foi num café da manhã.*

45 **Augusto Nunes** - *O senhor nunca jantou com ele?*

46 **Presidente** - *Com...*

47 **Augusto Nunes** - *Com o Roberto Jefferson?*

48 **Presidente** - *Jantei, jantei na casa dele!*

49 **Augusto Nunes** - *Então, não foi depois desse jantar?*

50 **Presidente** - *Não, não, não... Esta conversa surgiu aqui, nesse salão aqui em baixo — sabe? —, num café da manhã, com a Presidência da Câmara e todos os membros da mesa. Pra mim, dar um cheque em branco é muito difícil.*

51 **Roseli Tardelli** - *Presidente, se é um denunciismo vazio, e o deputado Roberto Jefferson não tem nenhuma razão no que ele falou, por que o ex-ministro José Dirceu acabou caindo?*

52 **Presidente** - *Eu não estou dizendo que é denunciismo vazio. Eu estou dizendo que tem uma mistura de denúncias que são verdadeiras e quando se apura você chega à conclusão de que ela tem indício de provas que dão base para uma grande investigação. Mas eu estou dizendo que quando se coloca tudo no mesmo tacho, você pode... Veja, eu, por exemplo, já afastei quase 50 servidores públicos. Certamente no meio desses tem gente inocente. Certamente! Mas eu fui obrigado a afastar porque estavam envolvidos — sabe? — junto com outras pessoas, no mesmo local de trabalho. Certamente nós cometemos erros, e eu acho que na política é muito difícil você fazer julgamento precipitado e julgar as pessoas. Eu acho que uma tentativa de jogar suspeição em cima de todo mundo - sabe? - sem que você tenha um compromisso de provar, eu acho...*

53 **Augusto Nunes** - *Presidente!*

54 **Presidente** - *Portanto eu acho que o papel da CPI nesse instante é o de apurar. A CPI está instalada, tem três CPIs, ela tem que investigar. Depois isso vai cair na mão do Ministério Público, que vai investigar. Se precisar a Polícia Federal investigar, vai investigar. Depois isso vai cair na mão do Supremo Tribunal Federal, que vai julgar. É assim que funciona. Eu só acho que as denúncias devem ser feitas quando tiver provas. Se não tiver provas, por favor, peça à polícia para investigar antes porque senão você pode execrar a vida de uma pessoa — sabe? — e depois provar que é inocente e não recuperar mais...*

55 **Augusto Nunes** - *Presidente!*

56 **Roseli Tardelli** - *Presidente, Presidente!!!*

57 **Presidente** - *Só um minutinho! a questão do Zé Dirceu que você perguntou. Veja, o Zé Dirceu, primeiro, quando surgiu a questão sobre o Waldomiro, que até agora não se provou nada, está no processo de investigação, é verdade que o Zé Dirceu queria sair do Governo. Eu disse: “Zé, mas se você está dizendo que não tem nada com o Waldomiro, e você vai sair porque estão atacando o Waldomiro, você não con-*

segue montar um governo, porque a cada um que for denunciado você tirar, você troca todo mundo todo mês!” Bem, o Zé Dirceu ficou. Na segunda fase, quando começaram a atacar muito o Zé Dirceu, eu tive uma reunião com o Zé Dirceu, e disse: “Ó Zé Dirceu, eu acho que chegou o momento de você pensar se não é melhor você voltar para o Congresso Nacional, porque lá está o centro do debate sobre a crise e você é um deputado que teve mais de 500.000 votos, você é uma figura de peso nacional, portanto lá eu acho que você vai poder fazer muito mais do que se ficar dentro do Governo sendo vidraça da nossa oposição.” E o Zé Dirceu tomou a decisão de voltar para o Congresso Nacional.

- 58 **Augusto Nunes** - *Ali ele só está se defendendo, Presidente! Desde que ele voltou ele não fez um ataque, está numa defensiva que deverá levá-lo à cassação.*
- 59 **Presidente** - *Eu não sei qual é a tática ou qual a estratégia - esse negócio de tática e estratégia sempre me confunde —, mas de qualquer forma eu acho que o Zé Dirceu tem experiência política, porque feliz do país que tem um político da magnitude do Zé Dirceu, tem coragem e inteligência para fazer o enfrentamento. Se ele estabeleceu que a tática nesse momento é essa...*
- 60 **Augusto Nunes** - *O senhor seria testemunha de defesa dele, Presidente?*
- 61 **Presidente** - *Eu sou porque agora... Qual é a prova que tem contra o Zé Dirceu? Eu pergunto para você, Augusto Nunes, qual é a acusação que tem contra o Zé Dirceu?*
- 62 **Augusto Nunes** - *De ele ter comandado um esquema de repasse de verbas.*
- 63 **Presidente** - *Um esquema de “Mensalão”!*
- 64 **Augusto Nunes** - *E repartir isso...*
- 65 **Presidente** - *Não, não...*
- 66 **Augusto Nunes** - *Repasse de verbas evidentemente houve.*
- 67 **Presidente** - *Não houve. Até agora...*
- 68 **Augusto Nunes** - *Repasse de verbas sim...*
- 69 **Presidente** - *Qual era a...*
- 70 **Augusto Nunes** - *O Delúbio...*
- 71 **Presidente** - *Qual era a tese original? A tese original era que você tinha dinheiro público - sabe? - nas contas do PT...*
- 72 **Augusto Nunes** - *E é o que está na CPI.*
- 73 **Presidente** - *Até agora não tem!*
- 74 **Augusto Nunes** - *Esta história do Banco do Brasil pode ser o fio da meada, Presidente!*
- 75 **Presidente** - *Esta história do Banco do Brasil pode ser. Vamos esperar para ver se é! O que eu não posso é dar como verdade isso. Sabem por quê? Porque senão eu estarei cometendo injustiça. Eu acabei de dizer: “tem um relator fazendo uma das afirmações; tem o Banco do Brasil fazendo outras afirmações”. Agora, com base nas duas afirmações é que vai ser julgado. O Zé Dirceu foi acusado de montar uma quadrilha pelo Roberto Jefferson. E sobretudo uma quadrilha para montar “Mensalão”! Eu estou esperando que o Congresso Nacional, pelos seus 513 deputados, pelo seu presidente, ou por quem quer que seja, dê à sociedade brasileira o veredicto final. Afinal, teve ou não teve “Mensalão”?*
- 76 **Paulo Markun** - *A expectativa do senhor é que não teve?*
- 77 **Presidente** - *Eu tenho a certeza de que não teve! Eu tenho a certeza por uma razão muito simples: eu tomei a iniciativa em 2003 para votar as duas coisas mais importantes que colocamos em votação, que*

eram a reforma tributária e a reforma da previdência social. Nós fizemos quase que um pacto com 27 Governadores de Estado e nós acertamos a votação conjunta dentro do Congresso Nacional! Esse negócio de “Mensalão” me cheira um pouco a folclore dentro do Congresso Nacional. Pode ter outro tipo de coisa que os deputados podem saber, mas eu não acredito que tenha “Mensalão”.

- 78 **Rodolfo Konder** - Presidente, o senhor agora há pouco fez uma defesa muito bonita da Democracia. O senhor lutou contra a ditadura, esteve preso, enfim pagou o preço por lutar pela Democracia. A gente observa que a questão democrática está muito presente do ponto de vista interno; agora, e a nossa política externa, até onde o senhor acha que ela também deve ter esse compromisso com a Democracia?
- 79 **Presidente** - Nunca, nunca, ô Rodolfo, nós tivemos tanta democracia na política externa. Nunca! Ah... ah...você veja que hoje o Brasil tem uma posição de liderança na América do Sul, na América Latina, o Brasil muitas vezes é convidado pelo Chavez a resolver problemas dele com os Estados Unidos, e ao mesmo tempo nós somos convidados pelos Estados Unidos para resolver problemas com o Chavez. E aí eu lembro da minha história política, quando eu surgi no movimento sindical, algumas pessoas do Partido diziam “esse cara é agente da CIA”; e os de direita diziam “ele é comunista”. Então eu acho que sempre me portei como aquelas pessoas que se definem como o caminho do meio, ou seja, o Brasil joga um papel na sua política externa como jamais jogou em qualquer outro momento de sua História. E não por causa do Presidente Lula, não por causa do Itamaraty, mas por causa de um conjunto de fatores que estão acontecendo na política internacional e que permitiram que o Brasil jogasse esse papel de destaque. Sobretudo a partir do momento [em] que nós decidimos privilegiar a relação com a América do Sul e recuperar o Mercosul, quando nós decidimos ter uma nova atitude para com o Continente Africano, quando nós decidimos juntar os países árabes com os países da América do Sul. Quando nós decidimos criar o G20 foi o maior marco de tudo isso, porque o G20 permitiu que Índia, China, África do Sul, Brasil e outros países do mesmo porte se colocassem juntos para enfrentar nas instituições multilaterais a defesa dos interesses comuns desses países. Então nós criamos muito mais força, ficamos muito mais fortes do ponto de vista dos interesses coletivos do G20. E pela primeira vez estamos muito próximos, muito próximos, Rodolfo, de conseguirmos um acordo na Organização Mundial de Comércio. E vocês assistiram ao discurso do Presidente Bush ontem, dizendo que os Estados Unidos vai [sic] fazer a sua parte: vai [sic] reduzir os subsídios agrícolas, e ele espera que a Europa reduza. Estamos próximos e eu particularmente estou muito confiante.
- 80 **Matinas Suzuki** - Presidente, eu vou pedir licença ao senhor para voltar ao tema da política interna. Na avaliação do senhor há envolvimento direto ou indireto do PT ou de membros do PT no assassinato do prefeito Celso Daniel?
- 81 **Presidente** - Não há. Matinas, eu vou... Eu fico constrangido porque... E magoado profundamente, porque o Celso era um irmão, o Celso era um companheiro que eu tinha chamado ele para coordenar o programa de Governo, e certamente se o Celso estivesse vivo, o Celso, que era na minha opinião o mais competente administrador público deste país, em se tratando de prefeitura, estaria trabalhando comigo. Ah... O nosso companheiro Celso Daniel foi assassinado — veja — e você já tem o resultado da Polícia Civil de São Paulo, você tem o resultado da Polícia Federal, eu pedi ao Presidente Fernando Henrique Cardoso que mandasse a Polícia Federal investigar para que não ficasse só sob as ordens da Polícia Civil de São Paulo. E tanto a Polícia Federal quanto a Polícia Civil deram o caso por encerrado, trata-

ram como caso comum. Agora, estranhamente, toda vez que vai chegando perto de um ano eleitoral, esse caso volta à tona, tentando transformar a vítima no algoz. Eu acho que as pessoas que tratam o caso da morte do Celso Daniel do jeito que estão tratando deveriam ter muito mais respeito à relação que o Celso tinha com o PT e que o PT tinha com o Celso.

- 82 **Paulo Markun** - *Eu acho que inclusive a família, porque a família está envolvida nessa relação.*
- 83 **Presidente** - *Eu não conheço a família. Eu não conheço a família! Pelo que me consta, eu sou amigo, eu fui amigo do Celso quase 25 anos da minha vida. Eu na verdade não tive nenhuma convivência com os irmãos dele. Significa que eles não eram tão próximos do Celso, porque você sabe que Santo André é muito próximo de São Bernardo e que eu fazia muita campanha em Santo André, que eu visitava muito os atos públicos de Santo André, e eu não conhecia os irmãos do Celso. Então significa que pode ser que não havia essa proximidade entre os irmãos.*
- 84 **Paulo Markun** - Esta pergunta é de Luciana Begoso Silva, de São Paulo, ela tem 28 anos e diz o seguinte: para que a economia cresça, será necessário que a partir de dezembro e durante todo o ano de 2006 os juros caiam. O senhor acredita que isso vai acontecer, e que a inflação será idêntica à de 2005, em 2006?
- 85 **Presidente** - Primeiro, os juros já estão caindo, pouco mas já caíram.
- 86 **Paulo Markun** - Bem pouco.
- 87 **Presidente** - Mas vão cair, veja, porque sabe o que acontece na área econômica? E é importante essa senhora da Bahia fazer a pergunta, porque no Brasil nós sempre tivemos a experiência da mágica. Era raro um Ministro da Economia que não resolvesse inventar uma moda. E aí você vê Plano Verão, Plano Bresser, Plano Collor, e vai inventando e poucos meses depois disso não dá certo e a sociedade vai ficando com prejuízo atrás de prejuízo. Ora, o que nós estamos fazendo? Primeiro estamos dizendo para a sociedade brasileira que não tem mágica na política econômica. Tem seriedade e tem regras do jogo muito claras. E nós estamos conseguindo nesse instante o quê? Uma combinação de fatores positivos que há muitos anos não existia na economia brasileira. Você sabe que o Brasil, sempre quando decidiu exportar, asfixiava o mercado interno, ou, quando ele decidia crescer, a inflação ultrapassava os dois dígitos. O que que está acontecendo nesse momento na Economia Brasileira? Nós estamos com a Economia crescendo, nós estamos com as exportações crescendo, estamos com o superávit de conta corrente crescendo, estamos com o superávit da balança comercial batendo recorde atrás de recorde, estamos com aumento da poupança interna, estamos com aumento da massa salarial, e estamos com o aumento do emprego. É importante lembrar que, se você fizer um estudo da diferença dos trabalhadores demitidos e admitidos, ou seja, que é o CAGED, todos os trabalhadores que foram contratados foram comunicados ao Ministério do Trabalho, e todos que são mandados embora são comunicados ao Ministério do Trabalho, a diferença positiva em 8 anos do Governo passado foi de 8.000 mensais, a nossa média em 34 meses de governo são 107.000 empregos mensais, ou seja, mais de doze vezes mais de geração de postos de trabalho. Além disso, o que está acontecendo, a inflação está — sabe? — e vai ficar abaixo de 5 ou vai ficar 5 e nós temos a cesta básica, sabe?, diminuindo, ou seja, o poder de compra do trabalhador pode comprar mais cesta básica do que ele podia comprar anteriormente. Então o momento está no seguinte jogo: nós temos estabilidade econômica, nós temos geração de empregos, e tem o Bolsa Família, que é o maior programa de transferência de renda com condicionalidades do

mundo, ou seja, atendendo, já este mês, oito milhões de famílias em todos os municípios brasileiros.

- 88 **Augusto Nunes - O senhor prometeu 11 milhões de empregos, Presidente. O senhor vai conseguir alcançar esse número?**
- 89 **Presidente - Primeiro eu não prometi, você já aumentou um. A imprensa da época dizia 10.**
- 90 **Augusto Nunes - Dez! Fiquemos em dez.** Houve isso...
- 91 **Presidente - Não. O que está escrito no programa, e você pode ter acesso a ele, o que está escrito é que nós constatávamos que o Brasil precisaria criar 10 milhões de postos de trabalho.**
- 92 **Augusto Nunes - Que seriam criados!**
- 93 **Presidente - Nós já criamos agora em 34 meses três milhões, quinhentos e setenta e seis mil novos empregos com carteira assinada. Se você imaginar o que está surtindo de emprego nesse país o crédito consignado, se você imaginar o que está surtindo de emprego nesse país o dinheiro que estamos colocando na agricultura familiar brasileira, saímos de 4 bilhões para 9 bilhões de reais no Plano Safra 2005/2006, se você imaginar o que significa na geração de empregos a aprovação do Estatuto do Idoso que colocou mais três milhões no mercado, se você imaginar o que gera de emprego o microcrédito e as cooperativas que nós instituímos nesse país, quando chegar no final do mandato, e eu digo sempre, eu quero ser julgado no final do meu mandato...**
- 94 **Augusto Nunes - O senhor vai chegar a esse número?**
- 95 **Presidente - Eu não sei se vou chegar. Mas nós vamos chegar ao máximo que foi criado nesses últimos 22 anos, porque, quando nós falamos de economia, nós não podemos ter a memória curta, e vocês são homens que formam a opinião pública e têm que lembrar o seguinte: nós tivemos 22 anos, eu vou repetir, 22 anos de estagnação ou de crescimento muito medíocre. Vinte e dois anos, ou seja, uma geração de brasileiros, desde 1980 a 2002 foi formada com crescimento ou zero ou crescimento muito baixo. Nós, nesses três anos, estamos crescendo o que o Brasil não cresceu nos últimos 20 anos. Precisamos crescer mais? Lógico que precisamos e vamos trabalhar para crescer mais. Por isso estamos abrindo mais mercado, por isso nós aprovamos inovação tecnológica, por isso nós aprovamos a Medida Provisória do Bem, por isso nós fizemos reforma tributária. Porque nós queremos crescer mais.**
- 96 **Heródoto Barbeiro - Presidente, em relação ainda a esta questão econômica. Eu imagino que os partidos políticos tiveram dificuldades em captar dinheiro para fazer campanha eleitoral. Eu gostaria de saber se o senhor reconhece que o senhor foi eleito com uma campanha eleitoral que foi financiada pelo caixa 2 do PT. Isso nós estamos dizendo, pois já há fatos comprovados e ditos pelo PL, que é um partido da base aliada ao Governo, e diz que um gastou x e outro gastou y na campanha eleitoral do senhor. Como é que o senhor argumenta esta questão de ter sido eleito com dinheiro proveniente do caixa 2?**
- 97 **Presidente - Você acredita nisso?**
- 98 **Heródoto Barbeiro - Quem disse isso foi um aliado do Governo, Presidente.**
- 99 **Presidente - Deixa eu lhe contar uma coisa, deixa eu lhe contar uma coisa: eu fiz uma campanha, primeiro turno, eu tive 49% dos votos, fiz uma campanha e essa campanha teve recursos, e esses recursos estão prestados contas [sic] na Justiça Eleitoral de São Paulo, assinada por mim. Ora, o que eu vejo [sic] algumas pessoas dizerem me cheira a um pouco de fantasia. Eu vi o presidente do PL dizer numa entrevista ou num debate que tinha recebido 10 milhões do Delúbio para financiar a minha campanha.**

Ora, alguém acredita que, se o Delúbio tivesse 10 milhões de reais para dar para ele para financiar campanha do PT, ia dar para o PL financiar? Ou o próprio Delúbio ia financiar?

- 100 **Heródoto Barbeiro** - *Presidente, ele era do partido aliado do senhor.*
- 101 **Presidente** - *Mas não tem problema. Já tinha acabado a eleição.*
- 102 **Heródoto Barbeiro** - *Ele falou que era o condutor da campanha do senhor.*
- 103 **Presidente** - *Deixa eu lhe falar. Já tinha acabado a eleição do primeiro turno, portanto a eleição já era uma eleição tête-à-tête: Presidente Lula e candidato Serra. Não houve a participação dos partidos aliados em contribuição para o financiamento de campanha, o que houve foi que o Partido dos Trabalhadores, segundo o nosso Delúbio, fez acordos, para que parte daquilo que a gente arrecadasse fosse dado proporcionalmente em função das bancadas dos partidos. E isso...*
- 104 **Heródoto Barbeiro** - *Mas eles reconheceram, Presidente, em vários depoimentos da CPI, o chamado dinheiro não contabilizado. É isso que o país inteiro gostaria de saber.*
- 105 **Presidente** - *Já está dito pelo Delúbio. Já está reconhecido pelo Delúbio o crime eleitoral cometido. Já está dito pelo Delúbio.*
- 106 **Heródoto Barbeiro** - *Então o senhor foi eleito com dinheiro da campanha?*
- 107 **Presidente** - *Não, porque grande parte do dinheiro que está nesse imbróglio todo foi para as eleições municipais, segundo o Delúbio.*
- 108 **Heródoto Barbeiro** - *Esse dinheiro não chegou na campanha presidencial?*
- 109 **Presidente** - *Não chegou na campanha de 2002. Certamente não chegou.*
- 110 **Augusto Nunes** - *E o dinheiro do Duda Mendonça que ele reconhece que ele teve que receber por fora, em contas no exterior? Foi pela campanha do senhor!*
- 111 **Presidente** - *Eu não posso responder pelo dinheiro do Duda Mendonça. Eu não posso responder, até porque o Partido dos Trabalhadores tinha uma coordenação de campanha que fez acordo não apenas com o Duda, mas com todos que trabalharam na campanha. Desde um menino que servia café até o Duda Mendonça. E certamente ou o Delúbio prestou conta na CPI ou o Duda vai prestar conta na CPI e quando a CPI estiver com seu relatório vamos saber de fato o que aconteceu.*
- 112 **Augusto Nunes** - *E quem já foi punido com a perda de contratos de publicidade no Planalto, Presidente? O Duda!*
- 113 **Presidente** - *Não, porque não era possível você ter na SECOM alguém que estava sob suspeição na CPI. Foi afastado. Ele continua com as contas que ele tem. Não sei se ele tem conta no Banco do Brasil, na Petrobras, no BNDES, ou seja, quem tem que romper o contrato é a instituição, não é o Presidente.*
- 114 **Heródoto Barbeiro** - *Presidente, esses partidos aliados ao senhor, eles continuam na base de apoio ao Governo, mesmo depois de ter arrastado o Governo para a crise que o país inteiro está acontecendo [sic] e levantado as suspeitas mais chocantes para a população brasileira, para a opinião pública?*
- 115 **Presidente** - *Heródoto, continuam. E as pessoas que dentro desses partidos cometeram qualquer ato ilícito irão aparecer na investigação. E se aparecerem, essas pessoas serão punidas.*
- 116 **Heródoto Barbeiro** - *Mas Presidente, quando essa pessoa diz que financiou a campanha do senhor, os partidos que financiaram a campanha do senhor, que esse dinheiro veio do Caixa 2 do PT, como explicar isso para a população?*
- 117 **Presidente** - *Por que que você acredita no que ele te falou e não acredita no que eu estou te falando?*

- 118 **Heródoto Barbeiro** - Eu acredito no que o senhor está dizendo, lógico!
- 119 **Presidente** - Então, é isso. *Eu acho improvável — acho não, eu tenho certeza de que é improvável que o PL tenha dado dinheiro para a campanha presidencial. Acho mais provável que o Delúbio tenha feito a loucura...*
- 120 **Heródoto Barbeiro** - *Presidente, ele disse que recebeu o dinheiro. A discussão não é se ele recebeu ou não recebeu. A discussão lá no Congresso é: quanto recebeu? O próprio Marcos Valério tem discutido com eles se foi 10, se foi 5, se foi 4 [sic] Que recebeu, recebeu. O que está sendo discutido é quanto é que veio para financiar a campanha do senhor no segundo turno recebido pelo PL.*
- 121 **Presidente** - *Mas isso a CPI vai nos avisar. Para isso é que ela existe. É para nos avisar. Quanto foi e o que foi feito com o dinheiro.*
- 122 **Roseli Tardelli** - Presidente, sentado aí nessa cadeira...
- 123 **Presidente** (dirigindo-se a Heródoto Barbeiro) - *Vamos só aguardar o resultado da CPI, porque, ao invés de eu e você ficarmos divergindo, nós vamos falar “está aqui o resultado”. E alguém vai contestar. Ou o Ministério Público vai aprovar ou a Polícia Federal vai investigar ou a Justiça vai julgar.*
- 124 **Roseli Tardelli** - *Presidente, sentado aí nessa cadeira comandando o Brasil, o que que o senhor pretende fazer para que não exista mais caixa 2 no Brasil? Por exemplo, politicamente, o que que o senhor pode fazer?*
- 125 **Presidente** - *Tem um programa meu antigo no “Roda Viva” em que eu levanto a questão da necessidade do financiamento público de campanha. Tem muita gente que é contra, porque acha que vai gastar dinheiro em campanha... É muito mais barato o financiamento público! É muito mais barato, você determina o valor de cada voto, distribui proporcionalmente para cada partido aquele dinheiro, monta-se uma estrutura para fiscalizar, e nós estaremos resolvendo esse problema. Pelo menos do financiamento. Qual é o outro problema? É que na minha opinião deveria ser proibido o dinheiro privado. Segundo, era preciso que nós tivéssemos a fidelidade partidária para que a gente possa construir partidos mais fortes, para que a República brasileira se transforme numa República muito mais forte.*
- 126 **Paulo Markun** - *O senhor acha que o governo vai se empenhar nessa direção? Porque todos os Governos falam isso.*
- 127 **Presidente** - *Já se empenhou. Já se empenhou. Nós fizemos uma comissão coordenada pelo Ministro Márcio Thomaz Bastos, com base no relatório aprovado pela comissão no Congresso Nacional, que fez a proposta de reforma política, e nós colocamos alguns pontos e está lá para ser votada. E certamente tem divergências, por isso é que não é votada. Quando não vota é porque os partidos que estão dentro do Congresso Nacional não concordam. E aí, meu caro, não tenho o que fazer.*
- 128 **Rodolfo Konder** - Ô Presidente...
- 129 **Presidente** - *O Congresso tem soberania para votar.*
- 130 **Rodolfo Konder** - *O senhor falou no Ministro Márcio Thomaz Bastos. Esse referendo que foi realizado recentemente deu um resultado inesperado. O “não” foi aprovado por maioria esmagadora. Como é que o senhor interpretou isso? Essa questão da segurança vai ser tão importante, inclusive para o ano que vem, o ano de campanha. Como o senhor interpretou esse resultado?*
- 131 **Presidente** - *Bom, alguns, de forma muito rápida, tentaram jogar uma derrota no Governo. Primeiro, o Governo teve uma vitória, porque aprovou o Estatuto do Desarmamento; segunda vitória, foi que mais*

de 400.000 armas foram recebidas pelo governo; terceiro, é que desde 1990 essa é a primeira vez que diminuiu os homicídios [sic] no Brasil; quarto, o plebiscito foi uma coisa proposta pela Câmara dos Deputados e pelo Congresso Nacional. Tanto é que o plebiscito foi coordenado por duas comissões do Congresso Nacional que quiseram ser mais realistas que o rei e colocar em plebiscito se o povo queria ou não comprar arma. E depois, eu acho que a campanha do NÃO do ponto de vista do convencimento e da mensagem foi muito mais forte que a do SIM. A campanha do SIM parecia que era do contra e a do contra parecia que era a do SIM. Então eu não acho que... O dado concreto é que o povo se manifestou, está garantido o processo democrático, ninguém pode se queixar. Acho que o Congresso fez a sua parte, e acho que nós agora temos que tratar de cuidar da segurança com muito mais carinho.

132 **Paulo Markun** - Márcio Batista, do Espírito Santo, de 25 anos, pergunta o seguinte: **por que o Programa Primeiro Emprego não decolou?**

133 **Presidente** - Na verdade, **ele decolou!** Nós fizemos uma lei primeiro que era quase impeditiva. Depois o ministro Jaques Wagner propôs a mudança da própria lei; e hoje nós temos o **Primeiro Emprego**. É só você visitar o **Ministério do Trabalho** e conversar com o **Ministro Luís Marinho** que você vai perceber o que significa o **Consórcio da Juventude**, que é uma coisa que tem gerado muito emprego. **O Primeiro Emprego tem várias formas de você poder apresentá-lo. Nós temos um programa para a juventude que envolve Pró-Jovem, que envolve escola de fábrica, que envolve outros programas de vários ministérios que ao todo vão envolver 980.000 jovens — sabe? —, nós estamos propondo a eles voltarem a estudar, aprender uma profissão e, enquanto eles estudam e aprendem a profissão, nós pagamos uma espécie de salário para eles, que vai de 150 a 100 reais. Nós estamos pagando. Em alguns casos, os jovens estão fazendo trabalho comunitário. Isso é em convênio com as prefeituras. Parece que em São Paulo deve ter por volta de 30.000 jovens, no Rio de Janeiro por volta de 29.000 jovens, em Pernambuco, em Recife, deve ter por volta de 7.000 jovens, ou seja, todas as capitais, uma parceria entre o Governo Federal e as prefeituras, nós estamos fazendo um programa para que a gente possa dar ao jovem sobretudo a formação profissional para que ele possa adentrar ao mercado de trabalho. A segunda coisa que eu acho muito importante, que eu acho que está acontecendo no mesmo momento no Brasil, é o PC conectado, ou seja, nós defendemos um programa especial em que nós queremos colocar no mercado um milhão de computadores para as famílias mais pobres. Aquelas famílias mais pobres que forem comprar um computador até 2.500 reais, esse computador não vai ter PIS, não vai ter COFINS e mais ainda, essa família pobre vai poder comprar esse computador com prestações que variam de, eu acho, de 60 ou 70 reais, para pagar em 24 ou 36 meses, porque nós achamos que a partir daí nós estaremos tendo a oportunidade do Brasil se transformar num país onde a informática não será problema para a nossa juventude.**

134 **Matinas Suzuki** - *Presidente, quem o senhor prefere enfrentar nas eleições do ano que vem, o Governador Geraldo Alckmin ou o Prefeito José Serra?*

135 **Presidente** – *Olha, eu não escolho adversário, porque não decidi se vou ser candidato.*

136 **Matinas Suzuki** - *Presidente, o senhor não acha que, se o senhor não se candidatar, isso não poderá ser interpretado como uma espécie de “renúncia branca”?*

- 137 **Presidente** - *Pelo contrário! Como é que alguém pode dizer que alguém que não se candidata está renunciando se eu, em tese, sempre fui contra a reeleição? E segundo...*
- 138 **Paulo Markun** - *O que faria o senhor escolher ser candidato?*
- 139 **Presidente** - *E segundo, para você ser candidato é preciso que tenha algumas condicionantes. Você não pode ser candidato e acontecer o mesmo que aconteceu o mesmo que aconteceu com o Presidente Fernando Henrique Cardoso, que podia ter terminado o seu primeiro mandato bem e terminou o segundo mandato sufocado. Como o próprio Presidente Bush está vivendo agora o seu segundo mandato. Ou vai nos Governadores de Estado que estão em situações difíceis no seu segundo mandato. Então, eu olho com muito carinho. Eu não tenho que tomar uma decisão agora. Eu tenho que esperar chegar janeiro, fevereiro ou março — sabe? — e dizer “Eu vou ser candidato” ou não. Eu só posso ser candidato se eu estiver consciente de que eu posso fazer um segundo mandato melhor do que o primeiro e se eu puder fazer uma aliança política que possa me dar uma maioria concreta no Congresso Nacional.*
- 140 **Augusto Nunes** - *Presidente!*
- 141 **Presidente** - *Eu vou pensar com muito carinho isso. Isso não mexe com a minha cabeça. Vocês estão lembrados que quando eu entrei no Sindicato eu fui o primeiro a tomar a decisão de que o presidente do Sindicato não poderia ser reeleito. Depois isso mudou! Mas de qualquer forma eu acho que a reeleição não é um bom instituto. Sobretudo para o Brasil. Acho que não é. Se o cidadão foi bem, ele sai no primeiro mandato, deixa outro administrar, quatro anos depois ele volta. Sabe? É melhor assim.*
- 142 **Augusto Nunes** - *Presidente, então eu queria entender uma frase do senhor num dos improvisos recentes que o senhor fez, o senhor falou “Eles vão ter que me engolir”. Primeiro: engolir onde? Na Presidência, presumo. E eles quem?*
- 143 **Presidente** - *Ô Augusto, você está com uma mania de pegar só meia frase!*
- 144 **Augusto Nunes** - *Não, eu só estou anotando as frases aqui, do senhor, todas...*
- 145 **Presidente** - *Se você lesse a frase inteira do que eu falei você ia perceber que eu falei o seguinte...*
- 146 **Augusto Nunes** - *O senhor não falou “Eles vão ter que me engolir”?*
- 147 **Presidente** - *Não, você vai entender o que eu falei. Deixa eu lhe explicar o que eu falei. Se não, você pega uma palavra de uma frase ou de um discurso de meia hora, fica difícil. Esse discurso foi feito em Garanhuns, por ocasião da inauguração da Universidade Federal de Garanhuns, e também pelo lançamento do PRONAF, em que eu disse o seguinte: “Eu duvido que alguém já tenha ouvido da minha boca eu dizer que sou candidato. Nem para minha mulher eu nunca disse! Entretanto, se eu decidir ser candidato, eles vão ter que me engolir!”*
- 148 **Augusto Nunes** - *Eles quem?*
- 149 **Presidente** - *Ah, os meus adversários!*
- 150 **Heródoto Barbeiro** - *Presidente, uma frase inteira que o senhor disse. E isso nós colocamos no ar lá no Jornal da Cultura. O senhor fazendo uma crítica dura à Imprensa, o senhor agora está falando do Bolsa Família, está falando do Primeiro Emprego etc. como se nós não estivéssemos agindo de uma maneira equânime e noticiando os avanços que o senhor tem apresentado, que o senhor tem feito. Eu gostaria que o senhor nos dissesse o seguinte: o senhor acha que a Imprensa está linchando o seu Governo? O senhor acha que a Imprensa está só publicando coisas contrárias ao seu Governo? O senhor acha que a*

gente em vez de falar de Economia, de juro etc. está aqui falando só de crise política? Que a gente vai para um ponto e volta para falar de crise política de novo? Essa é a avaliação que o senhor faz?

151 **Presidente** - *Não. Eu acho que a Imprensa publica aquilo que os donos dos jornais, o diretor da redação entendem que deva ser publicado. Eu acho que tem coisas que deveriam ter um maior destaque e que não têm! Vou dar um pequeno exemplo com que eu fiquei indignado: o nosso Ministro da Educação foi ao Rio de Janeiro fazer um lançamento. Pela primeira vez na História do Brasil, nós produzimos livros em Braille para o Ensino Fundamental. E ele foi fazer o lançamento. Qual não foi minha surpresa, tinha inclusive artista de televisão! Por conta da novela! Qual não foi minha surpresa que não saiu uma nota em nenhum jornal! É uma coisa inusitada você lançar livros em Braille para os estudantes brasileiros.*

152 **Heródoto Barbeiro** - *Então o senhor tem uma queixa contra a Imprensa?*

153 **Presidente** - *Veja! Possivelmente muitas. Mas tem uma coisa que eu sou obrigado a reconhecer: primeiro, que nós não teríamos democracia se não fosse a Imprensa. Com virtudes e com defeitos. Segundo, que eu não seria Presidente da República, se não fosse a Imprensa. Com virtudes e com defeitos. Terceiro, a gente não teria uma Nação com instituições tão consolidadas, se não fosse a Imprensa. Com virtudes e com defeitos.*

154 **Heródoto Barbeiro** - *Mas essa Imprensa está tratando bem o Governo do senhor?*

155 **Presidente** - *Eu não faço críticas!*

156 **Heródoto Barbeiro** - *Mas o senhor fez críticas em palanque!*

157 **Presidente** - *Mas toda vez que eu me sentir injustiçado, eu tenho direito de fazer crítica. Como a Imprensa tem o direito de publicar as críticas a mim. Essa é a democracia.*

158 **Roseli Tardelli** - *Qual a análise que o senhor faz da cobertura que a Imprensa tem feito da crise?*

159 **Presidente** - *Eu não discuto a cobertura, porque nós começamos esse programa com você fazendo um alerta a mim, eu tenho tratado a Imprensa mal. Possivelmente isso seja uma reciprocidade. Mas de qualquer forma, eu acho que a Imprensa, e vou repetir aqui, eu acho que todos nós que estamos no Governo, e quando eu estava no PT, e quando eu estava na CUT e quando eu estava no sindicato, não tem um único político que não se queixa da Imprensa. E qual é a desculpa da Imprensa? Você era oposição, reclamava que não dava espaço para a oposição. Aí o jornalista falava: “É, mas quem está no Governo também se queixa de que não tem cobertura.” No fundo, no fundo, todo mundo tem uma relação de amor e ódio com a Imprensa. Amor quando saem coisas boas e ódio quando saem coisas ruins. Eu aprendi a conviver, na maioria do meu tempo, sem a Imprensa falar bem de mim, todo mundo sabe que no começo do sindicato não era fácil, não era todo jornal que cobria o sindicalismo! Eu aprendi o seguinte: a gente tem que viver com a imprensa como ela é.*

160 **Paulo Markun** - *E eu selecionei aqui algumas perguntas, Presidente. E a primeira delas: Hélio Bocato, de São Paulo, tem 50 anos, questiona o seguinte: Foi prometida uma atenção especial a nossas florestas e rios, mas vemos uma total devastação dos mesmos. Quais medidas o senhor pretende tomar para reverter esse quadro em curto, médio e longo prazo?*

161 **Presidente** - *Já foram tomadas medidas, ô Markun. Veja, a Ministra Marina... Eu acho que no Brasil não tem ninguém, não só competente, mas comprometida com a questão ambiental como a companheira Marina. Acontece que você tinha todo o Ministério do Meio Ambiente mais o IBAMA totalmente desati-*

vados. Não faz muito tempo, poucas semanas, um amigo meu foi num parque nacional que tem aí e encontrou lá apenas uma pessoa com um carro para tomar conta de um parque de centenas de hectares de terra. Nós estamos abrindo concurso para contratar mais gente para o IBAMA, para o Ministério do Meio Ambiente, nós estamos aparelhando o Ministério para que possa fiscalizar melhor as nossas florestas. E tivemos este ano uma redução de 40% das queimadas. E essas coisas - sabe? - num país do tamanho do Brasil levam algum tempo para você estruturar, mas esteja certo de que nós estamos comprometidos com a manutenção da nossa floresta.

162 **Paulo Markun** - *O senhor acha que uma área em que o Governo pode se orgulhar é essa área do meio ambiente?*

163 **Presidente** - *Eu não diria que o Governo pode se orgulhar, porque ainda falta muito por fazer. Mas eu diria que é uma área em que o Governo tem não apenas a Ministra, mas a equipe da Ministra, pessoas oriundas da sociedade, altamente comprometidas com uma boa política. Veja, quando nós tomamos a iniciativa de fazer a revitalização do Rio São Francisco, que era a transposição para levar água para o semi-árido nordestino, qual foi a primeira atitude que nós tomamos? Pegamos um projeto que vinha desde o tempo do D. Pedro. Desde 1846. Depois passou por vários Governos, passou pelo Governo do Fernando Henrique, depois o meu vice cuidou da primeira etapa, depois o **Ministro** **Ciro** está cuidando da segunda, fizemos 27 audiências públicas, assumimos o compromisso de revitalizar as margens dos rios, fazer saneamento nas cidades que estão à margem desses rios. Estamos trabalhando para aprovar um projeto que está no Congresso Nacional, que garante — uma emenda constitucional — que garante 0,3 , 0,5 do orçamento para que a gente assuma o compromisso da revitalização do Rio São Francisco, o que daria uma coisa em torno de trezentos milhões por ano. Porque nós achamos que o Rio São Francisco, para que ele possa servir água para outras pessoas que não têm acesso a ele, é preciso que a gente garanta a sua sobrevivência. E sua sobrevivência vai por recuperar os seus afluentes, recuperar as matas ciliares, e fazer com que não se jogue mais esgoto dentro do Rio São Francisco.*

164 **Augusto Nunes** - *Mas esqueceram de combinar com o bispo, não é, Presidente?*

165 **Presidente** - *Veja, um país de 180 milhões você não pode evitar que alguém faça um protesto ou coisa parecida.*

166 **Augusto Nunes** - *Esse protesto impediu o procedimento das obras. O começo das obras.*

167 **Presidente** - *A obra não estava para começar, porque nós temos um licenciamento prévio. Nós temos não um bispo, nós temos dezenas de bispos que escreveram nota — sabe? — condenando o comportamento do bispo que entrou em greve. O que nós achamos é o seguinte: não será por falta de debate. Se tem uma coisa com que nós não temos preocupação é de fazer quantos debates forem necessários para que a gente faça o projeto. Até porque não é todo brasileiro que sabe o que significa uma mãe de família carregar um pote d'água na cabeça por nove, dez quilômetros todo dia! As pessoas não sabem o que significa uma mãe ficar com uma lata d'água esperando um caminhão pipa que às vezes não vem! Então, quando nós estamos levando a água, é que nós queremos levar a água para beber para 12 milhões de brasileiros que vivem na região mais seca do país, na região mais pobre do país, na região[em] que chove menos do país. Nós queremos levar esta água lá para as pessoas beberem. Não será por falta de debate! Veja que eu nunca prometi em campanha fazer isso. Faço isso por necessida-*

de. Estamos tirando apenas 1% da água do Rio São Francisco para levar. Desapropriamos 2,5 quilômetros à margem do canal para que a gente possa permitir que haja assentamento próximo disso, e vamos fazer! Se não começar agora, começar o mês que vem, começar o ano que vem. Nós vamos começar! E vai ser feito porque o Brasil precisa levar água para essas pessoas que não têm água para beber.

168 **Roseli Tardelli** - Presidente, *o senhor está reiterando o seu compromisso com as pessoas pobres do Nordeste; eu queria falar um pouquinho de Aids, e queria saber do real compromisso do senhor na manutenção do programa brasileiro de combate à Aids. O Governo decretou o medicamento Calettra de utilidade pública, houve uma indicação de que para o Calettra seria pedida a licença compulsória e o Governo acabou, na avaliação dos ativistas, amarelando. Os ativistas disseram exatamente o seguinte: “Foi uma decisão conservadora e imediatista, e o Governo brasileiro abriu mão da soberania nacional e beijou os pés dos laboratórios, ao fazer o acordo que fez com o Abbott. O Brasil pagava 1,17, com o acordo passou a pagar 0,63 e segundo informações do próprio Ministério da Saúde os laboratórios oficiais poderiam fabricar o Calettra a 41 centavos de dólar.” Quer dizer, foi um bom negócio para o Brasil? E a manutenção do programa não vai ser ameaçada assim?*

169 **Presidente** - *Eu não sei quem deu essas informações para esses ativistas que falaram tão duro!*

170 **Roseli Tardelli** - *Falaram duro!*

171 **Presidente** - *Eu tenho consciência por informação do Ministro da Saúde de que, ao tomarmos a decisão de entrar com o processo de produção de remédio aqui, cumprindo inclusive todo o rito que está concebido na Organização Mundial de Comércio, o preço que a empresa nos ofereceu era mais barato que o preço de produzi-lo aqui. Informação que eu tenho do Ministro Saraiva Filho. A segunda coisa é que nós estamos dispostos, juntos com outros países que sofrem o mesmo problema, a construir não uma, mas a construir algumas centrais de produção desse remédio, mesmo se tivermos de romper com a lei de patente, porque nós não podemos permitir que a saúde brasileira e a saúde do ser humano esteja vinculada aos interesses — sabe? — do lucro de uma empresa. Agora, como nós somos um país que participamos das instituições multilaterais, nós temos que respeitar algumas regras e tentar quebrá-las convencendo outros países junto conosco a fazer isto, porque o Brasil tem compromissos não apenas com o povo brasileiro, nós temos compromisso também em ajudar países mais pobres que o Brasil, e que precisam desse remédio. Estamos discutindo isso também com os países ricos, para que eles comecem a perceber que a gente não pode permitir que a humanidade seja vítima — sabe? — dos interesses lucrativos de um laboratório! Então, vamos começar a produzir.*

172 **Heródoto Barbeiro** - Presidente, é fato que o senhor não gosta de trabalhar? E é por esse motivo que o senhor viaja tanto?

173 **Presidente** - Sabe do que eu tenho saudade?

174 **Heródoto Barbeiro** - O senhor já ouviu isso?

175 **Presidente** - *Já! Eu nunca tinha viajado de avião, antes de eu ser dirigente sindical, e os meus inimigos já diziam que eu andava de primeira classe! Então, bobagem, qualquer um pode falar o que quiser. Eu fiquei 22 anos dentro de uma fábrica. Trabalhei três anos e meio à noite. Trabalhei das 6 às 2, das 2 às 10, das 10 às 6 da manhã, fazia 5 horas extras sábado e nunca trabalhei tanto como eu trabalho na Presidência da República! Nunca! Nunca na minha vida eu pensei que ia trabalhar tanto, porque eu sabia*

que tinha Presidente que às 6 horas ia embora para casa! Eu sabia de Presidente que vinha trabalhar depois do almoço! Sabe? Agora, somente alguém irresponsável, somente alguém que não conhece o que é uma viagem de um presidente pode dizer que um presidente não trabalha quando ele viaja. Aliás, a Imprensa que viaja comigo pode ser testemunha da minha agenda internacional.

176 **Paulo Markun** - *O senhor acha que essas viagens são positivas, elas dão resultados?*

177 **Presidente** - *Essas viagens dão mais do que resultados! Basta você pegar a balança comercial do Brasil. É só você pegar! O nosso comércio com a América do Sul cresceu 83%! E vai crescer mais! Porque nós estamos trabalhando num processo de integração! Não adianta a gente ficar falando de integração no discurso e não ter estradas, não ter pontes, não ter ferrovias, não ter hidrovias, não ter telecomunicações, não ter aeroportos! Às vezes alguém que mora no Equador, para vir ao Brasil, tem que ir a Miami! Ora, se ele queria fazer negócio no Brasil e tem que ir a Miami, já faz negócio em Miami! Nós temos vários países africanos e do Oriente Médio não têm vôo direto para o Brasil! Nós precisamos criar as condições para que tenha vôos diretos da maioria desses países para o Brasil! Eu dou exemplo do nosso crescimento com a África, o nosso crescimento com o Oriente Médio, o nosso crescimento com os países asiáticos. Nós saímos de uma balança comercial de 60 bilhões para este ano chegarmos em setembro a 114 bilhões de reais. Nós saímos de um superávit de 13 bilhões de 2002, porque tínhamos diminuído as importações em 11, portanto se não tivéssemos diminuído as importações seriam 2 bilhões em superávit comercial, para um superávit de 41 bilhões de reais este ano — de dólares! De dólares! Este ano. Eu vou tocar num assunto em que eu pensei que vocês iam tocar. Quer dizer, quando eu comprei esse avião para esse país, não faltaram hipocrisia, o cinismo de gente que tem que ter responsabilidade! Ah, o avião do Lula! O avião não é meu! O avião é da instituição chamada Presidência da República, se daqui a um ano o Presidente não for mais eu, o que vier vai ter um avião decente para viajar. O que não pode é o Brasil continuar com um “sucataão” que não viajava mais! Estão lembrados de que, quando o Marco Maciel fez a viagem em que caiu o motor, ele ficou escondido? Um avião que não podia parar na maioria dos aeroportos, porque era multado, sabe? E então o Presidente da República começou a alugar avião para poder viajar. Este país tem que se respeitar! Eu espero que a vinda do Bush aqui tenha dado um pouco de noção para os hipócritas que fizeram as críticas, de perceber exatamente o seguinte: este país, o Presidente da República desse país — sabe? — ele não é um homem, ele é uma instituição, enquanto ele tiver o mandato! E um avião é um mínimo que ele pode ter para fazer as viagens que tem que fazer! Sabe?*

178 **Augusto Nunes** - Presidente!

179 **Presidente** - Um avião confortável, que não faça barulho!

180 **Augusto Nunes** - Presidente!

181 **Presidente** - Eu, eu quero tocar nesse assunto, porque de vez em quando a paciência se esgota quando você vê [sic] alguém falar “Ah, o avião é do Lula!” Então significa que quando terminar o meu mandato eu vou levá-lo para casa!

182 **Augusto Nunes** - Presidente!

183 **Presidente** - Então, vamos parar com essa hipocrisia! Eu vou contar mais! Vou aproveitar agora, ô Markun, essa liberdade da imprensa para dizer uma coisa importante.

184 **Augusto Nunes** - O senhor não está me deixando fazer uma pergunta!

185 **Presidente** - *Houve Governos que tentaram renovar o Palácio da Alvorada. Houve críticas contundentes. Eu cheguei no Palácio da Alvorada — sabe? —, você tem problemas hidráulicos de uma obra feita em 1958, você tem problema de água nos encanamentos, ou seja, para evitar dizer que o Governo estava gastando dinheiro, eu juntei as entidades empresariais todas, e falei: “Ó, tem um projeto feito pela Fundação Banco do Brasil, que custa 16 milhões — sabe? —, eu queria que vocês doassem ao Patrimônio Público!” Está lá sendo feito agora. Agora, sabe o que eu acho engraçado, Markun? É que eu de vez em quando vejo pessoas viajarem o mundo e irem naqueles castelos fantásticos, naqueles palácios e dizer “Que coisa maravilhosa! Que coisa fantástica!” Sabe? E por que aquilo é bonito? Porque aquilo está preservado. Porque naquilo alguém investiu dinheiro para preservar. E aqui no Brasil? Uma vez eu estava no Museu do Ipiranga, antes da campanha, e o cupim estava comendo o Museu do Ipiranga! E as pessoas acham que não pode gastar dinheiro! O Palácio não pode gastar dinheiro! Sabe? Quando na verdade isto aqui, o Palácio da Alvorada, é um Patrimônio da Humanidade! Isto tem que ser preservado! E cada Presidente que entrar aqui não pode pensar “Ah, eu estou aqui só quatro anos.” Ele precisa fazer as coisas boas nos quatro anos dele, para que o Palácio não esteja deteriorado. Então essas coisas, às vezes, cansam. Às vezes perturbam, porque se passa para a sociedade falsidades, que são incompreensíveis, mesmo no íntimo das pessoas que fazem a acusação. Eu me assustei quando eu vi a primeira crítica ao avião. Ah, ah... O Lula comprou um avião para ele. Como se o avião fosse para mim! O avião, quando eu for embora, sabe?, no dia em que eu deixar a Presidência da República, já é outro Presidente que está andando. A não ser que ele fale: “Bom, o avião é do Lula, vou dar de presente para o Lula, ele leva embora!”*

186 **Augusto Nunes** - *Presidente, eu queria aproveitar esta chance de também fazer perguntas ao senhor. Eu espero que o senhor não copie o aparato do Presidente americano, que ao meu ver é exagerado. Quería aproveitar que o senhor falou de importações, de exportações e de viagens. Então eu vou citar uma frase aqui, e espero citá-la na íntegra. O senhor disse, numa recente viagem à Europa, quando surgiu o problema da aftosa: “Esse foco já foi debelado. Matamos todas as reses. Já fizemos todas as barreiras às fronteiras em que era preciso fazer. Eu acho que vamos mostrar ao mundo a eficácia e a ação do Governo.” No mesmo dia o Ministro da Agricultura confirmou três novos focos em Mato Grosso do Sul. O senhor não acha que esse é o caso típico de “explicacionismo” vazio?*

187 **Presidente** - *Não!*

188 **Augusto Nunes** - *Por quê?*

189 **Presidente** - *Não, porque eu tinha recebido a informação...*

190 **Augusto Nunes** - *Errada!*

191 **Presidente** - *Não. Eu tinha recebido a informação de que na cidade onde teve o primeiro foco tinha sido debelado, tinha matado todo o rebanho, e o Governo tinha assumido o compromisso de pagar. Ora, se hoje foi encontrado um novo foco, nós vamos cuidar desse novo foco. A questão da febre aftosa...*

192 **Augusto Nunes** - *Aliás, já encontraram vários!*

193 **Presidente** - *A questão da febre aftosa tem um problema sério que é importante a opinião pública saber. Primeiro a opinião pública tem que saber — sabe? — que, no gado contaminado com a febre aftosa, a carne não faz mal ao ser humano. Ontem, eu até brincava com o Presidente Bush. Ele comeu a carne do Estado do Mato Grosso do Sul. Sabe?*

194 **Paulo Markun** - E gostou da carne?

195 **Presidente** - E achou maravilhosa. Eu também achei maravilhosa. Estava boa...

196 **Roseli Tardelli** - E fez cara feia?

197 **Presidente** - Não! Estava boa! Então veja, o Brasil, hoje, é o maior exportador de carne do mundo. Na medida em que você se torna o maior exportador de carne do mundo, aumenta imensamente a responsabilidade de todos. Aumenta a responsabilidade do criador, porque se o criador vacinar o gado e der um foco de febre aftosa — porque o Brasil tem milhares de quilômetros de fronteira seca; tem pessoas que têm propriedade no Brasil e em outro país ao mesmo tempo. - Se o cidadão vacinou, o Governo paga o rebanho dele, que matar. Se o cidadão não vacinou... Eu já disse para o Ministro Roberto Rodrigues que nós temos que mandar uma lei para o Congresso Nacional, o cidadão que não vacinou, ele precisa passar algum tempo de castigo, sem poder ter financiamento público. Sabe? Para ele poder ter responsabilidade. Segundo, então tem que ter o dono, o frigorífico, o prefeito, o Governador, o Presidente da República — sabe? — a sociedade brasileira precisa ter em conta que a carne não é um processo apenas interno, que o Brasil, hoje, é um grande exportador de carne. Quando o Presidente Putin esteve aqui no Brasil, nós tínhamos tido um foco lá na Amazônia, onde não é tradição criar gado, e a Rússia estava criando problema, eu saí daquela sala, peguei o Presidente Putin e o levei diante do mapa do Brasil, para mostrar para ele a distância entre lá, o fim do Pará, e o mercado exportador de carne, para ele ter dimensão que, se ele não tem problema de comprar carne da França quando a Bélgica tem um foco, muito menos ele terá de comprar do Brasil. Isso aconteceu, pois é, o que nós vamos fazer? Eu já propus em Ouro Preto, numa reunião de todos os Presidentes da América do Sul - O Brasil tem fronteiras com 10 países da América do Sul. Só não temos com o Equador e com o Chile. Portanto, a nossa vigilância é infinitamente superior. - E eu fiz uma proposta aos presidentes, que o combate à febre aftosa tem que ser uma coisa continental. O Brasil precisa assumir com outros presidentes a responsabilidade de que você não pode cuidar apenas de um quintal, você tem de cuidar de todo território, de todos os países, para que a gente possa banir definitivamente a febre aftosa do nosso território.

198 **Paulo Markun** - Presidente, como eu já li em vários lugares aí que este programa tinha uma série de coisas que não se podia falar, que houve um acordo fantástico pra fazer o programa, e eu sei que isso é absolutamente inverídico, eu começo este penúltimo bloco aqui com a seguinte pergunta: o filho do senhor fechou um negócio raro e muito bem sucedido com a empresa Telemar, vendendo a participação da empresa dele, de “games”, para a Telemar. Isso foi muito criticado. Como é que o senhor encara isso? O senhor não acha que há um conflito de interesse, de alguma forma, o fato dele ser filho do Presidente da República influenciou nesse negócio?

199 **Presidente** - Você não acha que o filho do Presidente da República, ao mesmo tempo em que não tem que ter nenhum privilégio, também não seja proibido de seguir a sua vida? Ora, porque é um absurdo, a Comissão de Valores Mobiliários investigou trinta contratos da Telemar depois dessa denúncia. Todos são regulares. Todos! Nenhum é irregular. Ora, uma coisa feita de forma totalmente transparente, visível, não houve nenhum processo de esconder, até porque é um programa de televisão, até porque eles têm programa na televisão, que eu não posso dizer aqui, que vocês vão dizer que eu estou fazendo “merchandising”, aliás, tem dois, tem numa televisão aberta, tem numa televisão a cabo, sabe? E estão tendo um sucesso extraordinário, porque estão tendo muito mais audiência que a MTV! E se a Telemar

entendeu que deveria comprar, ora, ele também entendeu que deveria haver interesse para ganhar dinheiro!

- 200 **Paulo Markun** - Mas o fato de a Telemar ter participação de fundos de pensão indiretamente não compromete?
- 201 **Presidente** - Veja, vamos! Dizer que a Telemar é uma empresa pública é no mínimo forçar a barra. Todo mundo sabe que a Telemar foi privatizada, todo mundo sabe como ela foi privatizada. Ninguém esqueceu! Todo mundo sabe que o fundo de pensão não participa da administração da Telemar, porque não pode participar de duas [empresas telefônicas], ele já está na Telecom. Todo mundo sabe disso! (...) Somente a investigação vai provar se foi legal! A Comissão de Valores Mobiliários investigou 30 contratos da Telemar e disse que nenhum tem irregularidade.
- 202 **Rodolfo Konder** - Presidente, uma hora e meia atrás o senhor se emocionou e também nos emocionou falando da morte do Wladimir Herzog, assassinado pela Ditadura em 75. Tivemos agora os 30 anos da morte dele, o Governo não se manifestou, não prestou nenhuma homenagem a ele. O senhor não acha que seria necessário que o Governo também se manifestasse sobre isso?
- 203 **Presidente** - Olha, possivelmente, o dia-a-dia do Governo não permitiu que o Governo tomasse uma atitude enquanto Governo. Mas eu fui que tomei a decisão de pedir para a Ministra Dilma Rousseff, que é ex-presença política, para ir no ato de homenagem ao Wlado. Sabe? Esta tua reflexão pode fazer com que a gente tome a iniciativa de no próximo ano fazer uma homenagem justa ao Wlado.
- 204 **Paulo Markun** - Uma delas, desculpa interromper, uma delas é o fato de que os documentos do SNI continuam a “sete chaves”. O senhor acha que isso vai ser liberado quando?
- 205 **Presidente** - Vai, vai. Foi determinado à Ministra Dilma Rousseff fazer todo o processo que tem que ser feito para cuidar dos documentos para que eles possam ir para o Arquivo Nacional. E nós até o final do ano mandaremos todos os documentos para o Arquivo Nacional, porque isso não tem que ficar na ABIN, isso faz parte da História brasileira, portanto tem que ir para o Arquivo Nacional.
- 206 **Heródoto Barbeiro** - Presidente, o senhor sempre foi um bom analista político, por isso o senhor é o Presidente da República, inclusive. Na avaliação, na análise do senhor, o Deputado José Dirceu vai ser cassado pela Câmara dos Deputados?
- 207 **Roseli Tardelli** - Se for, o senhor considera justa a cassação?
- 208 **Presidente** - Veja, se for analisar pelo conjunto de informações que nós temos agora, o Zé Dirceu será cassado por uma decisão eminentemente política da Câmara dos Deputados. Porque se for cassar por conta de prova até agora não existe nenhuma prova que condene o Zé Dirceu. Agora, como é que a sociedade brasileira vai entender depois de 5 meses — sabe? — de denúncias e mais denúncias, imaginar que o Congresso Nacional não vai cassar o Zé Dirceu? Já tivemos um caso parecido. Já tivemos o Ibsen Pinheiro, no caso da CPI dos “anões”. Agora veja, como a CPI está em funcionamento ainda, eu acho que a CPI tem maturidade para tomar decisão. Isso vai para o plenário e os deputados vão decidir. Eu só acho o seguinte, até agora eu não vi nenhuma lista de prova para dizer: agora ele realmente vai ser cassado. Agora, eu acho que politicamente o Congresso está condenado a cassar o Zé Dirceu.
- 209 **Matinas Suzuki** - Presidente, a ala corintiana aqui, Heródoto e eu, quer saber se o senhor acha que nós já estamos com mão na taça.

- 210 **Presidente** - Não. Olha , não sei se você percebe, eu sou o único político que assumo o time para que torço. A maioria fala “eu não torço pra ninguém”, “Eu torço pra todo mundo”
- 211 **Matinas Suzuki** - Alguns dizem que torcem para vários!
- 212 **Presidente** - Eu sou corintiano e respeito os meus adversários. Eu acho que estamos muito próximos, obviamente que não ganhamos ainda, faltam cinco jogos, se ganharmos mais dois jogos desses, nós estaremos com a mão na taça. De forma que eu sou um homem...
- 213 **Paulo Markun** - O senhor acha que...
- 214 **Presidente** - E depois...
- 215 **Paulo Markun** - Aquela contusão do...
- 216 **Presidente** - Olha, eu que sofri, sou da geração que sofreu com o Pelé! Eu sou da geração humilhada! Eu saía da Vila Carioca e ia no Pacaembu ver o Pelé — sabe? — humilhar a minha torcida, o Corinthians. Sabe? Quando eu vi o Corinthians ganhar do Santos de 7 a 1, finalmente, um pouco de justiça com os corintianos.
- 217 **Paulo Markun** - Roseli!
- 218 **Roseli Tardelli** - É... Parece que esse é um defeito seu, mas o senhor deve ter outros. Enfim, *Presidente, com qual imagem o senhor quer passar para a História do Brasil? Eu conversei com alguns empresários que deram notas, melhores e piores, para a sua administração, de 0 a 10. Como é que o senhor avalia o seu Governo, de 0 a 10?*
- 219 **Presidente** - *Veja, primeiro um Governo não é com nota! Se vocês estão lembrados eu não dava nota para Governo nem quando eu era oposição, porque Governo eu acho que não se mede com nota. Um Governo é um processo em metamorfose, ou seja, você está sempre evoluindo, está sempre transformando. Quando eu falei do emprego, de quase quatro milhões de empregos, quando eu falei do Bolsa Família, quando eu falei da estabilidade econômica, são indicadores que o Brasil fazia tempo que precisava disso com muita solidez. E hoje o Brasil tem isso com muita solidez! E portanto isso é o que vai dar credibilidade ou não aos próximos passos que o Governo pretende dar. Eu acho que nós vamos passar para a História do país — sabe? — da forma em que o povo nos enxergar! Não cabe a mim me enxergar. Eu não sou da turma do “Eu me amo”! Sabe aquela turma do “Eu me amo”? Tudo o que faz é o melhor do mundo. O que eu estou fazendo não é para mim, são aspirações que eu alimentei a vida inteira, que estou tentando construir, sabendo que não é possível mudar em quatro anos erros estruturais de 500 anos, de 300 anos, de 200 anos! Mas pela primeira vez nós estamos colocando o pobre na agenda mundial. Pela primeira vez eu sou convidado a Davos. Eu nunca pensei em participar do G8, porque o Brasil tinha caído, e colocar a questão da fome. Discutir a fome com os Presidentes dos países mais importantes do mundo! De repente você ter apoio de presidentes importantes, de repente hoje não tem uma reunião internacional em que a questão da fome não seja colocada, e o Bolsa Família seja pego como exemplo! Então isso é uma coisa importante, sabe por quê? Porque a fome, as pessoas têm vergonha de dizer que têm fome. E somente quem sentiu sabe o que é a dor de um estômago vazio! O Programa Luz para Todos é um programa extraordinário! Você, em Ilha Solteira, você encontra casas a poucos quilômetros numa ilha que não tinha luz! Nós assumimos o compromisso de até 2008 garantir através de parcerias, 80% do Governo Federal, o restante dos Governos estaduais, luz na casa. Quando você leva um pico de luz, você está tirando a pessoa das trevas! Uma mulher em Vitória*

da Conquista falou assim para mim, “Presidente, sabe a primeira coisa que eu vou fazer?” Eu pensei que ela fosse comprar uma televisão. “Eu vou comprar um liquidificador.” Eu falei “Mas por quê?” “Pra mim fazer suco, fazer sorvete e vender na feira.” O que para nós que moramos nas cidades grandes — sabe? — não tem a mínima importância, para a gente pobre desse país tem um valor extraordinário! Por isso é que o Bolsa Família — sabe? — finalmente está sendo compreendido por alguns aqui dentro, e já foi compreendido no mundo como o maior programa de transferência de renda com condicionalidades. A mãe tem que colocar o filho na escola, a mãe tem que dar vacina, e a mãe se estiver grávida tem que fazer os exames necessários! Não é pouca coisa isso!

220 **Augusto Nunes** - *Presidente, o senhor já disse que o Brasil funciona com três CPIs simultaneamente: o senhor em 99 disse que funcionaria até com dez, se fosse o caso, e eu concordo. Agora, toda vez que surge uma CPI, um grande exemplo foi a dos Correios, o que existe é um esforço de pessoas ligadas ao Governo para que ela não saia. Nós acompanhamos a formação da CPI dos Correios e vimos o esforço dos Ministros José Dirceu e Aldo Rebelo para, inclusive, tirar a assinatura do Roberto Jefferson! O Governo quer que tudo seja apurado, ou não? Porque cada vez que surge uma denúncia da CPI, como essa do Banco do Brasil, ela é imediatamente desqualificada por alguém do Governo como o Deputado Abcalil. Por que quando surge alguma denúncia sobre o Ministro Palocci, feita pelo Ministério Público, ela é imediatamente desqualificada por alguém do Governo? Então eu queria que o senhor mandasse o seguinte recado: o Governo quer apurar, está determinando aos Deputados que apurem, ou não?*

221 **Presidente** - *Primeiro, você deve se lembrar de quantas CPIs aconteceram no Governo passado! Quantas foram podadas dentro do Congresso Nacional! Eu, eu disse aos meus parceiros de Governo que não era possível criar nenhum problema para funcionar nenhuma CPI. Se a CPI dos Correios — sabe? — teve problemas no início, não teve problemas depois porque também o Governo, eu não estava nem no Brasil, eu estava viajando, tomamos a decisão de que a CPI precisaria ser instalada. Quer a CPI do “Mensalão”? Faz a do “Mensalão”! Quer a do Caixa 2? Faz a do Caixa 2! Até porque eu acho que este país só vai passar por um processo de depuração quando a gente não tiver medo de investigações. Agora, qual é o cuidado? O cuidado é para você não cometer erros e precipitação. Eu sou contra a pena de morte, porque eu acho que as pessoas podem ser inocentes. Então o que eu acho, toda vez que faz acusação contra alguém, primeiro vamos saber qual é o grau de veracidade, para que a gente possa investigar com a justiça que tem que ser. E se apurar, você condena as pessoas, pune as pessoas! Este país tem justiça, tem Ministério Público, tem cadeia! Você pune! O que você não pode é a priori condenar as pessoas! Não pode! Então, nesse negócio eu sou um homem que trago na minha carne o sentido da justiça. Eu já apanhei muito, também já bati muito. E eu acho que quanto mais cuidado nós tivermos, quanto mais juízo nós tivermos, quanto mais sensibilidade nós tivermos, para analisar as situações, por mais graves que elas sejam, mais certeza de acertar nas decisões nós teremos. A precipitação não ajuda a ninguém, por isso de vez em quando eu faço crítica a essa suspeição que se cria sobre todo mundo, todo dia, diz uma coisa hoje, amanhã não diz mais. Sabe? Tem mecanismo de apurar? Vamos apurar! E aí vão dizer que todos têm o direito de ser julgados decentemente nesse país.*

222 **Paulo Markun** - *Eu sei que o senhor vai dizer também desta pergunta: “vamos apurar”. Mas eu tenho que fazê-la. A revista Veja, da semana passada, publicou uma denúncia de que o PT teria recebido entre 3 milhões e 1,4 milhões de dólares de dinheiro de Cuba. E nesta semana publica uma entrevista com o*

piloto do avião que teria trazido... Levado, nós estamos em Brasília, levado aqui de Brasília para São Paulo, interior de São Paulo, as caixas de bebida onde estaria esse dinheiro. Como é que o senhor encara essa denúncia?

223 **Presidente** - *Primeiro, eu não posso acreditar. Não tem como acreditar, porque eu conheço o “miserê” que Cuba está vivendo. A pobreza que Cuba está vivendo. Nós temos linha de crédito para Cuba para financiar a compra de soja e a compra de leite para criança. Eu não posso... esse é o tipo da acusação, Markun, que eu acho tão inverossímil! Porque um cidadão fala que fez isso, que veio aqui, que levou bebida, e que depois ficou sabendo que era dinheiro. Quem falou que era dinheiro? Um morto! Ah, não dá! Não dá!*

224 **Paulo Markun** - *Mas esse cidadão conversou com pessoas ligadas ao Ministro da Fazenda!*

225 **Presidente** - *Não dá! Posso dizer de coração? Que eu não posso acreditar...*

226 **Matinas Suzuki** - *Presidente!*

227 **Presidente** - *que Cuba tenha dinheiro para dar para o PT ou para qualquer outro partido político no planeta Terra, hoje.*

228 **Matinas Suzuki** - *Presidente, baseado nessa própria avaliação do senhor de que Cuba hoje está falida, está numa miséria, está vivendo com dificuldades econômicas, está na hora de mudar o regime em Cuba?*

229 **Presidente** - *Esse é um problema dos cubanos, Matinas! Pelo amor de Deus! Eu não posso dar um palpite sobre uma coisa que é pertinente aos cubanos. Se dependesse de mim, se dependesse de mim, Cuba viveria num regime mais democrático do mundo, como nós vivemos aqui! Não depende de mim.*

230 **Presidente** - *Eu tenho que pelo menos permitir que os cubanos, na sua soberania, tenham autodeterminação.*

231 **Paulo Markun** - *Essa crise toda demonstrou para a sociedade brasileira que, em muito daquilo que o PT dizia de ser diferente dos outros partidos, não era. Pelo menos boa parte dos dirigentes do PT naquele período, nesse período recente, tiveram práticas que não são aceitáveis de maneira alguma, independente da gente prejulgar ou não. E o senhor, como conhece o partido a fundo, afinal a idéia foi do senhor, que o senhor explicasse o que aconteceu, o que que levou militantes de um partido que tinha essa proposta a mudar, a errar na sua conduta. E finalmente, para que a gente não termine o programa apenas com essa constatação, o que que o senhor acha que vai acontecer com o PT daqui para a frente?*

232 **Presidente** - *Olha, eu te confesso que eu não sei por que as pessoas caminharam para esse caminho. Eu não sei. Eu acho que o tempo vai se encarregar de fazer com que todos nós tenhamos a mais absoluta verdade sobre o que levou, o que levou um dirigente como o Delúbio a terceirizar finanças - sabe? -, quando é uma coisa da mais alta responsabilidade. Então isso vai ser apurado. O que vai acontecer com o PT, nós vimos um pouco o que aconteceu no PED [Processo de Eleição Direta]. Muita gente imaginava que o PT estava morto e mais de 320.000 pessoas compareceram para votar na disputa interna do partido. Significa que o partido tem mais arranque que o Carlo Tevez. O partido tem muita força porque o partido sabe que quem cometeu uns equívocos foram alguns companheiros, não foi o conjunto do partido. E portanto as pessoas resolveram recuperar o patrimônio que criaram. Então isso me deixou feliz, porque mostra que o partido está vivo e está disposto a brigar. Aqueles que erraram, Markun, pagarão dentro do PT. Você sabe que o PT não tem medo de punir companheiros. Você lembra que*

quando a gente tinha apenas oito deputados, nós afastamos cinco, por ocasião do Colégio Eleitoral. Então eu acho que o PT precisa voltar a ser exemplo de boas práticas políticas - sabe? - sobretudo se nós quisermos convencer a juventude brasileira a fazer política. Porque senão, do jeito que está aí, do jeito que está aí, se pudesse ter candidatura fora de partido político, nas eleições que vêm nós iríamos ter um grande banzé na eleição. Acontece que pela legislação as pessoas têm que estar abrigadas dentro de um partido político. Mas é importante que a gente pense de uma forma muito séria numa reestruturação partidária no Brasil.

233 **Paulo Markun** - Presidente, eu espero que o senhor obviamente volte ao “Roda Viva” antes do término do mandato do senhor. Mas de todo modo, por via das dúvidas, eu faço a seguinte pergunta que fica registrada para a História: *Até agora, o senhor acha que valeu a pena estar na Presidência?*

234 **Presidente** - *Valeu. Valeu. Eu sou um homem, Markun, que... a minha vida inteira, o único legado que eu quero deixar para os meus filhos é o direito de andar de cabeça erguida, é poder olhar para a frente, é poder tratar as pessoas, quando eu não for mais presidente, com o mesmo carinho que eu tratava antes de ser presidente. É ser chamado de companheiro e chamar os outros de companheiros. Eu tenho certeza de que valeu a pena porque nós estamos há 36 meses no Governo. Eu só posso comparar o meu Governo — sabe? — com aqueles que eu assumi depois deles [sic]. E eu tenho razões de sobra, razões de sobra para acreditar, um país que conseguiu o feito na economia que nós conseguimos, um país que conseguiu a geração de empregos que nós geramos, um país que conseguiu criar o programa Bolsa Família, um país que está com estabilidade, um país que viu o risco decrescer todo santo dia, um país que está colocando — sabe? — a parte mais pobre da população na ordem do dia, um país que conseguiu criar através do PROUNI, neste ano, 112.000 novas vagas na Universidade, das quais 38.000 vagas para afrodescendentes — sabe? —, para pobres da periferia, tem que acreditar que é possível. É possível! Eu posso te garantir uma coisa, Markun: estou com a minha consciência — sabe? — tranqüila de que estamos cumprindo o nosso dever. E estou com a consciência tranqüila também de que ser Presidente da República é ter problemas. É ter problemas! Cada vez mais e cada vez mais temos que estar preparados para resolver os problemas, até porque não há problema que não tenha solução.*

235 **Paulo Markun** - Muito obrigado, Presidente. Obrigado aos nossos entrevistadores, a você que está em casa. E nós estaremos de volta na próxima segunda-feira.

DVD “Roda Viva”. *O Brasil passa por aqui: Luiz Inácio Lula da Silva*, novembro de 2005. Cultura/Marcas.

No **PSRP**, desde que os jornalistas tocam na figura semântica do “Mensalão”, o Presidente Lula procura construir para si a imagem de presidente interessado em administrar a crise a fim de solucioná-la e de garantir condições éticas para governar. O **PSCV** e o **PSE** contêm relatos de melhoria das condições de vida da personagem povo brasileiro, assim como avanços no desenvolvimento econômico do País. Entre outros aspectos, a rela-

ção entre os três percursos semânticos considerados proporciona a Lula a possibilidade de argumentar em favor de sua permanência no poder.

Na intervenção 15, Heródoto Barbeiro introduz a figura do *impeachment* requerido pelo deputado federal Ronaldo Caiado (PFL-GO). O Presidente Lula, na intervenção 16, procura estabelecer para si a imagem de bom governante, alegando não haver contra si provas de delitos e ainda realizar “*coisas boas*”. O discurso de Lula procura manter um estado de coisas valorizado como positivo para o Brasil, enquanto o discurso atribuído ao PFL objetiva retirar o presidente petista do poder.

O Fragmento 24.3 a seguir contém algumas estratégias por meio das quais o Presidente Lula busca construir para si a imagem de bom governante ao mesmo tempo em que desqualifica outras personagens que mobiliza:

Fragmento 24.3

Ora, primeiro eu não sei se o PFL tem autoridade política para pedir impeachment de um Presidente da República ou tem argumento para pedir impeachment do Presidente da República. Todos vocês são testemunhas de que a declaração do presidente do PFL foi uma declaração que deixou pelo menos a sociedade brasileira democrática atônita porque ele disse que deveria acabar com “essa raça do PT” por pelo menos trinta anos. Segundo, nós também temos visto comentários pela imprensa, temos lido artigos de jornais: pessoas de partidos de oposição dizendo que é preciso de qualquer jeito evitar que o Presidente Lula seja candidato à reeleição. (...) Eu sempre vejo, através da imprensa, através da televisão e do rádio gente insinuando que seria bom que eu não fosse candidato outra vez. Eu não sei por que essa preocupação que eles têm com o instituto da reeleição, que foram eles que criaram. Eu, aliás, era contra, votei na Constituinte para que não tivéssemos reeleição no Brasil (...) E agora se eles entrarem com o pedido de impeachment será analisado pelo Presidente da Câmara. Eu acho hilariante o PFL pedir o impeachment do Presidente. Eu acho realmente hilariante. Não posso levar a sério um pedido de impeachment; com base no quê? Qual é a prova? Qual é o delito? Possivelmente coisas boas que estamos fazendo. (i.16)

O Presidente alia-se à personagem coletiva “sociedade brasileira democrática”. Ao afirmar que “*pelo menos a sociedade brasileira democrática*” estaria “*atônita*”, Lula deixa implícito subentendido que o PFL e seu presidente não fariam parte da sociedade democrá-

tica. A atonia é tida como consequência das palavras atribuídas ao personagem presidente do PFL, “*essa raça do PT*”, que apresentam sentidos negativos. A partir daí, o Presidente Lula também desqualifica a personagem coletiva PFL e o pedido de *impeachment* considerando-o não-sério, “*hilariante*”.

O Fragmento 24.3 apresenta um aspecto recorrente no discurso de Lula: a burocratização da crise, como se vê na referência à necessidade de o personagem Presidente da Câmara analisar os pedidos de *impeachment*.

Sempre que questionado sobre as possibilidades de corrupção envolvendo governo, o Presidente Lula recorre à burocratização da crise, citando os caminhos obrigatórios por que todo o processo de investigação deve passar. Primeiro, devem-se respeitar os procedimentos de apuração, como as personagens coletivas CPI e Ministério Público, por exemplo. É o que reforçam as intervenções 25, 30, 54 e 75, listadas no fragmento abaixo:

Fragmento 25.3

Olha, eu disse agora há pouco que não ia citar nomes porque espero o resultado final da apuração. Qual é a norma? A CPI vai apurar, vai apresentar o seu relatório, o Ministério Público vai investigar e vai encaminhar à justiça e vai ser julgado. (i.25)

Primeiro a questão do Banco do Brasil. Eu disse numa entrevista que dei em Mar Del Plata que havia uma declaração do relator, o entendimento do relator sobre uma verba de publicidade do Banco do Brasil. E que tinha uma nota do Banco do Brasil contraditando aquela nota. Ora, a partir daí, não cabe ao Presidente da República dizer que o relator estava com a verdade absoluta ou que o Banco do Brasil estava com a verdade absoluta. A partir daí nós temos duas versões e quem tem que fazer investigação, quem é? Exatamente a CPI. (i.30)

Portanto eu acho que o papel da CPI nesse instante é o de apurar. A CPI está instalada, tem três CPIs, ela tem que investigar. Depois isso vai cair na mão do Ministério Público, que vai investigar. Se precisar a Polícia Federal investigar, vai investigar. Depois isso vai cair na mão do Supremo Tribunal Federal, que vai julgar. É assim que funciona. (i.54)

O Zé Dirceu foi acusado de montar uma quadrilha pelo Roberto Jefferson. E sobretudo uma quadrilha para montar “Mensalão”! Eu estou esperando que o Congresso Nacional, pelos seus 513 deputados, pelo seu presidente, ou por quem quer que seja, dê à sociedade brasileira o veredicto final. Afinal, teve ou não teve “Mensalão”? (i.75)

Selecionando personagens discursivas coletivas institucionais – CPI, Ministério Público, Polícia Federal e Supremo Tribunal Federal – o discurso de Lula subordina todo o processo que envolve a crise política, bem como as acusações que são ressaltadas pelas perguntas dos jornalistas, à participação das instituições. O que se revela como estratégia discursiva de persuasão (transferência de responsabilidade para outras personagens), uma vez que a personagem Lula consegue responder às questões isentando-se e salvaguardando sua imagem. Por meio desse procedimento Lula busca convencer seus interlocutores de que não seria legítimo envolvê-lo em escândalos políticos. E de que, se alguém de seu Governo ou Partido for responsável por corrupção, caberá às personagens coletivas institucionais investigar, apurar e julgar, conforme a sequência acima citada.

O fragmento que segue tem o objetivo de frisar essa estratégia discursiva.

Fragmento 26.3

Presidente - Então, é isso. *Eu acho improvável — acho não, eu tenho certeza de que é improvável que o PL tenha dado dinheiro para a campanha presidencial. Acho mais provável que o Delúbio tenha feito a loucura...*(i.119)

Heródoto Barbeiro - *Presidente, ele disse que recebeu o dinheiro. A discussão não é se ele recebeu ou não recebeu. A discussão lá no Congresso é: quanto recebeu? O próprio Marcos Valério tem discutido com eles se foi 10, se foi 5, se foi 4 [sic] Que recebeu, recebeu. O que está sendo discutido é quanto é que veio para financiar a campanha do senhor no segundo turno recebido pelo PL.* (i.120)

Presidente - *Mas isso a CPI vai nos avisar. Para isso é que ela existe. É para nos avisar. Quanto foi e o que foi feito com o dinheiro.* (i.121)

Presidente (dirigindo-se a Heródoto Barbeiro) - *Vamos só aguardar o resultado da CPI, porque, ao invés de eu e você ficarmos divergindo, nós vamos falar “está aqui o resultado”. E alguém vai contestar. Ou o Ministério Público vai aprovar ou a Polícia Federal vai investigar ou a Justiça vai julgar.* (i.123)

Quando pressionado pela afirmação do jornalista de que Delúbio afirmou ter recebido dinheiro do PL, o que se contrapunha à afirmação do Presidente Lula de que seria improvável o PL ter dado dinheiro ao PT, o discurso de Lula apela à personagem coletiva institucional “CPI”: “*Mas isso a CPI vai nos avisar. Para isso é que ela existe. É para nos avisar. Quanto foi e o que foi feito com o dinheiro.*” (i.121).

Ainda no **PSRP**, mesmo quando o discurso do Presidente admite desvios de conduta do PT, procura trazer para si a responsabilidade de recuperar princípios que o seu partido perdeu. Primeiramente, conforme o Fragmento 27.3, abaixo, Lula admite responsabilidade do Presidente da República sobre a crise, mas argumenta que a responsabilidade inclui também empenho nas apurações:

Fragmento 27.3

Paulo Markun - *O Presidente da República não tem nenhuma responsabilidade sobre esses fatos que escandalizam a Nação?* (i.5)

Presidente - *Primeiro, o Presidente da República tem toda a responsabilidade, ou seja, pelo bem ou pelo mal não tem como o Presidente da República dizer que não tem responsabilidade. Sabendo ou não sabendo, o Presidente da República tem que ter responsabilidade e tem que mandar apurar. Este é o papel do Presidente da República. Uma coisa que eu acho extremamente grave é que ninguém traz na testa escrito - sabe? - “Eu vou praticar um ilícito.”; “Eu vou fazer corrupção.” Porque quando o deputado Roberto Jefferson faz a denúncia, ele foi cassado exatamente porque ele não provou a denúncia que ele fez. No que diz respeito, por exemplo, aos “mensalões”. O que ele provou é que o PT teve uma prática de financiamento de campanha totalmente contra a história do próprio partido e isto está sendo apurado na CPI.* (i.6).

Ainda no **PSRP**, o Fragmento 28.3 evidencia o tema da traição:

Fragmento 28.3

Roseli Tardelli - *Presidente, o senhor fez um pronunciamento à Nação e disse que foi traído. Eu gostaria de saber por quem o senhor foi traído (...)* (i.17)

Presidente - (...) *E por que eu me sentia traído? Porque eu sei o que eu passei para criar esse partido. Eu sei o tanto que eu andei esse país. Eu saía de São Paulo para o Acre para fazer comício para duas pessoas. Eu saía de São Paulo para Brasília para conversar com dirigentes sindicais, chegava lá, 3, 4 horas da tarde, reuniam 3, 4 companheiros. Eu fiz a campanha de 82 vendendo camiseta, eu anunciava no meu palanque para comprar camiseta para poder financiar minha campanha. Eu tinha dia que não viajava porque não tinha gasolina, e nós sobrevivemos. Por que eu fui traído? Porque alguns companheiros, alguns companheiros— e eu não quero fazer prejulgamento nem citar nomes, porque eu espero que a CPI concretize o seu trabalho, depois o Ministério Público apure e depois a justiça julgue — tiveram um comportamento que não se coadunava com a história do PT. Sabe? O dinheiro fácil nunca fez bem a ninguém na história da humanidade. Você tem meios legais para fazer finanças de campanha, você tem critérios, você tem normas, você presta conta. Então eu não posso admitir que companheiros, em nome da facilidade, ou em nome da presunção, começassem a terceirizar campanha finan-*

ceira de um partido. Por isso eu acho que fui traído por todos que fizeram esta prática condenada pelo PT e condenada pela sociedade brasileira. (i.18)

Quando diz “*Por isso eu acho que fui traído por todos que fizeram esta prática condenada pelo PT e condenada pela sociedade brasileira*” (i.18), Lula constrói para si a imagem de um guardião de valores políticos considerados éticos, portanto preenchendo as condições para permanecer no poder. O discurso de Lula mostra-se contrário às mudanças causadas pelo desvio de conduta de certos partidários e não perde de vista a estratégia de transferência de responsabilidade pela crise a outros personagens, ao afirmar que alguns companheiros traíram, como se vê em “*companheiros que fizeram esta prática condenada pelo PT e condenada pela sociedade brasileira*”.

O Presidente também se defende apontando acusações que não se auto-sustentariam do ponto de vista lógico, como as que lhe teriam sido feitas pelo Partido Liberal (PL) e apresentadas por Heródoto Barbeiro, no Fragmento 29.3:

Fragmento 29.3

Heródoto Barbeiro - (...) *Eu gostaria de saber se o senhor reconhece que o senhor foi eleito com uma campanha eleitoral que foi financiada pelo caixa 2 do PT. Isso nós estamos dizendo, pois já há fatos comprovados e ditos pelo PL, que é um partido da base aliada ao Governo, e diz que um gastou x e outro gastou y na campanha eleitoral do senhor. Como é que o senhor argumenta esta questão de ter sido eleito com dinheiro proveniente do caixa 2?* (i.96)

(...)

Presidente – (...) *Ora, o que eu vejo [sic] algumas pessoas dizerem me cheira a um pouco de fantasia. Eu vi o presidente do PL dizer numa entrevista ou num debate que tinha recebido 10 milhões do Delúbio para financiar a minha campanha. Ora, alguém acredita que, se o Delúbio tivesse 10 milhões de reais para dar para ele financiar campanha do PT, ia dar pro PL financiar, ou o próprio Delúbio ia financiar?* (i.99)

Aqui, as personagens Delúbio, PL e presidente do PL são mobilizadas pela personagem Presidente e têm suas ações questionadas. O discurso de Lula procura mostrar que haveria falta de lógica no fato de o presidente do PL receber de um membro do Partido dos Trabalhadores dinheiro para depois repassar ao próprio PT. A seleção lexical “*um pouco de*

fantasia” é outro aspecto que contribui para a desqualificação das personagens mencionadas na intervenção 99.

Ainda quanto à mobilização das personagens, o discurso de Lula vale-se da dicotomia entre Governo e alguns membros do Partido dos Trabalhadores, para concentrar grande parte da responsabilidade sobre a crise nesses últimos personagens, uma vez que eles teriam agido incoerentemente com os princípios do PT. O Presidente se exime de emitir julgamentos e apontar nomes, com exceção do personagem Delúbio Soares, visto que este já havia deposto junto à CPI e admitido a existência do caixa 2 na campanha petista, conforme o fragmento abaixo:

Fragmento 30.3

Presidente - *Olha, eu disse agora há pouco que não ia citar nomes porque espero o resultado final da apuração. Qual é a norma? A CPI vai apurar, vai apresentar o seu relatório, o Ministério Público vai investigar e vai encaminhar à justiça e vai ser julgado.* (i.25)

(...)

Não houve a participação dos partidos aliados em contribuição para o financiamento de campanha, o que houve foi que o Partido dos Trabalhadores, segundo o nosso Delúbio, fez acordos, para que parte daquilo que a gente arrecadasse fosse dado proporcionalmente em função das bancadas dos partidos. (i.103)

(...)

Já está dito pelo Delúbio. Já está reconhecido pelo Delúbio o crime eleitoral cometido. Já está dito pelo Delúbio. (i.105)

Heródoto Barbeiro - *Então o senhor foi eleito com dinheiro da campanha?* (i.106)

Presidente - *Não, porque grande parte do dinheiro que está nesse imbróglio todo foi para as eleições municipais, segundo o Delúbio.* (i.107)

(...)

Heródoto Barbeiro - *Esse dinheiro não chegou na campanha presidencial?* (i.108)

Presidente - *Não chegou na campanha de 2002. Certamente não chegou.* (i.109)

Nas intervenções 107-109, o discurso de Lula tenta desvincular os temas campanha presidencial e dinheiro não contabilizado (“Caixa 2”). Contudo, em 107, está implícita pressuposta a existência de uma pequena “parte do dinheiro” e, dentre outras conclusões,

poder-se-ia subentender que essa “pequena parte” destinou-se às eleições presidenciais. Como o discurso de Lula afirma que grande parte do dinheiro envolvido em negociatas ilegais teria ido para eleições municipais, quer mostrar que em sua campanha à Presidência da República não se teriam usado tais recursos, ou teria sido empregada uma quantidade pequena.

CAPÍTULO 5

O jogo de imagens

Os resultados até agora obtidos indicam que nosso quinto objetivo específico — estabelecer a imagem que o Presidente Lula constrói de si e do país sob seu governo — já foi parcialmente alcançado: revelam o Presidente tentando construir para si a imagem de um governante probo. Para compreender melhor essa tentativa de construção, cabe voltar a Michel Pêcheux, que em seu quadro de formações imaginárias articula a noção de imagem à de lugar na estrutura social:

esses lugares¹¹ [de A (o “destinador”) e de B (o “destinatário”)] estão *representados* nos processos discursivos em que são colocados em jogo. Entretanto, seria ingênuo supor que *o lugar como feixe de traços objetivos* funciona como tal no interior do processo discursivo; ele se encontra aí representado, isto é, *presente, mas transformado*; em outros termos, o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a *si* e ao *outro*, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro. (PÊCHEUX, 1997, p. 82, itálicos no original).

O teórico nos diz que o “destinador” faz muito mais, no processo discursivo, do que emitir uma mensagem, da mesma forma que o “destinatário”, por sua vez, não é um receptor passivo do que lhe é transmitido. A título de exemplificação, podemos apontar a divergência criada por diferentes sentidos atribuídos à palavra “responsabilidade”.

Fragmento 31.3

Paulo Markun - (...) *A pergunta é: o senhor não tem nenhuma responsabilidade? É possível a sociedade brasileira entender isso? O Presidente da República não tem nenhuma responsabilidade sobre esses fatos que escandalizam a Nação?* (i.5)

Presidente - *Primeiro, o Presidente da República tem toda a responsabilidade, ou seja, pelo bem ou pelo mal não tem como o Presidente da República dizer que não tem responsabilidade. Sabendo ou não sabendo, o Presidente da República tem que ter responsabilidade e tem que mandar apurar. Este é o*

¹¹ “A e B designam lugares determinados na estrutura de uma formação social, lugares dos quais a sociologia pode descrever o feixe de traços objetivos característicos: assim, por exemplo, no interior da esfera da produção econômica, os lugares do “patrão” (diretor, chefe da empresa etc.), do funcionário de repartição, do contramestre, do operário, são marcados por propriedades diferenciais determináveis.” (PÊCHEUX;ib)

papel do Presidente da República. Uma coisa que eu acho extremamente grave é que ninguém traz na testa escrito — sabe? — “Eu vou praticar um ilícito.”; “Eu vou fazer corrupção.” (...) (i.6).

Lula vale-se da tese de que as pessoas se corrompem, traem-se e que, portanto, não haveria como o Presidente prever quem vai se desviar de condutas éticas. A “responsabilidade” a que Lula se refere está condicionada ao lugar social que ocupa, ao lugar social de Presidente da República. Enunciando um discurso específico e ocupando o lugar social de Presidente da República, Lula não admite um dos sentidos que Paulo Markun (i.5) atribuiu à palavra “responsabilidade”: culpa pela existência de “Mensalão”.

Por outro lado, na interação verbal constituída pela entrevista, em que Lula é o “destinador”, teríamos diferentes destinatários. Em linhas gerais: os jornalistas entrevistadores, os telespectadores da TV Cultura, os aliados e os adversários políticos do Presidente. Lula, nessa interação, constrói e projeta imagens de si, de seus destinatários e do referente: a crise do “Mensalão”. Seguindo o que Pêcheux propõe para as formações imaginárias (1997, p. 83 *et seq.*), teríamos:

I_A (A) – imagem que Lula constrói discursivamente de si mesmo;

I_A (B1) – imagem que o discurso de Lula constrói dos jornalistas entrevistadores;

I_A (B2) – imagem que o discurso de Lula constrói dos adversários políticos;

I_A (B3) – imagem que o discurso de Lula constrói dos aliados;

I_A (B4) – imagem que o discurso de Lula constrói do público restante.

Em **I_A (A)**, Lula constrói para si a imagem discursiva de um governante probo.

Em **I_A (B1)**, o discurso de Lula vê os jornalistas como representação da imprensa, com quem ele mantém uma relação de amor e ódio: faz e recebe críticas ao mesmo tempo em que afirma ser a imprensa importante no processo democrático. No Fragmento 32.3, temos um exemplo de crítica que o Presidente faz à imprensa.

Fragmento 32.3

Heródoto Barbeiro - *Presidente, uma frase inteira que o senhor disse. E isso nós colocamos no ar lá no Jornal da Cultura. O senhor fazendo uma crítica dura à imprensa, o senhor agora está falando do Bolsa Família, está falando do Primeiro Emprego etc. como se nós não estivéssemos agindo de uma maneira equânime e noticiando os avanços que o senhor tem apresentado, que o senhor tem feito. Eu gostaria que o senhor nos dissesse o seguinte: o senhor acha que a imprensa está linchando o seu Governo? O senhor acha que a imprensa está só publicando coisas contrárias ao seu Governo? O senhor acha que a gente em vez de falar de economia, de juro etc. está aqui falando só de crise política? Que a gente vai para um ponto e volta para falar de crise política de novo? Essa é a avaliação que o senhor faz?* (i.150)

Presidente - *Não. Eu acho que a imprensa publica aquilo que os donos dos jornais, o diretor da redação entendem que deva ser publicado. Eu acho que tem coisas que deveriam ter um maior destaque e que não têm! Vou dar um pequeno exemplo com que eu fiquei indignado: o nosso Ministro da Educação foi ao Rio de Janeiro fazer um lançamento. Pela primeira vez na História do Brasil, nós produzimos livros em Braille para o Ensino Fundamental. E ele foi fazer o lançamento. Qual não foi minha surpresa, tinha inclusive artista de televisão, por conta da novela! Qual não foi minha surpresa que não saiu uma nota em nenhum jornal! É uma coisa inusitada você lançar livros em Braille para os estudantes brasileiros.* (i.151)

No Fragmento 33.3, temos um exemplo do reconhecimento da imprensa como importante no processo democrático do país.

Fragmento 33.3

Heródoto Barbeiro - *Então o senhor tem uma queixa contra a imprensa?* (i.152)

Presidente - *Veja! Possivelmente muitas. Mas tem uma coisa que eu sou obrigado a reconhecer: primeiro que nós não teríamos democracia se não fosse a imprensa. Com virtudes e com defeitos. Segundo, que eu não seria Presidente da República, se não fosse a imprensa. Com virtudes e com defeitos. Terceiro, a gente não teria uma nação com instituições tão consolidadas, se não fosse a imprensa. Com virtudes e com defeitos.* (i.153)

No entanto, o discurso de Lula faz mais críticas à imprensa, quando toca num ponto crítico: a citação de trechos que, quando reportados fora dos textos completos, originais, podem distorcer o discurso, tornando-o diferente do original. É o que podemos notar no Fragmento 34.3.

Fragmento 34.3

Augusto Nunes - *Presidente, então eu queria entender uma frase do senhor num dos improvisos recentes que o senhor fez. O senhor falou “Eles vão ter que me engolir”. Primeiro: engolir onde? Na Presidência, presumo. E eles quem?* (i.142)

Presidente - Ô Augusto, você está com uma mania de pegar só meia frase! (i.143)

Augusto Nunes - Não, eu só estou anotando as frases aqui, do senhor, todas. (i.144)

Presidente - Se você lesse a frase inteira do que eu falei você ia perceber que eu falei o seguinte... (i.145)

Augusto Nunes - O senhor não falou “Eles vão ter que me engolir”? (i.146)

Presidente - Não, você vai entender o que eu falei. Deixa eu lhe explicar o que eu falei. Se não, você pega uma palavra de uma frase ou de um discurso de meia hora, fica difícil. *Esse discurso foi feito em Garanhuns, por ocasião da inauguração da Universidade Federal de Garanhuns, e também pelo lançamento do PRONAF, em que eu disse o seguinte: “Eu duvido que alguém já tenha ouvido da minha boca eu dizer que sou candidato. Nem para minha mulher eu nunca disse! Entretanto, se eu decidir ser candidato, eles vão ter que me engolir!”* (i.147)

Augusto Nunes - *Eles quem?* (i.148)

Presidente - *Ah, os meus adversários!* (i.149)

Em **I_A (B2)**, o discurso de Lula constrói a imagem dos adversários políticos vendendo-os como personagens enunciadoras de um discurso incoerente:

Fragmento 35.3

(...) nós também temos visto comentários pela imprensa, temos lido artigos de jornais: pessoas de partidos de oposição dizendo que é preciso de qualquer jeito evitar que o Presidente Lula seja candidato à reeleição. Veja a ironia do destino: não tínhamos reeleição no Brasil. Tínhamos um mandato de cinco anos sem reeleição. Em 94, porque eu estava na frente nas pesquisas de opinião pública, o que que eles fizeram? Diminuíram o mandato. O que aconteceu? O Fernando Henrique Cardoso ganhou as eleições. O que aconteceu depois? Em 96 teve a tese da reeleição. Agora que sou o Presidente, e que ainda não decidi se vou ser candidato, portanto ninguém tem que ter medo se vou ser candidato ou não, porque não decidi, eu sempre vejo, através da imprensa, através da televisão e do rádio gente insinuando que seria bom que eu não fosse candidato outra vez. Eu não sei por que essa preocupação que eles têm com o instituto da reeleição, que foram eles que criaram. (i.16)

Em **I_A (B3)**, o discurso de Lula constrói a imagem que tem de seus aliados. Primeiramente ele demonstra a confiança que deposita neles e transfere para a personagem Roberto Jefferson a responsabilidade de ter levantado um embuste sobre outros deputados. Em seguida o Presidente separa em seu discurso personagens individuais, parlamentares

que teriam participado do “Mensalão”, do PT, personagem coletiva a que pertencem aquelas personagens individuais. Com isso ele sustenta a tese de que o governo não é apoiado por uma base corrupta, mas que alguns parlamentares da base aliada poderiam ter se desviado do caminho considerado reto. É o que vemos no Fragmento 36.3.

Fragmento 36.3

Augusto Nunes - *Presidente, uma dúvida que o Brasil tem pelo menos há seis meses é a seguinte: foi verdadeiro o relato do deputado Roberto Jefferson sobre o encontro que ele teve com o senhor em janeiro deste ano? Teria sido testemunhado pelos ministros — então ministros — José Dirceu, Aldo Rebelo e o ministro Walfrido dos Mares Guia. Ele diz especificamente: ele contou ao senhor o que se passava acerca das irregularidades do Congresso, o senhor teria ficado muito emocionado, teria até chorado e o senhor o abraçou agradecendo as informações que ele havia lhe passado. Isto aconteceu? (i.8)*

Presidente - *Veja: Aconteceu, aconteceu sem a presença do Zé Dirceu. Aconteceu na presença do Walfrido dos Mares Guia, aconteceu na presença do líder do PTB e do líder do Governo — o atual líder — Arlindo Chinaglia. Ora, na medida em que há essa insinuação ou essa afirmação de um deputado, o que que eu fiz? Nós tínhamos o Aldo Rebelo como líder do Governo no Congresso. Nós tínhamos o Arlindo Chinaglia como líder do PT e eu pedi aos dois que explicassem se era verdade. Eles categoricamente disseram que isso era uma peça de ficção. Que não existia “Mensalão” dentro do Congresso Nacional e pelo que consta até agora — Até agora! — não foi provado que há “Mensalão”. Tem 513 deputados e até agora o que foi cassado foi cassado porque contou uma inverdade sobre o Congresso Nacional. (i.11)*

[...]

Heródoto Barbeiro - *Presidente, esses partidos aliados ao senhor, eles continuam na base de apoio ao Governo, mesmo depois de ter arrastado o Governo para a crise que o país inteiro está acontecendo [sic] e levantado as suspeitas mais chocantes para a população brasileira, para a opinião pública? (i.114)*

Presidente - *Heródoto, continuam. E as pessoas que dentro desses partidos cometeram qualquer ato ilícito irão aparecer na investigação. E se aparecerem, essas pessoas serão punidas. (i.115)*

Relativamente ainda a **I_A (B3)**, Lula constrói a imagem de uma ordem de aliados: os partidários do PT que, assim como o Presidente, teriam sido traídos.

Fragmento 37.3

Muita gente imaginava que o PT estava morto e mais de 320.000 pessoas compareceram para votar na disputa interna do partido. (...) O partido tem muita força porque o partido sabe que [quem] cometeu uns equívocos foram alguns companheiros, não foi o conjunto do partido. E portanto as pessoas resolveram recuperar o patrimônio que criaram. Então isso me deixou feliz, porque mostra que o partido tá

vivo e tá disposto a brigar. Aqueles que erraram, Markun, pagarão dentro do PT. Você sabe que o PT não tem medo de punir companheiros. (...) Então eu acho que o PT precisa voltar a ser exemplo de boas práticas políticas (i.232)

Nesse fragmento, Lula projeta a imagem dos personagens partidários do PT que são relacionados ao tema da disposição a lutar e a “*punir companheiros*” responsabilizados por práticas ilícitas.

Em **I_A (B4)**, sobressai a imagem que o discurso de Lula constrói do público restante, ou seja, ele fala para um público que queria não só entender a crise do “Mensalão”, mas também ouvir do presidente as suas realizações no que se relaciona com a economia (**PSE**, sublinhado) e com as condições de vida (**PSCV**, em negrito), conforme podemos ver no Fragmento 38.3:

Fragmento 38.3

(...) Eu tenho certeza de que valeu a pena [ter sido eleito Presidente] porque nós estamos há 36 meses no Governo. Eu só posso comparar o meu Governo — sabe? — com aqueles que eu assumi depois deles [sic]. E eu tenho razões de sobra, razões de sobra para acreditar, um país que conseguiu o feito na economia que nós conseguimos, um país que conseguiu a geração de empregos que nós geramos, um país que conseguiu criar o programa Bolsa Família, um país que está com estabilidade, um país que viu o risco decrescer todo santo dia, um país que está colocando — sabe? — a parte mais pobre da população na ordem do dia, um país que conseguiu criar através do PROUNI, neste ano, 112.000 novas vagas na Universidade, das quais 38.000 vagas para afro-descendentes — sabe? —, para pobres da periferia, tem que acreditar que é possível. É possível! Eu posso te garantir uma coisa, Markun: estou com a minha consciência — sabe? — tranqüila de que estamos cumprindo o nosso dever. E estou com a consciência tranqüila também de que ser Presidente da República é ter problemas. É ter problemas! Cada vez mais e cada vez mais temos que estar preparados para resolver os problemas, até porque não há problema que não tenha solução. (i.234)

O Presidente Lula, nessa entrevista ao *Roda Viva*, além de construir discursivamente uma imagem positiva para si, procura construir a imagem de um país que, sob seu governo, melhorou muito em relação aos outros governos. Lula ao procurar mostrar isso, entra no campo discursivo social e econômico, como evidenciam o PSE e o PSCV também no Fragmento 39.3.

Fragmento 39.3

Paulo Markun - Esta pergunta é de Luciana Begoso Silva, de São Paulo, ela tem 28 anos e diz o seguinte: para que a economia cresça, será necessário que a partir de dezembro e durante todo o ano de 2006 os juros caiam. O senhor acredita que isso vai acontecer, e que a inflação será idêntica à de 2005, em 2006? (i.84)

Presidente - Primeiro, os juros já estão caindo, pouco mas já caíram. (i.85)

Paulo Markun - Bem pouco. (i.86)

Presidente - Mas vão cair, veja, porque sabe o que acontece na área econômica? E é importante essa senhora da Bahia fazer a pergunta, porque no Brasil nós sempre tivemos a experiência da mágica. Era raro um Ministro da Economia que não resolvesse inventar uma moda. E aí você vê Plano Verão, Plano Bresser, Plano Collor, e vai inventando e poucos meses depois isso não dá certo e a sociedade vai ficando com prejuízo atrás de prejuízo. Ora, o que nós estamos fazendo? Primeiro estamos dizendo para a sociedade brasileira que não tem mágica na política econômica. Tem seriedade e tem regras do jogo muito claras. E nós estamos conseguindo nesse instante o quê? Uma combinação de fatores positivos que há muitos anos não existia na economia brasileira. Você sabe que o Brasil, sempre quando decidiu exportar, asfixiava o mercado interno, ou, quando ele decidia crescer, a inflação ultrapassava os dois dígitos. O que que está acontecendo nesse momento na economia brasileira? Nós estamos com a economia crescendo, nós estamos com as exportações crescendo, estamos com o superávit de conta corrente crescendo, estamos com o superávit da balança comercial batendo recorde atrás de recorde, estamos com aumento da poupança interna, estamos com aumento da massa salarial, e estamos com o aumento do emprego. É importante lembrar que se você fizer um estudo da diferença dos trabalhadores demitidos e admitidos, ou seja, que é o CAGED, todos os trabalhadores que foram contratados foram comunicados ao Ministério do Trabalho, e todos que são mandados embora são comunicados ao Ministério do Trabalho, a diferença positiva em 8 anos do Governo passado foi de 8.000 mensais, a nossa média em 34 meses de governo são 107.000 empregos mensais, ou seja, mais de doze vezes mais de geração de postos de trabalho. Além disso, o que está acontecendo, a inflação está — sabe? — e vai ficar abaixo de 5 ou vai ficar 5 e nós temos a cesta básica, sabe?, diminuindo, ou seja, o poder de compra do trabalhador pode comprar mais cesta básica do que ele podia comprar anteriormente. Então o momento está no seguinte jogo: nós temos estabilidade econômica, nós temos geração de empregos, e tem o Bolsa Família, que é o maior programa de transferência de renda com condicionais do mundo, ou seja, atendendo, já este mês, oito milhões de famílias em todos os municípios brasileiros. (i.87)

Assim vai ficando clara a imagem que o Presidente Lula procura construir discursivamente de si e do país sob seu governo. Acrescentamos alguns outros exemplos de que a construção dessa imagem se faz pelo uso de estratégias de persuasão como o silenciamento (Fragmento 40.3), a seleção lexical (Fragmento 41.3) e a mobilização de personagens (Fragmento 42.3 e Fragmento 43.3).

Fragmento 40.3

Se você imaginar o que está surtindo de emprego nesse país o crédito consignado, se você imaginar o que está surtindo de emprego nesse país o dinheiro que estamos colocando na agricultura familiar brasileira, saímos de 4 bilhões para 9 bilhões de reais no Plano Safra 2005/2006, se você imaginar o que significa na geração de empregos a aprovação do Estatuto do Idoso que colocou mais três milhões no mercado, se você imaginar o que gera de emprego o micro crédito e as cooperativas que nós instituímos nesse país, quando chegar no final do mandato, e eu digo sempre, eu quero ser julgado no final do meu mandato... (i.93)

Quando o discurso de Lula anuncia investimentos de 9 bilhões de reais para a agricultura familiar, silencia os investimentos bem mais elevados na agricultura comercial, conforme podemos constatar nesta notícia veiculada pela Radiobras:

São Paulo – O Plano Agrícola e Pecuário 2005/2006 (Plano Safra) vai disponibilizar R\$ 53,35 bilhões em crédito rural para a próxima safra, sendo R\$ 44,35 bilhões para a agricultura comercial e **R\$ 9 bilhões para a agricultura familiar**, o que representa um crescimento de 12,4% sobre o volume de recursos da safra 2004/2005. O anúncio foi feito hoje, nesta capital, durante o 4º Congresso Brasileiro de Agribusiness, promovido pela Associação Brasileira de Agribusiness (Abag). (...)

(PEREIRA, Liésio. *Safra 2005/2006 terá financiamento de R\$ 53,35 bilhões*. 24 jun. 2005. Radiobras/Agência Brasil. Disponível em http://www.radiobras.gov.br/materia_phtml?materia=230373&editoria=EC. Acesso em 21 jul. 2007.)

No texto jornalístico, também identificamos o **PSE** (sublinhado) e o **PSCV** (em negrito). No Fragmento 40.3, o discurso do Presidente Lula serve, principalmente, para evidenciar resultados de sua política social e econômica, tanto é que, juntamente com os postos de trabalho gerados pela agricultura familiar, são mencionados os empregos decorrentes da aprovação do Estatuto do Idoso e da liberação de crédito consignado. O confronto do Fragmento 40.3 com a notícia da Radiobrás revela o descompasso silenciado no discurso de Lula: a política econômica destina 44,35 bilhões de reais para – poucos – grandes produtores rurais e 9 bilhões de reais a milhões de pequenos produtores.

Dando continuidade à identificação do **PSE**, observemos, com relação à promessa eleitoral da geração de 10 milhões de empregos, o que o discurso de Lula diz:

Fragmento 41.3

(...) vamos chegar ao máximo [de empregos] que foi criado nesses últimos 22 anos, porque quando nós falamos de economia, nós não podemos ter a memória curta, e vocês são homens que formam a opinião pública e têm que lembrar o seguinte: nós tivemos 22 anos, eu vou repetir, 22 anos de estagnação ou de crescimento muito medíocre. (...) uma geração de brasileiros, desde 1980 a 2002, foi formada com crescimento ou zero, ou crescimento muito baixo. Nós, nesses três anos, estamos crescendo o que o Brasil não cresceu nos últimos 20 anos. (i.95)

Nessa fala, o Presidente, ao usar a expressão “ao máximo”, restringida pela oração “que se criou nesse país nos últimos 22 anos”, tende a desvincular-se do compromisso de gerar no Brasil, em quatro anos de mandato presidencial, 10 milhões de empregos. A partir dos temas do emprego e do crescimento econômico, no Fragmento 41.3, identificamos o **PSCV** e o **PSE**, respectivamente, além do sempre presente **PSRP**. Embora a pergunta do jornalista (“**O senhor vai chegar a esse número** [10 milhões de empregos]?” (i.94) permita uma resposta que abranja o **PSCV** e o **PSE**, e exija ênfase no primeiro percurso semântico, Lula constrói sua resposta estrategicamente centrada no **PSE**. Em outros termos, o Presidente enfatiza genericamente o crescimento econômico, e não, dentro dele, o crescimento específico dos postos de trabalho.

O **PSCV**, destacado em negrito, pode ser identificado a partir de temas como trabalho, educação, saúde e combate à fome, conforme mostraremos a partir da análise dos dois fragmentos seguintes.

Fragmento 42.3

Paulo Markun - Márcio Batista, do Espírito Santo, de 25 anos, pergunta o seguinte: *por que o Programa Primeiro Emprego não decolou?* (i.132)

Presidente - *Na verdade, ele decolou! Nós fizemos uma lei primeiro que era quase impeditiva. Depois o ministro Jacques Wagner propôs a mudança da própria lei; e hoje nós temos o Primeiro Emprego. É só você visitar o Ministério do Trabalho e conversar com o Ministro Luís Marinho que você vai perceber o que significa o Consórcio da Juventude, que é uma coisa que tem gerado muito emprego. O Primeiro Emprego tem várias formas de você poder apresentá-lo. Nós temos um programa para a juventude que envolve Pró-Jovem, que envolve escola de fábrica, que envolve outros programas de vários ministérios que ao todo vão envolver 980.000 jovens — sabe? —, nós estamos propondo a eles voltarem a estudar, aprender uma profissão e, enquanto eles estudam e aprendem a profissão, nós*

pagamos uma espécie de salário para eles, que vai de 150 a 100 reais. Nós estamos pagando. Em alguns casos, os jovens estão fazendo trabalho comunitário. Isso é em convênio com as prefeituras. Parece que em São Paulo deve ter por volta de 30.000 jovens, no Rio de Janeiro por volta de 29.000 jovens, em Pernambuco, em Recife, deve ter por volta de 7.000 jovens, ou seja, todas as capitais, uma parceria entre o Governo Federal e as prefeituras, nós estamos fazendo um programa para que a gente possa dar ao jovem sobretudo a formação profissional para que ele possa adentrar ao mercado de trabalho. A segunda coisa que eu acho muito importante, que eu acho que está acontecendo no mesmo momento no Brasil, é o PC conectado, ou seja, nós defendemos um programa especial em que nós queremos colocar no mercado um milhão de computadores para as famílias mais pobres. Aquelas famílias mais pobres que forem comprar um computador até 2.500 reais, esse computador não vai ter PIS, não vai ter COFINS e mais ainda, essa família pobre vai poder comprar esse computador com prestações que variam de, eu acho, de 60 ou 70 reais, para pagar em 24 ou 36 meses, porque nós achamos que a partir daí nós estaremos tendo a oportunidade do Brasil se transformar num país onde a informática não será problema para a nossa juventude. (i.133)

A partir da referência semanticamente figurativa a temas como trabalho e educação em “Consórcio da Juventude”, “Pró-Jovem” e “PC conectado”, o jovem é mobilizado como personagem central nessa intervenção do Presidente Lula. É o que revelam trechos tais como: **“enquanto ele estuda e aprende a profissão, nós pagamos (...) de 150 a 100 reais”** e **“dar ao jovem sobretudo a formação profissional para que ele possa adentrar ao mercado de trabalho”**.

Esse aspecto do investimento na melhoria das condições de vida está associado à inclusão digital. As referências figurativas ao programa PC conectado e à redução das alíquotas de PIS e COFINS para a compra de computadores apontam para os temas da educação e do trabalho. Lula estaria assim mostrando seus planos de investimento que possibilitariam a inclusão dos jovens no mundo da educação e do trabalho.

Outros dois temas importantes para o PSCV são o combate à fome e a distribuição de renda, conforme mostra o fragmento 43.3.

Fragmento 43.3

Mas pela primeira vez nós estamos colocando o pobre na agenda mundial. Pela primeira vez eu sou convidado a Davos... Eu nunca pensei em participar do G8, porque o Brasil tinha caído, e colocar a questão da fome. Discutir a fome com os Presidentes dos países mais importantes do mundo! De re-

pena você ter apoio de presidentes importantes, de repente hoje não tem uma reunião internacional em que a questão da fome não seja colocada, e o Bolsa Família seja pego como exemplo! Então isso é uma coisa importante, sabe por quê? Porque a fome, as pessoas têm vergonha de dizer que têm fome. E somente quem sentiu sabe o que é a dor de um estômago vazio! O Programa Luz para Todos é um programa extraordinário! Você, em Ilha Solteira, você encontra casas a poucos quilômetros numa ilha que não tinha luz! Nós assumimos o compromisso de até 2008 garantir através de parcerias, 80% do Governo Federal, o restante dos Governos estaduais, luz na casa. Quando você leva um pingo de luz, você está tirando a pessoa das trevas! Uma mulher em Vitória da Conquista falou assim para mim, “Presidente, sabe a primeira coisa que eu vou fazer?” Eu pensei que ela fosse comprar uma televisão. “Eu vou comprar um liquidificador.” Eu falei “Mas por quê?” “Para mim fazer suco, fazer sorvete e vender na feira.” O que para nós que moramos nas cidades grandes — sabe? — não tem a mínima importância, para a gente pobre desse país tem um valor extraordinário! Por isso é que o Bolsa Família — sabe? — finalmente está sendo compreendido por alguns aqui dentro, e já foi compreendido no mundo como o maior programa de transferência de renda com condicionalidades. A mãe tem que colocar o filho na escola, a mãe tem que dar vacina, e a mãe se estiver grávida tem que fazer os exames necessários! Não é pouca coisa isso! (i.219)

Nessa intervenção, o Presidente Lula apresenta-se como a personagem responsável por levar à agenda internacional o tema do combate à fome, como mostra a passagem “*não tem uma reunião internacional em que a questão da fome não seja colocada, e o Bolsa Família seja pego como exemplo*”. Ao citar os programas Bolsa Família e Luz para Todos, Lula procura evidenciar figuras relacionadas ao tema da saúde e, novamente, ao tema da educação, na referência às “condicionalidades” do programa Bolsa Família.

A palavra “condicionalidades” tem um sentido específico quando Lula, em seu discurso, fala de investimentos na melhoria das condições de vida. Esta palavra significa aí as condições necessárias para que as famílias mais pobres possam receber o Bolsa Família, isto é, “**A mãe tem que colocar o filho na escola, a mãe tem que dar vacina, e a mãe se estiver grávida tem que fazer os exames necessários!**” (i.219). Neste trecho, podemos notar um implícito subentendido: quando Lula enfatiza “condicionalidades” e afirma que alguns já estão entendendo o Bolsa Família, como mostra o trecho “**Por isso é que o Bolsa Família (...) finalmente está sendo compreendido por alguns aqui dentro, e já foi compreendido no mundo como o maior programa de transferência de renda com**

condicionalidades”, está dizendo implicitamente (subentendido) que o Bolsa Família não é um programa assistencialista de seu governo, como afirmam alguns críticos de seu governo.

Lula também diz em seu discurso que governa para todos, e que estaria melhorando as condições de vida de uma camada bem pobre da população brasileira, cujas necessidades de sobrevivência poderiam ser parcialmente atendidas com pequenas conquistas possibilitadas por programas de investimento na melhoria das condições de vida, como mostra o Fragmento 44.3.

Fragmento 44.3

Uma mulher em Vitória da Conquista falou assim para mim, “Presidente, sabe a primeira coisa que eu vou fazer?” Eu pensei que ela fosse comprar uma televisão. “Eu vou comprar um liquidificador.” Eu falei “Mas por quê?” “Para mim fazer suco, fazer sorvete e vender na feira.” O que para nós que moramos nas cidades grandes — sabe? — não tem a mínima importância, para a gente pobre desse país tem um valor extraordinário! (i.219)

Por meio do **PSCV** vemos que Lula procura, em seu discurso, criar para si a imagem de um presidente que governa preferencialmente para uma personagem específica: os mais pobres da população. E que tenta assim aumentar sua popularidade e a aceitação de seu governo. O que tenderia a amenizar as críticas que vinha sofrendo devido à crise do “Mensalão”.

Para não nos atermos à entrevista ao *Roda Viva*, vamos mostrar como podemos perceber a construção da imagem nos outros pronunciamentos presidenciais selecionados nesta dissertação. Reutilizaremos o que Pêcheux propõe para as formações imaginárias, conforme fizemos no início deste capítulo, que aqui se apresentará ligeiramente adaptado conforme o seguinte esquema:

I_A (A) – imagem que Lula constrói discursivamente de si mesmo;

I_A (B1) – imagem que o discurso de Lula constrói da imprensa;

I_A (B2) – imagem que o discurso de Lula constrói dos adversários políticos;

I_A (B3) – imagem que o discurso de Lula constrói dos aliados;

I_A (B4) – imagem que o discurso de Lula constrói do povo.

Considerando o pronunciamento de posse, transcrito no “Capítulo 2” (p. 28), vemos que, em I_A (A), Lula se apresenta como o que vem recuperar a dignidade dos mais necessitados, pois de início diz que vai atender àqueles que necessitam do Estado, segundo vemos em “*nós iremos recuperar a dignidade do povo brasileiro, recuperar a sua auto-estima e gastar cada centavo que tivermos que gastar, na perspectiva de melhorar as condições de vida de mulheres, homens e crianças que necessitam do Estado brasileiro*” (linhas 16-18).

Em I_A (B1), ao mesmo tempo em que Lula relembra a intranqüilidade que a imprensa lhe causou durante a campanha eleitoral de 2002, reconhece-a como elemento constitutivo da democracia: “Meus agradecimentos à imprensa, que tanto perturbou a minha tranqüilidade nessa campanha e nesses dois meses, mas *sem a qual a gente não iria consolidar a democracia no país*” (linhas 66-68).

Em I_A (B2), ao prometer reformas – “*tenho a certeza e a convicção de que nenhum momento difícil, nessa trajetória de quatro anos, irá impedir que eu faça as reformas que o povo brasileiro precisa que sejam feitas*” (linhas 11-12) –, Lula deixa implícita, subentendida, a crítica aos adversários políticos, gerando uma imagem negativa deles, que governaram por 8 anos antes de Lula e não teriam feito as reformas.

No pronunciamento de posse, Lula silencia sobre o apoio de aliados, e em seu discurso trata o povo como o único responsável por sua vitória: “*eu quero assumir, aqui, nessa tribuna, na frente do povo, que é o único responsável pela minha vitória e pelo fato de eu estar aqui, hoje, tomando posse*” (linhas 33-35). O povo é assim apresentado como aliado, cuja imagem construída discursivamente por Lula é a de pessoas que precisam de edu-

cação, saúde, reforma agrária, previdência social e, sobretudo, de comida. Logo, em **I_A (B3)**, a imagem de aliados é de carentes e de confiantes em Lula, porque depositaram nele toda a esperança de melhoria de suas condições de vida.

Em **I_A (B4)**, Lula constrói discursivamente a imagem de povo como partícipe da responsabilidade de governar o Brasil. Assim, ao mesmo tempo em que Lula constrói para si a imagem de um Presidente democrático, constrói a imagem de um povo que deve se empenhar para que o país melhore e não veja na imagem do Presidente o único responsável por cuidar do Brasil e dirigi-lo: *“eu não vacilarei em pedir a cada um de vocês: me ajude a governar, porque a responsabilidade não é apenas minha, é nossa, do povo brasileiro, que me colocou aqui.”* (linhas 68-70)

Voltando-nos agora para o pronunciamento na 11ª Reunião Ministerial, transcrito no “Capítulo 3” (p. 36), temos, de acordo com o jogo de imagens:

I_A (A) – a imagem que Lula constrói discursivamente de si mesmo;

I_A (B1) – a imagem que o discurso de Lula constrói de seu governo;

I_A (B2) – a imagem que o discurso de Lula constrói dos adversários políticos;

I_A (B3) – a imagem que o discurso de Lula constrói dos aliados;

I_A (B4) – a imagem que o discurso de Lula constrói do povo.

Em **I_A (A)**, Lula, em seu discurso, constrói para si a imagem de um presidente traído por *“práticas inaceitáveis”* e inocente, pois afirma não ter tido conhecimento de tais práticas. Para reforçar a idéia de traição, Lula resgata sua imagem na história da fundação do Partido dos Trabalhadores, criando a imagem de líder sempre fiel aos ideais do partido, conforme comprova o fragmento abaixo:

Fragmento 45.2

Ajudei a criar esse partido e, vocês sabem, perdi três eleições presidenciais e ganhei a quarta, mantendo-me sempre fiel a esses ideais, tão fiel quanto sou hoje. Quero dizer a vocês, com toda a franqueza, eu me sinto traído. Traído por práticas inaceitáveis das quais nunca tive conhecimento. Estou indigna-

do pelas revelações que aparecem a cada dia, e que chocam o país. O PT foi criado justamente para fortalecer a ética na política e lutar ao lado do povo pobre e das camadas médias do nosso país. Eu não mudei e, tenho certeza, a mesma indignação que sinto é compartilhada pela grande maioria de todos aqueles que nos acompanharam nessa trajetória. (linhas 39-45).

Em **I_A (B1)**, o discurso de Lula constrói a imagem de um governo que vem batendo recordes na área econômica e melhorando as condições de vida das pessoas, conforme podemos ver em

Fragmento 46.2

Voltamos a crescer, mas desta vez de maneira sustentável, com inflação baixa e, o que é mais importante, gerando milhões de empregos no campo e nas cidades. Tenho certeza de que o povo sente a diferença, o país está mudando para melhor.

A inflação é a menor dos últimos cinco anos, a produção industrial registra aumentos sucessivos. Na balança comercial as exportações ultrapassam a casa dos 110 bilhões de dólares nos últimos doze meses. É o melhor resultado da nossa história. (linhas 11-16).

Em **I_A (B2)**, Lula constrói em seu discurso a imagem de seus adversários políticos. Agora notamos uma imagem construída com a estratégia de mostrar que o papel da oposição é ajudar o Presidente a administrar a crise política. É o que podemos ver em

Fragmento 47.2

Quero dizer aos Ministros que é obrigação do governo, da oposição, dos empresários, dos trabalhadores e de toda a sociedade brasileira não permitir que esta crise política possa trazer problema para a economia brasileira, para o crescimento deste país, para a geração de empregos e para a continuidade dos programas sociais. (linhas 60-63).

Em **I_A (B3)**, Lula constrói em seu discurso a imagem dos aliados políticos. Ao admitir-se traído (linha 41), Lula constrói a imagem de um grupo de aliados vulnerável, pois alguns não estariam agindo com ética. É o que vemos em:

Fragmento 48.2

Determinei, desde o início, que ninguém fosse poupado, pertença ao meu Partido ou não, seja aliado ou da oposição. Grande parte do que foi descoberto até agora veio das investigações da Polícia Federal. (linhas 51-52)

Mesmo sem prejudgá-los, afastei imediatamente os que foram mencionados em possível desvio de conduta, para facilitar todas as investigações. (linhas 55-56)

Em **I_A (B4)**, Lula constrói a imagem do povo não só como indignado, mas também como tendo esperanças no Brasil. Assim, Lula retoma **I_A (A)**, apresentado-se implicitamente em seu discurso como um líder que, apesar da crise política, poderia continuar levando o Brasil ao crescimento.

Fragmento 49.2

O governo, onde errou, tem que pedir desculpas, porque o povo brasileiro, que tem esperança, que acredita no Brasil e que sonha com um Brasil com economia forte, com crescimento econômico e distribuição de renda, não pode, em momento algum, estar satisfeito com a situação que o nosso país está vivendo. (linhas 68-71)

Eu sei que vocês estão indignados e eu, certamente, estou tão ou mais indignado do que qualquer brasileiro. E nós iremos conseguir fazer com que o Brasil consiga continuar andando para frente, marchando para o desenvolvimento, para o crescimento da riqueza e para a distribuição de renda. (linhas 72-75).

CAPÍTULO 6

Conclusões

Em nossa dissertação, identificamos os principais percursos semânticos do intra-discurso e as principais oposições constitutivas do interdiscurso. Como um percurso semântico é um conjunto de temas e/ou figuras, aqueles que evidenciamos nesta dissertação foram obtidos a partir dos seguintes temas: educação, saúde, combate à fome, geração de emprego e distribuição de renda (para o **PSCV**); crescimento econômico, geração de emprego e distribuição de renda (para o **PSE**); história de lutas, ética, democracia e crise política (para o **PSRP**); e participação divina (para o **PSRR**).

Um percurso semântico pode se sobrepor a outro; por exemplo: geração de emprego não se apresenta só no **PSCV**, mas também no **PSE**, que se encontra implícito no crescimento econômico: este tema é relacionado a melhorias tanto para personagens empresários quanto para trabalhadores. É o que vemos no trecho “**esse computador não vai ter PIS, não vai ter COFINS**” (Fragmento 42.3, p. 89), em que no **PSE** está implícito (subentendido) o aumento na produção e na comercialização de computadores, e no **PSCV** está subentendida a possibilidade de pessoas de baixa renda poderem comprar um computador.

É o que notamos também em “**o dinheiro que estamos colocando na agricultura familiar brasileira, saímos de 4 bilhões para 9 bilhões de reais no Plano Safra 2005/2006**” (Fragmento 40.3, p. 87)

Se o governo está investindo dinheiro, ocorre o **PSE**; se esse dinheiro destina-se à agricultura familiar, ocorre também o **PSCV**, uma vez que a agricultura familiar relaciona-

se às condições de vida, por mais pessoas terem acesso a alimento, tanto para sua subsistência quanto para a produção de trabalho e renda.

A apreensão de aspectos intra e interdiscursivos dos pronunciamentos de posse (“Capítulo 2”), da 11ª reunião ministerial (“Capítulo 3”) e da entrevista ao programa *Roda Viva* (“Capítulo 4”) permitiu-nos algumas outras conclusões. A principal é sobre a imagem que o Presidente Lula constrói de si e do país sob seu governo. A princípio, na cerimônia de posse, em janeiro de 2003, Lula constrói discursivamente para si a imagem de porta-voz e conhecedor dos anseios de milhões e milhões de brasileiros e brasileiras. Depois, já em seu segundo ano de governo, envolto pela crise política denominada crise do “Mensalão”, Lula constrói para si a imagem de um líder indignado e traído, por um lado, e, por outro, interessado em solucionar a crise a fim de garantir condições éticas para governar. Ainda no contexto da crise política, Lula, em entrevista ao *Roda Viva*, mantém, discursivamente, a imagem de líder traído. Mas quando questionado pelos entrevistadores, reforça a imagem de um Presidente atento às leis, partindo sempre da premissa de que, num país onde prevalece o estado de direito, todo cidadão é inocente até que se prove o contrário. No que tange à visão que o Presidente constrói do Brasil, constatamos que procura construir discursivamente a imagem de um país que, sob seu governo, melhorou muito em relação aos outros governos.

Nos três pronunciamentos presidenciais selecionados nesta dissertação, as imagens provêm dos percursos semânticos mais recorrentes e mais importantes, que são o **PSCV**, cujo traço discursivo é /dignidade/, o **PSE**, com o traço discursivo /desenvolvimento/, e o **PSRP**, que tem como traço discursivo /poder/. Além desses, há ocorrência também do **PSRR**, com o traço discursivo /fé/.

Nesta dissertação, mostramos as relações entre os percursos semânticos do intra-discurso e as oposições constitutivas do interdiscurso. Depois desse passo, explicitamos as

estratégias discursivas de persuasão ideológica mais relevantes para o discurso considerado: seleção lexical, mobilização de personagens discursivas, silenciamento, relações entre explícitos e implícitos. Foi então que pudemos mostrar a imagem que o Presidente Lula constrói de si e do país sob seu governo.

Tais imagens concentram-se principalmente no **PSCV** e no **PSE**, que contêm relatos de sucesso na melhoria das condições de vida da personagem povo brasileiro, assim como avanços no desenvolvimento econômico do país.

Concluimos também que, diante da crise política do “Mensalão”, Lula procura manter uma postura de quem sempre se manteve coerente com a história do PT. Esta postura assegura a Lula sua defesa diante da crise, uma vez que ele constrói discursivamente para si a imagem de personagem guardião dos princípios éticos do PT, dos quais alguns personagens partidários se teriam desviado.

Isso se relaciona ao conjunto de personagens discursivas que se associam aos percursos semânticos. Os principais personagens são: Luiz Inácio Lula da Silva — que aparece nos textos aqui selecionados como enunciador-personagem —, povo brasileiro, PT, Polícia Federal, sociedade brasileira democrática, Delúbio Soares, José Dirceu, ministros, governo, oposição, empresários e trabalhadores. Em trechos do discurso de Lula, como quando ele tem que falar de traição, tornam-se apenas implícitos alguns personagens. Exemplo é o personagem José Dirceu. Conforme podemos ver em

Por que eu fui traído? Porque alguns companheiros, alguns companheiros — e eu não quero fazer pré-julgamento nem citar nomes (...) — tiveram um comportamento que não se coadunava com a história do PT. (“Capítulo 4”, Fragmento 28.3, i.18, p. 76)

Esse exemplo remete-nos ao “Mensalão”, e José Dirceu é o personagem acusado de chefiar esse esquema de corrupção. Embora o discurso de Lula admita que personagens do PT tenham se desviado de princípios atribuídos ao partido, recusa-se a explicitamente no-

mear os possíveis responsáveis pelo desvio. Esse procedimento é estratégico, pois Lula tem uma história política construída com as personagens acusadas de envolvimento com corrupção, como José Dirceu. O discurso do Presidente é estrategicamente construído, uma vez que se vale do lugar de quem fala. O discurso de Lula distancia-se, pelo menos nos pronunciamentos, de personagens com quem Lula partilhava a hegemonia no PT: o então denominado “campo majoritário” do partido, do qual faziam parte tanto o próprio Lula quanto José Dirceu, entre outras personagens envolvidas no “Mensalão”.

Nos implícitos (pressupostos ou subentendidos), vimos posicionamentos tomados por Lula em seu discurso, como a relação com aqueles discursos contra os quais ele se posiciona. É o que mostramos em exemplos como o trecho do pronunciamento de Lula na cerimônia de assinatura do Termo de Implantação do pólo minero-siderúrgico de Corumbá (“Capítulo 1”, trecho citado na p. 19). Nesse trecho Lula critica de forma implícita o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, que teria interpretado a participação no grupo de nações denominado G20 como um rompimento com os EUA e com a União Européia.

A partir dos implícitos pudemos mostrar também que Lula reconhecia como verdadeiras algumas acusações feitas a seu governo quando na crise do “Mensalão”. É o que vimos em “*Quero dizer a vocês, com toda a franqueza, eu me sinto traído*” (“Capítulo 3”, Fragmento 22.2, p. 43). Fica pressuposta a afirmação de que houve traidores e fica subentendido algum valor de verdade nas acusações, já que o Presidente reconhece ter havido traição.

Lula também constrói em seu discurso a imagem de um político moderado, que se teria sempre primado pelas conciliações, como na entrevista concedida ao programa *Roda Viva*.

(...) você veja que *hoje o Brasil tem uma posição de liderança na América do Sul, na América Latina, o Brasil muitas vezes é convidado pelo Chavez a resolver problemas dele com os Estados Unidos, e ao*

mesmo tempo nós somos convidados pelos Estados Unidos para resolver problemas com o Chavez. E aí eu lembro da minha história política, quando eu surgiu no movimento sindical, algumas pessoas do Partido diziam “esse cara é agente da CIA”; e os de direita diziam “ele é comunista”. Então eu acho que sempre me portei como aquelas pessoas que se definem como o caminho do meio, ou seja, o Brasil joga um papel na sua política externa como jamais jogou em qualquer outro momento de sua História. E não por causa do Presidente Lula, não por causa do Itamaraty (...) (“Capítulo 4”, i.79, p. 55).

E é inegável que, entre as características da imagem que Lula constrói para si, uma é posta em evidência: a de um presidente que procura privilegiar o social. Como mostramos na análise do **PSCV** (p. ex. “Capítulo 3”, Fragmento 20.2, p. 40). O **PSCV**, com o traço discursivo */dignidade/*, opõe-se, no nível do interdiscurso, a percursos semânticos de discursos indiferentes ou contrários a condições dignas de vida para todas as pessoas. E Lula, em diferentes pronunciamentos, evidencia por exemplo o combate à fome, tanto no Brasil, por meio de programas como o Fome Zero e o Bolsa Família, quanto no exterior, como em Davos, para os representantes do G8.

Por fim, mostramos nesta pesquisa, no plano teórico, relações entre os níveis inter e intradiscursivo que compõem o discurso. No plano da análise, descrevemos parte do discurso do Presidente Lula e identificamos alguns entre os principais sistemas de oposição em que esse discurso se insere. Isso foi possível a partir da identificação, no intradiscorso, dos principais percursos semânticos presentes nos pronunciamentos aqui selecionados, que, por sua vez, nos possibilitaram explicitar aspectos da ideologia que o Presidente Lula defende por meio de seu discurso. Sua ideologia foi identificada também a partir das oposições constitutivas do interdiscurso, que vislumbraram outros discursos, a que o de Lula se opõe.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail M. / Valentin. N. VOLOSHINOV. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Trad. Michel Lahud; Yara F. Vieira 8ed. São Paulo: Hucitec, 1997 [1929].

BORGES NETO, João Machado. Governo Lula: uma opção neoliberal. In: PAULA, João Antônio de (org.). *Adeus ao desenvolvimento: a opção do governo Lula*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 69-91.

CHARAUDEAU, Patrick. MAINGUENEAU, Dominique (Orgs). *Dicionário de análise do discurso*. Trad. Fabiana Komesu (coord.). São Paulo: Contexto, 2004 [2002].

CHARAUDEAU, Patrick. Uma teoria dos sujeitos da linguagem. In: MARI, H. et. alii. *Análise do discurso: fundamentos e práticas*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2001, p. 23-38.

DUCROT, Oswald. Pressupostos e subentendidos (reexame). In: *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987 [1978].

FARIA, Antônio Augusto Moreira de. Interdiscurso e intradiscurso: da teoria à metodologia. In: MENDES, Eliana; OLIVEIRA, Paulo; BENN-IBLER, Veronika. (Org.), *O novo milênio: interfaces linguísticas e literárias*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2001a, p.31-7.

FARIA, Antônio Augusto Moreira de. Interdiscurso, intradiscurso e leitura. O caso de *Germinal*. In: MARI, Hugo; MACHADO, Ida Lúcia; MELLO, Renato de (Org.). *Análise do discurso: fundamentos e práticas*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2001b, p. 241-87.

FARIA, Antônio Augusto Moreira de. LINHARES, Paulo de Tarso Frazão Soares. O preço da passagem no discurso de uma empresa de ônibus. In: MACHADO, I. L. (Org.). *Análises de discursos: sedução e persuasão (Caderno de Pesquisa n.º 13)*. Belo Horizonte: NAPq FALE/UFMG, 1993.

FARIA, Antônio Augusto Moreira de. *Sobre Germinal: interdiscurso, intradiscurso e leitura*. São Paulo: USP [Tese de Doutorado em Linguística], 1999.

FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 1989.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. 7ed. São Paulo: Ática, 2002 [1988].

FIORIN, José Luiz. *O regime de 1964: discurso e ideologia*. São Paulo: Atual, 1988.

FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. *Lições de texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática, 1996.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Cultrix, s.d. [1979].

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *L'implicite*. Paris: Armand Colin, 1986.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez Editora, 1984.

MACHADO, Ida Lúcia. Análise do Discurso e Seus Múltiplos Sujeitos. In: MACHADO, I., L. CRUZ, A. R., LYSARDO-DIAS, D. *Teorias e práticas discursivas. Estudos em Análise do Discurso*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, Carol Borges, 1998.

MAGDOFF, Harry. *Imperialism: from the Colonial Age to Present*. Nova York: Monthly Review Press, 1978.

MAINGUENEAU, Dominique. Discursivo (nível). In: CHARAUDEAU, Patrick. MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. Trad. Fabiana Komesu (coord.). São Paulo: Contexto, 2004 [2002], p. 168-72.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. Trad. Sírio Possenti. Curitiba: Criar, 2005 [1984].

MAINGUENEAU, Dominique. *Genèses du discours*. Bruxelles: Pierre Mardaga, 1984.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Trad. Freda Indursky. 3ed. Campinas: Pontes, 1997 [1987].

MAINGUENEAU, Dominique. *Pragmática para o discurso literário*. Trad. Marina Apenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1996 [1990].

MAINGUENEAU, Dominique. *Termos-chave da análise do discurso*. Trad. Márcio Venício Barbosa, Maria Emília Amarante Torres Lima. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998, [1996].

MARI, Hugo. Atos de fala no discurso de candidatos à prefeitura de Belo Horizonte: análise da promessa e da crítica. In: MACHADO, I., L. CRUZ, A. R., LYSARDO-DIAS, D. *Teorias e práticas discursivas: estudos em Análise do Discurso*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso da FALE-UFMG, Carol Borges, 1998.

MELLO, Renato de. Inter-subjetividade e enunciação. In: MARI, H. et alii. *Análise do discurso: fundamentos e práticas*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2001.

MENEZES, Willian Augusto. Entre a “mudança” e a “conservação”: proposta de análise contrastiva de dois discursos de FHC. In: MACHADO, I., L. CRUZ, A. R., LYSARDO-DIAS, D. *Teorias e práticas discursivas: estudos em Análise do Discurso*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso da FALE-UFMG, Carol Borges, 1998.

MÉSZÁROS, István. *O poder da ideologia*. Trad. Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004 [1989].

ORLANDI, Eni Puccinelli. Silêncio e implícito: produzindo a monofonia. In: GUIMARÃES, Eduardo (Org.). *História e sentido na linguagem*. Campinas: Pontes, 1989.

PÊCHEUX, Michel. “Análise automática do discurso”. [1969] In: GADET, Françoise. HAK, Tony. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. Betânia Mariani (et. al.). 3ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

PERELMAN, Chaim. OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1996 [1958].

RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2000 [1975].

ROBIN, Régine. *História e linguística*. São Paulo: Cultrix, 1978 [1973].

SINGER, André. *O PT*. São Paulo: Publifolha, 2001 (Coleção Folha Explica).

SOARES, Edna Aparecida Lisboa. *A argumentação retórica no discurso político de Lula - Presidente: um estudo dos valores e das hierarquias*. Belo Horizonte, UFMG [dissertação de Mestrado em Linguística], 2005.